

FÁBIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA

NA BARRIGA DO MONSTRO

Equipamentos coletivos insurgentes em uma Universidade Pública.

ASSIS

2018

FÁBIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA

NA BARRIGA DO MONSTRO

Equipamentos coletivos insurgentes em uma Universidade Pública.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Profa. Dra. Dolores C. G. Galindo

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- BRASIL- (CAPES)- Código de Financiamento 001

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. - Assis - Unesp

S586n Silva, Fábio Henrique Martins da
Na barriga do monstro: equipamentos coletivos insurgentes
em uma Universidade Pública / Fábio Henrique Martins da
Silva. Assis, 2018.
149 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Dolores Cristina Gomes Galindo

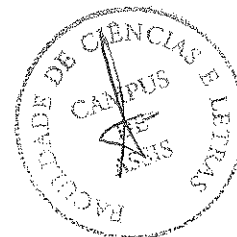
1. Psicologia social. 2. Estudantes universitários.
3. Universidades e faculdades. 4. Subjetividade. I. Título.

CDD 301.1



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: NA BARRIGA DO MONSTRO: Equipamentos coletivos insurgentes em uma Universidade Pública

AUTOR: FÁBIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA

ORIENTADORA: DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO
UNESP / Assis

Prof. Dr. SAULO LUDERS FERNANDES
UFAL / Alagoas

Prof. Dr. RAFAEL SIQUEIRA DE GUIMARÃES
UFSB / Itabuna

Assis, 11 de outubro de 2018

A notícia de que um grupo de catadores de açaí teriam avistado um mapinguari na Reserva Florestal Sumaúma deixou os moradores da Vila dos Pescadores apavorados. Localizada na cabeceira da ponte sobre o rio Jamari, há cerca de 85 quilômetros de Porto Velho, a Vila dos Pescadores é formada por mais de 30 famílias, todas sobreviventes da pesca e da extração do açaí.

O fato aconteceu no início do mês de setembro [de 2014], quando um grupo de extrativistas foram [sic] realizar a coleta do açaí no rio Japiim, onde fica localizada a Reserva Sumaúma, próximo a uma grande Serra. De acordo com um dos extrativistas, que prefere não se identificar, essa é uma viagem muito perigosa, pois são cerca de 5 horas de viagem de motor Rabeta para chegar lá. “Na Reserva Sumaúma é onde está a maior quantidade de açaí silvestre, mas por ser uma mata onde ninguém adentrou, ficamos expostos a vários riscos, entre os quais, inúmeras espécies de cobras e onças”, afirma.

Para outro catador que fazia parte do grupo, tudo teria começado quando eles ouviram um grito floresta adentro. “Comecei a imitar o grito e percebi que o som se aproximava de nós. Foi quando começamos a ouvir um forte estralo e de maneira intermitente. Nesse momento, apareceu uma criatura de cor escura e de aproximadamente dois metros de altura, com apenas um olho avermelhado como chamas”, disse.

Assustados, todos deixaram o açaí que tinham colhido e correram para a beira do rio, pegaram o Rabeta e voltaram para uma barraca improvisada que eles tinham feito. Mas ao chegar próximo da barraca, o medo foi ainda maior, quando viram novamente a criatura próximo da barraca. Na mesma hora, todos retornaram para a canoa, ligaram o Rabeta rapidamente e voltaram atemorizados em direção a Vila. “Já estava escuro quando saímos da reserva, sem lanterna e deixamos tudo para trás. A viagem de volta foi mais perigosa, pois não enxergávamos quase nada”, disse um deles.

O susto foi tão grande que alguns deles não conseguiram dormir por alguns dias. A notícia logo se espalhou na Vila e devido ao ocorrido, nenhum extrativista se arrisca a ir mais naquela reserva.

(BOSCO, 2014. Apud VANDER VELDEN, 2016).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as energias afirmativas vibrantes que a mim se conectaram para esta pesquisa, em especial a memória e as transmissões antepassadas, minha mãe Maria e minha avó Maria, (*in memoriam*) meus amores contemporâneos e meus sonhos futuros, de múltiplas parentagem.

Agradeço à Dolores Galindo que me acolheu como seu orientando e esteve em conexão constante a minhas inquietudes e me ajudou a ocupar com meu desejo político esta escrita.

Agradeço ao grupo de orientação que durante todo este período trocou riquezas teóricas e práticas de modos de conduzir pesquisas comprometidas.

Agradeço às companhias mais próximas, meus companheiros Henrique e Paçoca, companhias sem as quais eu não acessaria o riso do atrevimento leve e do encantado.

Agradeço à colega de mestrado Laura (Laurinha), que sempre esteve dividindo ansiedades e desejos nesta caminhada de escrita e em tantas outras...

Agradeço ao Programa de Pós Graduação da UNESP de Assis-SP, e a todo o conselho, seus professores e convidados que deram consistência teórica e técnica para efetivar esta pesquisa, dando a ela a possibilidade de contar das realidades danificadas da própria máquina e, ainda assim, assumir posições que põe em marcha nossos deveres.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-BRASIL- (CAPES)-código de financiamento- 001- pelo incentivo à pesquisa.

Agradeço, por fim, a toda prática coletiva que me conectei durante a ocupação e que me fez perceber modos de ocupar uma cidadania ciborgue em rede e de conexão infinita, pois está sempre me fazendo sentir e entender o desejar.

MARTINS DA SILVA, Fábio Henrique. **NA BARRIGA DO MONSTRO: Equipamentos coletivos em uma Universidade Pública**. 2018. 150f. Dissertação, (Mestrado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

Resumo:

Esta pesquisa busca estudar modos de criação estético-ético-políticos de coletivos discentes de uma universidade pública do Estado de São Paulo, que questionam e reivindicam a ocupação política da universidade como espaço público. Estabelece como recorte metodológico temporal o ano de 2016, marcado por um intenso movimento de ocupação do campus por estudantes. Visa contribuir para reflexão sobre os modos de subjetivação que atravessam ativismos juvenis que se pautam por conexões entre insurgências estéticas, linhas de fuga, políticas emergentes, cuja diagramática requer uma análise do presente. A tematização das insurgências híbridas nos coletivos de universidades públicas nos estudos estéticos e políticos é uma área emergente em diálogo entre Psicologia e clínica ampliada, uma vez que "toda análise, toda prática clínica é política, porque problematiza os lugares estabelecidos, as dicotomias naturalizadoras, porque questiona sobre os modos de constituição das instituições e dos sujeitos". A especulação fabulativa, serve-se de figuras como monstro, ciborgue e floresta para narrar a ocupação política ocorrida no campus e os modos de habitar os espaços de criação e produção coletiva.

Palavras-chave: Psicologia social, Subjetivações, coletivos, Política.

MARTINS DA SILVA, Fábio Henrique. **IN THE MONSTER BELLY: Collective equipment at a Public University.** 2018. 150f. Dissertation, (Masters in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

Abstract:

This present research intends to study the esthetical-ethical-political creation forms located in students' collectives in a public university in the state of São Paulo, which questions and claim the occupation of the university campus as a public space. It establishes as a methodological cut in time the year of 2016, marked by an intense movement of the campus occupation by its students. It aims to contribute to the reflection about the modes of subjectivation which crosses juvenile activisms based on connections on esthetical insurgencies, lines of flight, emergent politics whose diagrammatic requires an analytical of the present. The hybrid insurgencies on public universities students' collectives thematization in esthetical and political studies constitutes an emergent field in the conversation about Psychology and its extended general practice, since 'every analysis, every clinical practice is political, because it problematizes the established places, the naturalizing dichotomies, because it questions about the modes of constitution of the institutions and human subjects'. Fabulative speculation uses figures such as monster, cyborg and forest to narrate the political occupation on the campus and the ways of inhabiting the spaces of creation and collective production.

Keywords: Social psychology, Subjective, collectives, Politics.

Lista de Figuras

Figura 1- Expressão em cartaz da ocupação na UNESP Assis-SP em 2016.....	11
Figura 2- Prédio da direção da FCL UNESP Assis-SP ocupado em 20.04.16.....	20
Figura 3- Ato estético-político ao recepcionar professores e funcionários.....	20
Figura 4- Recepção	35
Figura 5-Articulação.....	38
Figura 6- PANCs do Jardim botânico.....	40
Figura 7-Placa de inauguração.....	40
Figura 8- Reflorestamentos.....	41
Figura 9-Transmitindo estratégias políticas com funcionários.....	44
Figura 10- Prática em oficina durante a ocupação.....	46
Figura 11-Oficina de Malabares.....	48
Figura 12- Refeição coletiva durante a ocupação.....	48
Figura 13-Ato estético.....	52
Figura 14-Passeata do movimento Estudantil.....	55
Figura 15- Registro da primeira noite de ocupação em 2016.....	57
Figura 16-Criminalização do movimento estudantil da UNESP Assis-SP na dec. De 70.....	63
Figura 17-Obra artística sobre o imagético coletivo.....	67
Figura 18- O dentro e o fora.....	72
Figura 19-Cidadania que ocupa ruas.....	74
Figura 20-Entre banners e outdoors – Cartazes de protesto.....	75
Figura 21-Reunião da Rede Caracol com a Gestão Administrativa, no D.A. em 2016.....	76
Figura 22-Show no Buracanã. Foto da fileta impressa pela Instituição.....	78
Figura 23-Restrições de entrada em 2016.....	82
Figura 24-Assembléia no prédio de Psicologia em 2016.....	84
Figura 25-Oficina de Maracatu no D.A. durante a greve de 2016.....	87
Figura 26-Assembléia na rotatória do prédio de Letras em 2016.....	88
Figura 27-Roda de conversa na Ocupação.....	90
Figura 28-Performance e dança durante prática coletiva.....	92
Figura 29-Programação divulgada durante a Ocupação.....	94
Figura 30-Articulação virtual: entre circuitos do ciberativismo.....	96
Figura 31-Revitalização do D.A.....	99
Figura 32-Alimentos para a Ocupação.....	99
Figura 33-Encontros no Bosque.....	102
Figura 34-Prática de prevenção a DSTs em sala coletiva – distribuição de preservativos	104
Figura 35-Produção de cartazes sobre reciclagem do lixo	129
Figura 36-Fanzine.....	138
Figura 37-Refeição coletiva durante a ocupação.....	138
Figura 38-Uma restrição sobre a restrição.....	143

Declaração de interesses *ciborgues* pela pesquisa

Eu, Fábio Martins, venho, por meio desta pesquisa, denunciar os sufocamentos na produção de desejo contemporâneo, ruir os sistemas de dominação e servidão, sabotar e contaminar as engrenagens da máquina de formação universitária acadêmica pública e estatal que, no ano de 2016, iniciou, com ‘um grande acordo nacional’, um golpe à população e, conseqüentemente, ao desejo de muitas lutas cotidianas. Declaro, então, meu interesse pessoal e coletivo de provocar pensamentos sobre nossas práticas e costumes que não estão, de modo algum, assegurados.

Declaro meu posicionamento com esta escrita comprometida, a princípio, com modos de ocupação política por jovens universitários em um câmpus, localizado no interior de São Paulo. Tais modos foram vividos, narrados, experimentados no corpo por diversas afetações e, posteriormente, ampliaram-se olhares clínicos quanto aos sintomas sociais e as relações de desejo entre as populações.

Em minha escrita, componho com vozes que preenchem espaços silenciados por engrenagens que não nos permitiram falar, pensar, sentir e experimentar. Por isso, damos a este trabalho a oportunidade de sabotar todo o monstruoso cenário das relações de poder entre os saberes e, dada uma localização de ação, experimentamos práticas insurgentes de transformação política entre as práticas coletivas de ocupação, configurando¹ uma nova cidadania.

Para a escrita, reservei a possibilidade de ampliar a linguagem para contar e escrever tanto na primeira pessoa do singular – de mim - quanto da primeira pessoa do plural - de nós, sendo esta uma ferramenta que apresenta minha participação afetiva e efetiva nos processos de contágio e interrupções com a máquina, quando decidimos habitar os processos políticos em ocupação do patrimônio público.

Declaro também a seriedade e o compromisso de registrar a riqueza deste processo político de transformação e fluidez de cenários mundanos em Ficção Científica (SF), possibilitando ao imagético repensar e sentir conceitos, signos, imagens, e seus impactos e conseqüências em uma determinada localização. Para isso, iremos contaminar a leitura com influências de mundos múltiplos, como o das máquinas, o dos monstros e o dos

¹ Empregamos nesta escrita o gerúndio, como uma das três formas nominais do verbo e que tem funções importantes na construção de sentidos, contaminados pelos processos, ou ainda as processualidades das narrativas e o modo em que se tecnodigere a ocupação de desejo político ocorrido no ano de 2016, a partir de diversos cabos e intensidades- gerando, criando, imaginando possibilidades de mundos. Partimos de um desdobramento que nos convida Haraway (2016) em “Staying with the trouble”.

ciborgues, que aparecerão ao se manifestar uma cidadania contemporânea, à qual se relacionam o futuro das ciências e das tecnologias.

Por fim, declaro ainda que, juntos, habitamos um processo digestivo operado na barriga do monstro, situando assim não só a urgência de lidar com processualidades das problematizações ecológicas, mas também com forças reais, sentidas e engajadas em ruir e interromper a aparelhagem maquínica, a qual facilmente não se digere. Sendo assim, escrevo entre campos tencionados e em guerra, onde de um lado se aparelha um arsenal para a formação em nível superior e público e, do outro, há um movimento em apropriar e/ou criminalizar as lutas, borramos as fronteiras destas binaridades neste aparelho e que deseja transformar os modos, quando não, fazê-lo parar de engrenar.

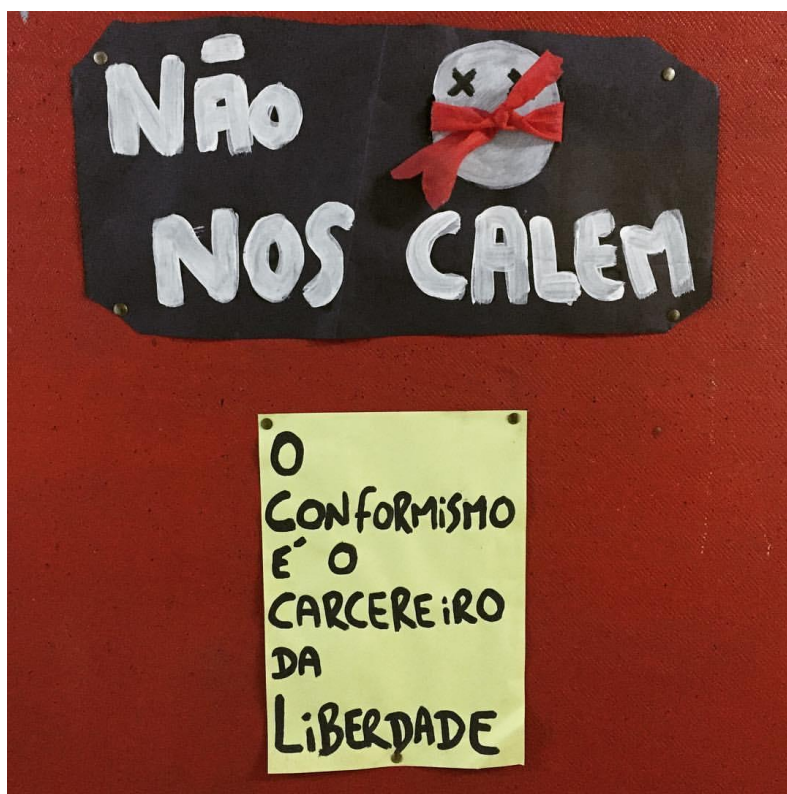


Figura 1- Expressão em cartaz da ocupação na UNESP Assis-SP em 2016.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Das forças que movimentaram a escrita da dissertação	17
Sobre a escrita.....	20
Maquinações do Devir-Maria.....	21
CAP 1- UMA FABULAÇÃO CONTEMPORÂNEA ou SOBRE A TRANSMISSÃO DE MUNDOS DANIFICADOS	22
1.1-Ciborgues em agenciamentos micropolíticos: cenário de conexões	24
1.2-Localizando o circuito de movimento e de escrita: Linguagens táteis.....	29
1.3-Práticas de contar histórias do/no contemporâneo	35
1.4-A semente germinativa de uma floresta	40
1.5-Sinais de mundos monstruosos: algumas transmissões	41
1.6- Do cenário monstruoso às entranhas da máquina: Povoamentos de ocupação....	46
1.7-Guattari e os equipamentos coletivos insurgentes de ocupação política do desejo	52
1.8-Máquinas de servidão, reprodução e dominação	59
1.9-Das linhas de fuga à cama de gato: Movimentos de ocupação do desejo em jogo	.60
Maquinações do Devir- Maria.....	65
CAP 2- NA BARRIGA DO MONSTRO: MAPIQUARI E A MÁQUINA DE FORMAÇÃO	69
2.1-O golpe: Linhas de extrações das ecologias.....	69
2.2-Usos e costumes locais.....	71
2.3-Tecnologias para descriminalizar o desejo dos indesejáveis	76
2.4-Com-fiar na formação?.....	81
2.5-Ciborgologia difícil de engolir!.....	84
2.6- Como entrevistar o desejo?	101
2.7- José: Ocupando processos de cidadania ciborgue.....	104
2.8- Mariane: Experimentação do cenário de “dentro” e “contra”	110
2.9- Qual riqueza procuramos? Rodas de zines nos refúgios da floresta	115
Maquinações do Devir-Maria.....	119
CAP 3- OCUPAR O DESEJO CONTEMPORÂNEO	120
3.1- Modos e expressões de política ciborgue	120
3.2- Os vomitados: escolhas, práticas, alianças a favor da floresta - (os fora-agidos) .	123
3.3- Redes e coletivos: circuito aberto. “O que está se formando?”	128
3.4- Anna: mundos vivos e re-sensibilizantes!	129
Reocupando a Floresta: Qual desejo é possível afirmar?	137
EPÍLOGO: Incorporações e transformações no corpo do pesquisador	140
Anexo A- O conto do devorador de cabeças.....	143
Referências bibliográficas... ..	144

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa em Psicologia busca afirmar os modos de ocupação política do desejo de jovens universitários de uma instituição pública, localizada no interior do Estado de São Paulo. Os modos de ocupação política do desejo estão modulados a partir das narrativas de práticas coletivas que entram em conexão com as linhas de formações múltiplas, sendo esta encarada como circuito de afetações e estratégias, mapeadas no cotidiano da ocupação do campus durante o ano de 2016.

Localizamos e situamos o circuito de ocupação política do desejo entre as tecnologias táteis e políticas de relação maquínica, entre as engrenagens dos corpos e em conexões com a máquina desejanste, definida precisamente por “seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.514), que *fizeram maquinar* (operar entre circuitos) a favor de encontros e conversas, plenárias, assembleias e *produziram a afirmação* de modos de habitar a universidade pública durante o período de ocupação. Este poder de conexão - aqui por meio do mito político do *ciborgue* - também ocupou multidireções, ao passo em que *transformaram outras máquinas* (a máquina desejanste, a máquina escrita, a máquina universidade, a máquina de movimentos sociais, a máquina de guerra), localizamos e situamos ainda que a conexão ciborgue que operou esta produção em Psicologia para descrever redes de comunicação e controle dos organismos cibernéticos sociais e esteve a favor de máquinas de narrar, permanecer e *intervir em realidades* que estiveram jogando entre as binaridades, vida e morte, permanência e desistência, nos territórios acadêmicos da faculdade de Ciências e Letras de Assis-SP, metodologicamente especulando outros modos de contar para além do dentro e do fora, fluindo o imagético para narrar e permitir outras invenções, criações e ficções de tecnologias desejanstes.

As obras que, aos poucos, deram consistência a este plano de escrita se conectam aos trabalhos da escritora, bióloga e professora emérita estadunidense Donna Haraway (1944-) que, em seus estudos no Departamento de História da Consciência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, e em suas narrativas em videoconferências, palestras e congressos, investem na contribuição para um novo olhar sobre a ciência hegemônica. Para o que poderia ser uma ciência comprometida com a diversidade de formas de vida existentes no mundo e com outras que ainda podem ser inventadas, imaginadas e ocupadas.

A princípio, entendemos o mito político do *ciborgue* baseados na autora, que nos mostra:

Um *ciborgue* é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (HARAWAY, 2009, p.37).

Sabotando com o *ciborgue*, notamos em Haraway (2014) que mudar o mundo também está ligado ao que ela entende como resistência política:

Acho que resistência é esse manter presente a si mesmo e a nós que a desordem estabelecida não é necessária. O real é real mas certamente não precisa ser assim, e não precisava assim. é o resultado de contingências e pode ser desfeito trabalhando as contingências. Trabalhando em contingências como habilidades, não e como se controlássemos os resultados, mas esse mundo, não precisava ser como é. Se lembrar disso é um tipo importante de abertura para entender que não precisa continuar assim e que as perdas entre nós são reais, que lamentar os mortos e lamentar os fracassos daquilo que foi destruído e não será consertado, e o fato crescente de que muito do que virá a acontecer não é consertável (s/p).

Dessa forma, nosso objetivo com esta pesquisa é apresentar leituras de resistências de cidadania do tipo *ciborgue* em ocupação política, partindo de que a realidade universitária ‘não precisa ser assim!’ Não precisamos de novos enfileiramentos com senha, de salas quadradas brancas – algumas, com a decadência escancarada por goteiras que sucateiam ainda mais este projeto obsoleto de formar. Definitivamente, temos histórias importantes para contar e precisamos (psicólogos e pesquisadores) analisar com ampliações e implicações epistêmicas como se darão outros modos possíveis de ser. Fugindo do encerramento dicotômico entre o ‘assim e o assado’, do sistema binário opressor, da dualidade platônica, provocamos reflexões acadêmicas fundamentadas na multiplicidade de acontecimentos que pensávamos não ser permitida outrora; acontecimentos que se insurgem e se inflamam sob os efeitos da desordem estabelecida.

Como metodologia, investimos em entrevistas ¹e notas tomadas como participante da ocupação sobre a qual, nesta dissertação, me debruço como pesquisador. Como nos dá pistas

¹As entrevistas das quais nos referimos, são matérias de jornais, panfletos, vídeos e um sistema de dados que indicaram as informações sobre a precarização da UNESP em diversas perspectivas. São matérias sinalizadoras para a nossa análise, conectado as narrativas que elaboram as transformações institucionais e que produziram os equipamentos coletivos insurgentes de ocupação de desejo político no ano de 2016 entre os universitários. Listamos aqui algumas destes registros encontrados na pesquisa: a) entrevista do reitor: (*perspectiva Institucional – pág. 58*) Reitor da UNESP cede entrevista à Folha de São Paulo- acesso no site da CRUESP- <http://www.cruesp.sp.gov.br/?p=13809>- publicado em 21 novembro de 2017). b) programa 180- TV UNESP Assis- (*perspectiva da direção local- pág. 84*) - Recepção dos calouros no ano de 2016- exibido em canal televisivo e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4M3uGmrA2Yg> ; c) Carta dos discente a ADUNESP Associação docente (*Perspectivas dos discentes locais – pág. 98*) d) Carta dos docentes ao movimento Estudantil. (*Perspectiva do professorado local- pág. 99*).

Suely Rolnik, na introdução do livro escrito em parceria com Guattari (1981), buscamos *inventar palavras-desde-a-desordem*, por serem pistas de mutação, de formulação de singularidade. Rolnik afirma que os textos preservam esta função nos espaços por onde a leitura os encontra, servindo de instrumentos para novas mutações, novos 'agenciamentos coletivos de enunciação', nova subjetividade, novas 'linhas de fuga' nunca iguais àquelas que os geraram (p.9). Segundo Rolnik, os navegantes das linhas de fuga, tribo da incerteza, fazem do pensamento uma 'potência nômade', engrenagem da 'máquina de guerra'. Guerra que é necessariamente vitoriosa, pois é a afirmação dos deslocamentos da história: “O movimento é sempre contra-corrente, contra-sentido, contra-cultura, contra-natureza. Movimento de homens desnaturados. Potência desnaturante” (ROLNIK & GUATTARI, 1981, p.10).

Metodologicamente, a produção de narrativas ocorreu por meio de entrevista semi-estruturada, caracterizada por uma série de perguntas abertas, pré-estabelecidas com um esquema definido, e, na qual, em seu decorrer, pudemos incluir outros aspectos considerados relevantes. A composição das narrativas esteve investida em contar histórias e possibilitar, à política de memória, a ocupação de uma linguagem emprestada da ficção científica para figurar e evocar imagens² e criaturas que circundam o imagético e o campo das relações cotidianas, tendo como aportes referenciais as obras de Donna Haraway (1944-) e de Felix Guattari (1930-1992). Tais obras configuraram, das narrativas e ficções científicas, especulações feministas (SFs), com a possibilidade de operar uma escrita recalcitrante, contemporânea e ativa entre os movimentos sociais e as formas de permanecer e preservar a multiplicidade de mundos habitáveis. As narrativas das histórias de ocupação passaram por esta conexão afetiva e imagética. Dedicamos a aproximar essas narrativas, mesmo em discursos-não-idênticos, mas que se conectam com a especulação fabulada e vivida entre máquinas, monstros e *ciborgues*.

Esta dissertação, pautada na análise diagramática dos equipamentos coletivos de práticas insurgentes (que serão amplamente apresentados no primeiro capítulo), se dará pela narrativa permanente dos investimentos de desejo, capazes de desfazer as reificações burocráticas, dando espaços de vida e interferências por meio de ocupação política. Guattari (2013) convida-nos a questionar sobre a produção de diferentes tipos de subjetividades. Ao investigar o encadeamento casual de “eleição política de base que 'precede' toda manifestação

² Em função dos processos de criminalização do movimento de ocupação do campus da UNESP de Assis-SP, preservaremos os créditos de atribuição de autoria individual e fontes das figuras que inserimos nesta dissertação, salvo a *figura 17* criada e autorizada pela artista Giulia Ferreira, para compor a introdução do segundo capítulo e em especial a temática geral de nosso trabalho.

de signos, no espaço, na vida de um grupo, de uma instituição, de um equipamento” (GUATTARI, p.59). Questionamos assim, quais modos de subjetivação que levaram a ocupação dos processos políticos de base que ‘precedem’ cidadanias múltiplas e inventivas, e quais modos de contar estes processos.

Em nossa investigação, nos dedicamos a compor imagens e cenários que, nesta introdução, necessitam comprometer a leitura de toda a pesquisa. O uso de imagens em nossas histórias aparece como parte do agenciamento da escrita; imagens que têm sua própria vida e que resultam de um processo de coleta em arquivo pessoal e em interfaces públicas disponíveis *on-line*.

O uso de imagens evoca linguagens que, segundo Didi-Huberman (2011), chegam até nós “em pedaços, evidentemente, por lampejos intermitentes como tantas 'imagens-vaga-lumes’” (p.133). Compreendemos assim que uma 'experiência interior', por mais subjetiva que seja, por mais 'obscura que seja' (p.135), pode parecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que se encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão (p.135).

Dessa forma, as 'imagens-vaga-lumes' podem ser vistas não somente como testemunhos, mas também como “profecias, previsões quanto à história política em devir” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.138). Em nosso trabalho, as imagens-vaga-lumes lampejam conexões para a escrita, que nos permitem narrar experiências subjetivas de desejo e ocupação *ciborgue*.

A narração das imagens irá percorrer um movimento de ocupação da Universidade, no ano de 2016, as quais especulam, fabulam e nos reservam uma *experiência ao imagético político* que rompe com os sufocamentos monstruosos da máquina acadêmica ao dialogar diretamente com a processualidade das possíveis leituras e investem em devires revolucionários, conectados às manifestações e lutas do período de golpe e de grande repercussão da política nacional.

Em composição com o grupo de pesquisa, orientado por pesquisas feministas, transculturais e antirracistas, de saberes situados e parciais distantes da *neutralidade*, reconhecemos a necessidade de fabular e narrar, no cotidiano, as linhas de conexão do desejo político de ocupação no ano de 2016. Produzido pelo grupo, o artigo “Ecologia na Barriga do Monstro: Pistas a partir de Donna Haraway, Lynn Randolph e Glória Anzaldúa” (MILIOLI & GALINDO, 2015) nos possibilitou ampliar o imagético de nossa ocupação política a uma aventura orientada para habitar, pela escrita, a materialidade de nossas impressões na indigesta máquina de formação.

Empenhados em provocar reflexões, nos deparamos com uma questão que acompanhou todo nosso trabalho, uma questão que Milioli e Galindo (2015) nos propuseram e que, ao ocupar a barriga do monstro, nos aventuramos a responder com base nas narrativas e histórias presentes no cotidiano:

Quais figuras podem acenar para a criação de modos de vida ecológicos, no sentido inventivo do termo, no tempo-espaço árido de afetos que nós vivemos e que é revestido pelo discurso docilizado da sustentabilidade e da chamada à participação em projetos que nos convidam ao empresariamento de nossas vidas?

Dedicada à Glória Anzaldúa, as autoras apresentam a figura da mulher cacto ou mulher do deserto, como também é chamada. Isso nos possibilitou pensar modos de vida em ecologias que estão além das imagens dóceis e disciplinadas, que nos sugerem pensamentos locais, repletos de narrativas ao ocupar o cenário de dentro do monstro e seus equipamentos de formação.

As ideias de Bhanu Kapil (2011) em “Incubação: um espaço para monstros” que, em prosa-poesia, nos trouxe a sentença: “O monstro é aquele ser que se recusa a adaptar-se às circunstâncias” (p.17), possibilitando aqui uma análise que aproxima a universidade e as políticas educacionais deste ser (entidade-instituição) que não cede e nem articula com as circunstâncias. Focalizamos aqui, na barriga do monstro, no equipamento de formação acadêmica, a ocorrência de práticas coletivas dos jovens universitários do Câmpus da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis-SP) durante o processo de ocupação política do desejo, do qual resultou uma insurgência afirmativa de ampla conectividade com outros câmpus e territórios de ocupação múltiplos e proporcionou, ainda, uma formação intelectual, política, ética, estética, filosófica, social, ambiental e psicológica entre os processos de formação acadêmica, de forma que pudemos alinhar os mundos habitados e ocupados com cabos de conexão e de afirmação política.

Conectamo-nos também aos povos indígenas (ainda que nesta dissertação não seja realizada diferenciação por etnias) que apresentam, no momento político pós-golpe, uma potente aproximação com o monstro da demarcação das terras. Não se adaptar às circunstâncias, tanto no que diz respeito aos universitários quanto aos povos originários, é o mesmo que prosseguir um projeto de danificação de mundos vividos e ocupados. Assim, com Kapil (2011), introduzimos esta dissertação que se inflama entre escutas, imagens e circuitos de ocupação, nos quais aprendemos a sobreviver ao nos perscrutar, na linguagem tecnocientífica e acadêmica, se podemos ser monstros ou *ciborgues* em imagéticos incubados.

DAS FORÇAS QUE MOVIMENTARAM A ESCRITA DA DISSERTAÇÃO:

Estão atravessados, nos emaranhados dessas linhas, grandes e fortes nós que ampliam o olhar e a intencionalidade da escrita. Tais nós são atravessamentos afetivos que habilitam contemporizar problemas interconectados, como a busca da preservação de riquezas expropriáveis, a ocupação política de vidas em jogo, a destituição do poder e as reservas de potencialidades e impossibilidades.

- **Forças autobiográficas.** Compõe-se em mim, pesquisador e psicólogo, oriundo da formação pública de ensino, que reconhece a importância e a seriedade de lidar com questões de permanência, quais sejam: financeiras, afetivas, psicológicas e sócio-políticas nas instituições de formação, um grande desejo de traçar esta escrita afirmativa. Durante muitos anos, acompanhei movimentos sociais de vivências e práticas de educação popular e menor e, mais recentemente, tenho trabalhado com práticas de coletivos universitários que consistem na dinâmica de minhas atividades e agenda cotidiana. Compus o coletivo de ocupação da universidade pública em análise. Por outro lado, também me atravessa o campo dos estudos feministas, transculturais e antirracistas, que fazem reconhecer em mim as memórias e ensinamentos que tive na minha primeira formação política quando, ainda em casa, criado por mulheres (avó e mãe) de cores e condições diversas (uma negra, outra parda; uma analfabeta e a outra com o primário - que não tinham o poder de escrever, mas tinham a potência de narrar), reservaram a mim, com o diploma de universidade pública, a tarefa de realinhar parentescos - a ocupação é filha de uma comunidade toda - em territórios mais largos e amplos pelo olhar clínico da Psicologia.

- **Forças coletivas.** As forças coletivas que compõem nossa pesquisa estão conectadas às práticas de preservação e de ocupações dos espaços políticos contemporâneos. Para isso, intervimos com os coletivos universitários na ocupação do espaço público e de formação no ano de 2016. Criamos redes com diversas narrativas para conectar a preservação de modos múltiplos de desejar. O desejo, para nossa pesquisa, corresponde a um certo tipo de produção: "O desejo tem infinitas possibilidades de montagem, de criatividade, mas que também podem entrar em processos de implosão" (GUATTARI, 1996, p.177). Ainda conceituando melhor o que chamamos de desejo, propomos, como Guattari (1996), denominar desejo a "todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores" (GUATTARI, 1996, p.215). *O desejo, em qualquer dimensão que se o considere, nunca é uma energia indiferenciada, nunca é uma função de desordem. Não há universais, não*

há uma essência bestial do desejo. O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo (GUATTARI, 1996, p.216). Este desejo, vivido e experimentado no campo das forças coletivas de nosso trabalho, compõe a energia insurgente de conectividade ao campo de forças do qual intervimos e ocupamos politicamente. Este é um lugar de efervescência e magnetismos que produz ocupações políticas, que transformam espaços e preservam riquezas em seus mundos.

- **Equipamentos insurgentes de pesquisa e intervenção.** Chamamos de equipamentos insurgentes de pesquisa e intervenção o campo de forças das pesquisas tecnocientíficas e/ou tecnoculturais, que coabitam nas narrativas, ficções, metodologias e contextos, a intenção de permanecer com o problema da falta de conectividade nas ocupações políticas contemporâneas. Pesquisas tecnocientíficas e tecnoculturais, que pretendem permanecer com o problema, nos fazem aprender a ser ‘verdadeiramente presentes’ (HARAWAY, 2016 apud GALINDO, 2017) e que, também requerem “toda uma arte de narrar na qual pequenos detalhes importam e dizem respeito a questões de vida e de morte” (GALINDO, 2017). Como perguntado por Galindo (2017), “quais formas de vida são compostas nos parentescos? Quais linhas conectam os viventes? O que ou quem entra em conexão? Quais viventes entram em conexão e vivem nas nossas histórias, quais seres se perdem?” As figurações são ferramentas importantes neste jogo.

Da mesma maneira, como Haraway (2013) aponta para os modos de coabitação em pesquisas entre diferentes ciências e diferentes formas de cultura, entre organismos e máquinas, pensamos que “(...) as questões que realmente importam (quem vive, quem morre e a que preço) – essas questões política estão corporificadas na tecnocultura. Elas não podem ser resolvidas de nenhuma outra maneira” (s/p).

É pela SF que Haraway (2013) vê a possibilidade tecnocientífica de contar histórias e as formas com as quais cria suas ideias, "formas e histórias em teoria feministas e estudos científicos" (HARAWAY, 2013). Portanto, contaminamos e comprometemos, com Haraway, nossas padronizações e partimos de posições em jogo, que produzem o presente por pesquisas e intervenções reais e efetivas, não sendo nunca uma tarefa imparcial. Ainda para nossa pesquisa, interessa-nos investir na pesquisa-intervenção que se localiza na barriga do monstro, apresentado por Milioli e Galindo (2015), que nos apresentam práticas de viver com modos de ocupar e habitar processos *ciborgues*:

Para Donna Haraway, localizamo-nos na ‘barriga do monstro’, e dela não podemos escapar. Nela podemos traçar figuras para cartografar as tecnobiopolíticas que nos atravessam: nela, vivemos e morremos desigualmente. Nela inventamos vidas possíveis que conjugam elementos atrozos como as guerras, a dizimação, a dor do

abate dos animais. Diferentemente de outras vertentes ecologistas feministas, a autora não apota numa lógica do cuidado com o outro, ela busca uma ética do *viver com* que é permeado de figuras provenientes da ficção, das suas caminhadas pelas ruas, dos anúncios, de fragmentos de mensagens trocadas com amigos e amigas da arte. (p.122).

Estes três campos de forças (o autobiográfico, o coletivo e o de pesquisa/intervenção) produziram e ousaram sabotar, entre as linhas, emaranhados e os nós coletivos, um plano consistente de escrita que refaz uma história por meio das narrativas e que traçaram uma estratégia contemporânea de ocupação política do espaço público de uma universidade pública.

As fabulações, ficções e conceitos lidados nesta escrita exigiram grande rigor, pois a presente pesquisa traçou linhas em busca de nos conectarmos aos nossos amigos e suas histórias; requereu que lembremos de ‘*nós mesmos*’ (KILOMBA, 2015, s/p), de nossa potência; de como foi intenso e elétrico, uma vez que ocupamos, com nosso devir-revolucionário, nossos modos de desejar a vida e de habitar e transformar espaços – outros, duros, existenciais, instituídos, litigiados, marginalizados, em possíveis circuitos de afirmação política e de si.

Para Grada Kilomba (1968), psicóloga e escritora, teórica e artista que ativa e produz saber *descolonial* ao tecer relações entre gênero, raça e classe, “estamos rodeados de espaços brancos, difíceis de adentrar e de permanecer”. A formação acadêmica aparece nas narrativas cheias desses espaços brancos, cabendo a nós escrevermos com nossas cores e tintas a disposição conectiva de nossos companheiros e companheiras na ocupação difícil e, por alguns momentos, criminalizada visto que eles arriscaram futuros para permanecer com suas práticas coletivas no ano de 2016.

Ao recusarem ‘o silêncio imposto e os espaços brancos’, fizeram compor a escrita desta pesquisa que está atravessada por afetações constantes. Tais movimentos compõe um olhar sobre a pesquisa orientado por “uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse projetos científicos feministas, críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados”(HARAWAY, 1995, p. 18).

No contágio insurgente das forças (autobiográficas, coletivas e de pesquisa), nos dedicamos a apresentar três eixos teóricos-bibliográficos (o dos monstros, das máquinas e dos ciborgues), que trazem à nossa dissertação uma perspectiva parcial e localizada no movimento de atuação do desejo político. Estando uma vez atentos à ação do movimento do desejo, partilhamos a afetação de três ecologias (a ambiental, a psicológica e a social) no território de ocupação política, no ano de 2016, entre os jovens da UNESP de Assis-SP.

SOBRE A ESCRITA:

No primeiro capítulo, chamado “*Uma fabulação contemporânea- ou- Sobre a transmissão de mundos danificados*”, apresentamos as figuras e imagens que criaram a possibilidade de ocupar a escrita, as narrativas de ocupação e as políticas de conexão, dada aproximação monstruosa com as histórias do maringuári do Sudoeste Amazônico. A ficção científica, aliada a pontos de erupção das especulações fabulativas, fazem romper, numa superfície consistente do real, as narrativas estratégicas de sobrevivência na máquina de formação e no espaço público de produção de conhecimento. Neste primeiro capítulo, contamos com um mundo monstruoso, de florestas de refúgios, de ampliações imagéticas e políticas.

No capítulo seguinte, “*Na barriga do monstro: Maringuari e a máquina de formação*”, dedicamo-nos às narrativas que aparelham nossa concepção de mundo e especulamos, entre experiências e ficções, as narrativas de ocupação política do desejo no ano de 2016. Dedicamos este capítulo a uma experimentação de uma *densa época do agora*, compreendida a partir da proposta de Haraway: *habitar a barriga do monstro e traçar linhas de interferência* são práticas de *transformações de cidadania do tipo ciborgue*. Para isso, contamos com uma apresentação do mundo das máquinas de formação e de circulação dos saberes, narrando os equipamentos que engrenam a máquina e as insurgências que as fazem parar e ruir. O monstro que opera programado para formar, em sua barriga, libera imagens de conexão política e modos de ocupação de desejo contemporâneo.

No terceiro capítulo, “*Ocupar o desejo contemporâneo*”, investimos em histórias de compostagens do desejo, configurações de rede e ampliação conectiva que continua a ocupar o desejo político em suas ações e práticas, dando experiência para mundos vivos e ressensibilizantes. Apresentamos, por fim, o mundo dos *ciborgues*; passada a apresentação do mundo dos monstros e das máquinas, ocupamos com nossa escrita a proposta de encarar os protagonismos nas imagens de cidadania do tipo *ciborgue* em rede conectiva de desejo afirmativo em transformação.



Figura 3- Ato estético-político ao receber professores e funcionários/ Figura 2- Prédio da direção da FCL UNESP Assis-SP ocupado em 20.04.16.

Maquinações do Devir-Maria ³

Linguagens e palavras para as sensibilidades:

Maria nasceu pobre materialmente falando,

Porém imersa em riquezas que a sensibilizaram para a vida

Maria não sabia que o mundo, este aí que chamam de real era uma fabricação

Maria, muito pequena não sabia do mundo das máquinas

A primeira máquina que viu, era a que sua vó costurava

Os ferros de passar, existiam sem fios, usavam de outras tecnologias, naquele tempo...

Maria ouviu falar de máquina de escrever,

Sua mãe a colocou no curso de datilografia,

Asdfg que coisa mais chata isso aqui!

Repita o quanto puder: deixe fazer, deixe passar...

Maria sempre teve incentivo aos estudos,

Suas ancestrais sabiam que não precisavam dos homens, mas precisavam da linguagem deles

Maria se destacou na escola e mereceu acesso gratuito ao curso de computação

Era uma nova relação com máquinas,

Maria se surpreendeu com todo aquele mundo,

Computador, internet, site de busca

Mal sabia que quanto mais se aproximava mais se tornava máquina também,

Ao ponto de esquecer outros modos de viver, brincar e imaginar

Maria entra na faculdade, depois de ter lido Maquiavel e achar que sabia de política

Maria conheceu a fabricação do social pela máquina

Começou a pensar que tudo não passava de realidade programada

De dominação e servidão na máquina

Maria começou a fazer sua própria análise de sistemas

Maria percebeu que a máquina a deixava sempre nos lugares mais baixos,

Ela estava sempre sozinha e desprovida, mesmo quando lhe acontecia conexões com o social

Maria quase nada sabia o que poderia ocupar com seu desejo, sem estratégias.

³ As propostas de sabotar a leitura contínua com uma expressão poética, são consideradas recursos de germinação afetiva que apresentam um devir imaginado de mulher que vai acompanhar e ocupar seu desejo no processo de perceber-se ciborgue. A experiência poética de 'maquinações do devir maria', ocorre como uma interrupção entre os movimentos das imagens e metodologicamente apresenta um circuito entre desdobramentos à música de Milton Nascimento e Fernando Brant, "Maria Maria" gravada originalmente no ano de 1978. Escrevemos os poemas do devir Maria, criando uma espécie de parentesco com esta subjetividade que pela letra e música de Milton criam cidadanias que ocupam cenários políticos e dizem de marcas que compõem os hibridismos entre máquinas de subjetividades e seus nomadismos.

CAP 1- UMA FABULAÇÃO CONTEMPORÂNEA OU SOBRE A TRANSMISSÃO DE MUNDOS DANIFICADOS.

O trabalho principal deste primeiro capítulo é proporcionar à pesquisa um modo de produção analítico, contemporâneo, comprometido e imaginado, dedicado a estudar o desejo insurgente possível e combativo frente às adversidades políticas que ocorreram no ano de 2016, num território que se habita com a proposta institucional de formação acadêmica num primeiro plano, mas que provocou ruptura e formação política, ética e estética de ocupar o campo que se habita de modo estratégico e criativo, por meio de práticas coletivas, neste período caracterizado, por muitos autores, como “golpe democrático no Brasil”.

A partir da escrita, materializamos uma linguagem na qual experimentamos formas de transmitir vivências e ocupações no Câmpus da UNESP Assis-SP, ao passo que experimentamos análises sociais, modos de subjetivação, produção *maquínica* e agenciamento político; sendo que para lidar com esta materialidade da escrita contamos com tecnologias e circuitos que dão rigor sem deixar de resensibilizar mundos. A escrita deste capítulo tratou de histórias criadas e especuladas pelas SFs que dinamizam, em jogos estratégicos, nossas imagens e ampliam nossos territórios para além do material e fisicamente chamado “câmpus universitário”, ao abrir linhas de conexões com territórios de intensidades intelectuais, afetivas e políticas do espaço das ações insurgentes no período de ocupação.

Exercitamos, a princípio, o imagético de um cenário político, no qual possamos fabular a partir de um território multiafetado e intenso de práticas coletivas. Neste território é que germinamos pensamentos como especulação feminista (SFs), ao reconhecer que estamos numa floresta danificada onde se fez romper o desejo de lutar contra os aparelhos que expropriam e privilegiam alguns interesses, cabendo assim uma estratégia real para sabotar, romper e impedir a finalização de mundos, ainda que isso nos coloque em marcha a outros mundos ocupados e desejados, dada as vias de conexão *ciborgue*.

Para entendermos, ou se preferirem, experimentarmos e sentirmos que terreno é este em que vivemos inseridos em processos da máquina de formação, confabulamos uma terra potente para germinar nossas experiências e onde possamos pôr em marcha circuitos maquínicos das práticas coletivas de ocupação política. Apresentamos o *território unespiano* não apenas como patrimônio público de uso restrito às atividades acadêmicas, mas também como floresta danificada que, uma vez ocupada, resgatamos os mistérios de uma floresta atravessada pela devastação e exploração dos desejos que nela habitam.

Situamos nossas(os) leitoras(es) nesta floresta devastada, explorada e insurgente, pelo convite epistêmico de pertencer ao contemporâneo de nossas ações e as narrativas que germinam deste território político. Eles são convidados a experimentar uma *condução* pelos *fios de linguagem de ficção científica para mundos habitados e desejados*, caracterizados pelo campo conectivo no câmpus universitário e suas possibilidades de intervenções e ações coletivas. Em outras palavras, as sementes germinativas do nosso imagético político estão num campo que Haraway (2013) chamará de SF e que aqui se considera como uma floresta devastada. São sementes de SFs que germinam e nos situam, mediante imagens que nos fazem pertencer a uma dada floresta devastada de onde narramos os mundos múltiplos: mundos que monstruosamente tentam impedir e silenciar esse modo de contar; mundos que digerem corpos, ideias, cabeças e deformando-os com equipamentos de dominação, servidão e reprodução; mundos que sabotam engrenagens e rompem circuitos; mundos de cidadania que põem em marcha nossos devires.

Neste cenário de floresta danificada, encontramos monstros, máquinas e *ciborgues* produzindo os processos de formação, no ano de 2016, em uma ocupação universitária entre narrativas de experiências no Câmpus da UNESP Assis-SP. *Gerar pensamentos sobre um espaço danificado, entre interditos proibitórios sentidos como golpes afetivos-político, narrar os modos de ocupação política do desejo entre as práticas coletivas que interferem no assujeitamento neutro e imparcial da academia, por fim, fluir entre imagético cidadanias em devir, em processualidades, em compostagens, que põe em marcha a micropolítica do desejo contemporâneo e local, são armas políticas, máquinas de guerra e transmissão de leituras em jogo do desejo.*

Ao arriscamos dizer que há intenções dissimuladas neste trabalho, podemos afirmar, com a seriedade necessária e o comprometimento situado, que *gerar pensamentos, narrar modos de ocupação, fluir o imagético* são cabos que têm a intenção de conectar memórias e transmissões (*im*)possíveis e (*im*)pensáveis tendo-se em vista as ferramentas que nos deram para apre(e)nder mundos e que engrenam o sistema universitário e, salvo alguns programas de pós graduação, inclusive o modo de pesquisar subordinado a operacionalizar o devorador sistema-mundo e a expropriação e sucateamento dos saberes locais.

Para tanto, introduzimo-nos ao “mundo dos monstros” apresentado pelas obras de ficção e especulação fabulativa, especialmente ao que propõe Donna Haraway em seus trabalhos a respeito de SFs, bem como nos aproximamos do mapinguari, um monstro devorador de cabeças que resiste como fato vivido entre povos que preservam certos valores e riquezas em algumas florestas danificadas e ocupam com desejo político suas estratégias. Povos e populações que

lidam com estratégias que, assim como as nossas, conectam, no cenário político, uma relação real com a monstruosidade dos equipamentos de dominação, reprodução e servidão que engendram e impedem a fluidez de nossos desejos.

1.1- Ciborgues em agenciamentos micropolíticos: cenário de conexões.

Quando nos dedicamos a contar nossa história, notamos que seria importante contextualizarmos toda uma linguagem que cuidará de imagens e personagens em conexão com um cenário ocupado por um roteiro do desejo político. Se já sabemos que partimos dos referências que afirmam que todo desejo é político, nosso cenário de conexão (a barriga do monstro - a UNESP Assis-SP) estará circunscrita por meio de corpos assujeitados (dos que servem a máquina sem interferir - alunos regulares), corpos de *ciborgues* de carne (dos que interferem na engrenagem - discentes ativistas), corpos de espécies companheiras (dos que perambulam há anos assistindo a danificação da floresta - os animais que sobrevivem por lá), sem contar as plantas, árvores e flores que reservam uma flora rica e preservada. As imagens que “apagam e acendem”, desaparecem e retornam como lampejos de movimentação e ocupação política. O fato é o que pode ocorrer neste cenário: reconhecemos que há, sim, um modo de subjetivar-se no contemporâneo por meio de uma potente e rica manifestação *ciborgue* a qual pertencemos ao agenciar nossas micropolíticas.

Com o título “*Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*”, publicado em 1985, Haraway apresenta o mito político do *ciborgue*, figura esta criada das conexões elétricas a partir das funções humanas melhoradas, uma figura construída entre a máquina e o organismo. Neste artigo, Haraway propõe “o prazer da confusão de fronteiras”. O *ciborgue corporifica o rompimento de algumas fronteiras*, as que antes a epistemologia e a ontologia ocidental nos fizeram reconhecer como único modo de conhecer. Mas, ao corporificar no *ciborgue* as fronteiras do que poderia ser binário (natureza-cultura, homem-mulher, humano-animal, primitivo-civilizado, passado-presente), elas são agora tecnocorporificadas e tecnodigeridas pelo próprio *ciborgue*, já que o ele é capaz de se nutrir, prosseguir e, assumir a “responsabilidade de sua construção”.

Considerando o *ciborgue* como metáfora e mito político, argumentamos ainda que “nós” não queremos uma matriz identitária natural e que nenhuma construção deva ser totalizante. Desse modo, dedicamo-nos a prosseguir nossos estudos partindo da investigação a respeito dos processos de subjetivação no qual o desejo de ocupação esteve presente. Haraway,

nesta em sua obra, estabelece conexões com um projeto feminista fundamentado nas diferenças e afinidades. Esse projeto nos deixou atentos à “informática da dominação”. A única forma de caracterizar a informática da dominação é vê-la como uma *intensificação massiva da insegurança e do empobrecimento cultural, com um fracasso generalizado das redes de subsistência para os mais vulneráveis*.

A transição das velhas e confortáveis dominações às redes de “informática de dominação” foram expressas por Haraway em um quadro onde figuram velhas dominações: Sexo, Trabalho, Mente, Segunda Guerra mundial, Patricarcado e Capitalista Branco. Elas dão lugares a redes que, conseqüentemente, trazem: Engenharia Genética, Robótica, Inteligência Artificial, Guerra nas Estrelas e Informática da Dominação, uma vez que esta informática não está para ser pensada em termos de propriedades essenciais, mas em termos de projeto, restrições de fronteiras, taxas de fluxos, lógica de sistemas e custo para reduzir as restrições. Por meio das narrativas e práticas coletivas, tivemos que nos atentar à informática de dominação que opera sobre o projeto de universidade pública e constatamos uma cidadania implicada em agir e pensar sobre fluxos e lógicas de sistemas como se caracteriza a informática de dominação.

No 'Manifesto', Haraway localiza os *ciborgues* da vida real, ou seja, *ciborgues* de carne (como preferimos) e remete-nos ao exemplo das mulheres trabalhadoras, de uma aldeia no sudeste asiático, das empresas eletrônicas japonesas e estadunidenses. Aihwa Ong as descreve “elas estão ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades. A sobrevivência é o que está em questão nesse jogo de leituras”. (HARAWAY, 2009, p.99)

Em nossa ocupação, localizamos *ciborgues* de carne e de vida real, aquelas e aqueles que estão ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades. São jovens que escolheram, em sua maioria, estudar “ciências humanas” - criando um híbrido entre os cursos de História, Letras, e Psicologia - e que acompanham, em tempo real, a privatização do ensino público e enfrentam o jogo com práticas coletivas de cidadania do tipo *ciborgue*. São jovens que tiveram acesso à vaga universitária depois de terminarem o ensino médio em escola pública e começaram a trabalhar para pagar o cursinho pré-vestibular, ou que ainda frequentaram o cursinho público e comunitário do seu bairro, mas se recusaram a pagar por uma graduação e que reconheciam o privilégio de se graduar em uma universidade pública de qualidade onde, dadas as circunstâncias financeiras, apontavam como possibilidade política o acesso ao mesmo ensino disponível para o filho do patrão e que, agora, os filhos dos trabalhadores também poderiam usufruir.

Para tatearmos a cidadania *ciborgue*, instaurada no ano de 2016, que foi capaz de gerar a ocupação política, precisamos dizer que, nos últimos anos, os recursos para a permanência

destes mesmo estudantes (que escolheram estudar ciências humanas, no interior de São Paulo, numa universidade pública), estiveram cada ano mais escassos. Bolsas, projetos, recursos, planejamentos e outros modos de assegurar a possibilidade de graduar esta camada de jovens foram minguando e, por outro lado, os próprios alunos manifestaram seu ativismo político criando estéticas e discussões micropolíticas regulares.

Ainda nos reportando sobre os *ciborgues* de carne, consideramos a função de pôr em marcha um circuito afirmativo para o desejo político, proveniente de mundos monstruosos e danificados que insurgem e potencializam a sociabilidade dos saberes entre as práticas coletivas e a formação política. Os ocupantes-*ciborgues* são aqueles que afirmam o desejo de uma revolução molecular que inclua a permanência e a transmissão de imagens e linguagens no jogo.

No ano de 2016, éramos jovens sem quase nenhum recurso financeiro que, durante a ocupação, comemos, bebemos, nos banhamos, dormimos e sonhamos com aquilo que desejamos conquistarmos em luta. Fizemos do câmpus universitário nosso alojamento, uma zona temporária e autônoma de agenciamento micropolítico, que fomentou a cidadania e que criou o circuito de ocupação política. Destacamos que, em nossa ocupação, havia o protagonismo de muitas meninas, (cis/bi e heterossexuais) e de muitos meninos, (cis/bi e heterossexuais), majoritariamente bolsistas (BAAE, PROEX, PIBIC, MEC, PROGRAD), que agenciavam um cenário no qual todas e todos exerciam as mais distintas funções: desde lavar louça a panfletar nos semáforos, ou ainda, fazer malabares para captação de recursos e alimentos e frequentar reuniões colegiadas. Formávamos um circuito político que conectava o movimento de luta contra a privatização da universidade pública com a permanência de jovens de condições economicamente menos favorecidas.

Deste modo, *jogamos* com Haraway (2009) entre graus e níveis de modernização, pois o que antes era tido como questões entre o “público e o privado” passou agora a ser entendido como “cidadania do tipo "*ciborgue*"(p.50), como podemos observar nas narrativas e em outros recursos teóricos que serão apresentados no decorrer desta escrita. Uma vez que grande parte desse quadro está conectado com as relações sociais da ciência e da tecnologia, reconhecemos a urgência de uma política socialista-feminista dirigida para as pesquisas. A informática da dominação são os rearranjos das relações sociais que estão na ordem mundial ou, em outras palavras, no CMI (Capital Mundial Integrado), nas áreas da ciência e da tecnologia.

Em referência à Haraway, temos a corporificação da confusão entre fronteiras ao vermos *ciência* e *tecnologia* assumirem *responsabilidades sociais* por meio da linguagem pela qual se veiculam a luta e a ocupação política. O *ciborgue* corporifica e permite novas conexões reais entre essas áreas, ao passo em que recorre, como estratégia prática, ao uso imaginativo e

ficcional da compreensão política. Desse modo, a cidadania, do tipo *ciborgue*, assume, em nossa ocupação, responsabilidades sociais relacionadas à formação de universitários.

O manifesto *ciborgue* de Haraway (2009) está fortemente conectado às ações e práticas de ocupação, pois ao romperem com a linha de formação-servidão-dominação possibilitam um posicionamento em jogo que leva em consideração os modos de manifestar conexões maquínicas contemporâneas e, assim, nos permitindo subjetivar e corporificar conexões presentes e afirmativas de nosso desejo. Com essa obra, descobrimos a possibilidade de dar vida a mundos de cidadania *ciborgue*, quando consideramos a informática da dominação entre as poderosas e assustadoras redes nas relações de ocupação do espaço público/privado.

Nós, os engolidos pelo monstro, universitários da rede pública de ensino do estado de São Paulo, evocamos de nosso terreno micropolítico, de nosso circuito maquínico, a força da palavra não-falada, mas que se conecta à micropolítica do desejo *ciborgue*. A micropolítica do desejo *ciborgue* é insurgência rebelada que resiste à sujeição social, em meio as nossas ações e práticas coletivas de ocupar a política própria da dinâmica dos desejos.

O *ciborgue corporifica o rompimento de algumas fronteiras*, as que antes a epistemologia e a ontologia ocidental nos fizeram reconhecer como único modo de conhecer, e abre conexões com o campo de força que é também entendido como devires, movimentos, trans-formações. Ao nos aproximarmos dos campos de forças, nos afetamos e nos deixamos afetar. O campo de forças *ciborgue*, encontrado na nossa floresta, também se reconhece em diversos outros lugares reais, virtuais, através de leituras, redes, conexões e não nos assustaríamos saber que está ~~para~~ além dos muros da universidade toda essa intensidade de produção de presente. O campo de forças *ciborgue* está determinado a partir de forças elétricas de conexão que fazem criar os pensamentos e que, por catalisadores maquínicos, fazem romper ou modificar velocidades de ações e reações da máquina; este campo de forças apresenta-nos uma insurgência que põe em marcha devires-revolucionários de cidadania, mais próximos a uma ocupação consciente de desejo político contemporâneo do que de uma subjetividade da qual se sujeita a modos e a operações programadas no sistema-mundo.

Consideramos micropolítica do desejo *ciborgue* a resistência e o devir revolucionário de ocupação política que assume seu destino ativo e criador (ROLNIK, 2016, p.22), em oposição ao que Rolnik chama de “potência reativa de submissão”, caracterizado como perigo real: a desidentificação com os modos de existência que o CMI constrói no lugar daqueles que devastou, a fim de que possamos desertá-los.

A proposta de habitar a barriga do monstro partindo de que corporificamos a micropolítica do *ciborgue* em nosso desejo de ocupação, ajuda-nos a ter conhecimento sobre

quão fundamental é a imagística corporal para a visão de mundo e, dessa forma, para a linguagem política.

Ciborgues estão no contexto da tecnologia e estão sempre em conexão, "vivem em um mundo intimamente reestruturado por meio de relações sociais da ciência e tecnologia que estariam gerando novas formas sociais que por sua vez demandam novas formas de compreensão" (GALINDO, 2003, p.5). Com essa breve definição de *ciborgue*, buscamos a produção de narrativas que sejam instrumentos fortes e rigorosos de conexão para experiências políticas do contemporâneo, ressaltando, ao mesmo tempo, o que a sua figura pode proporcionar às teorias feministas

Libertadas da necessidade de basear a política em uma posição supostamente privilegiada com relação à experiência da opressão, incorporando, nesse processo, todas as outras dominações, podemos, da perspectiva dos *ciborgues*, vislumbrar possibilidades extremamente potentes. Os feminismos e os marxismos têm dependido dos imperativos epistemológicos ocidentais para construir um sujeito revolucionário, a partir da perspectiva que supõe existir uma hierarquia entre diversos tipos de opressões e/ou a partir de uma posição latente de superioridade moral, de inocência e de uma maior proximidade com a natureza. Sem poder mais contar com nenhum sonho original relativamente a uma linguagem comum, nem com uma simbiótica natural que prometa uma proteção da separação "masculina" hostil, estamos escritas no jogo de um texto que não tem nenhuma leitura finalmente privilegiada nem qualquer história de salvação. Isso faz com que nos reconheçamos como plenamente implicadas no mundo, libertando-nos da necessidade de enraizar a política na identidade, em partidos de vanguarda, na pureza e na maternidade. Despida da identidade, a raça bastarda ensina sobre o poder da margem e sobre a importância de uma mãe como Malinche. As mulheres de cor transformam-na, de uma mãe diabólica, nascida do medo masculinista, em uma mãe originalmente alfabetizada que ensina a sobrevivência. (HARAWAY, 2013, p.89)

Até o presente momento, este trabalho nos propiciou não só nos aproximarmos de campos de forças que geram circuito de trans-formações éticas, estéticas e políticas na ocupação do espaço público da universidade, mas também evocarmos o imagético possível para adentrarmos a barriga do monstro. Passadas como vaga-lumes, as imagens que traçamos aqui nos localizam dentro de um movimento que prossegue em luta e também em alerta a novos e constantes esforços de que os corpos se juntem e gerem novos acontecimentos, só assim devires-mulheres-*ciborgues*-feministas poderão transformar realidades. Jackie Orr, citado por Galindo (2003) no prefácio da edição espanhola, ontologicamente busca encontrar sentidos ao se perguntar "Que aspecto tem um *ciborgue* fora do umbigo do monstro que o (re)produz?", mostrando que para algumas pessoas os *ciborgues* podem resultar mais em uma imagem ambivalente de um 'outro' do que uma reconfiguração provocativa de um 'eu'. "Que *ciborgues* povoam os nossos sonhos e outros sonhos?" (p.8). Que monstros podem vir a aparecer? A complexidade ontológica dependerá sempre da constante disposição ao hibridismo e à conectividade política.

1.2- Localizando o circuito de movimento e de escrita: Linguagens táteis.

As leituras ou as transmissões de Haraway foram, apresentadas ao grupo de pesquisa, aos poucos, se tornaram *práticas de vida e relação* entre as políticas da ciência, do gênero, da escrita e do desejo. Os estudos de Haraway nos possibilita uma produção comprometida e crítica, que se tornara um fio condutor para alinhar e lidar com os problemas cotidianos e com a ampliação de espaços. Desse modo, as práticas de vida e relação proporcionaram uma articulação contemporânea e local, de leitura tecnocientífica e de linguagem potente para pesquisas em Psicologia.

Ampliamos nossa apreensão epistêmica com o artigo *SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far*, publicado em 2013, ocasião na qual Donna Haraway recebeu o prêmio Pilgrim (prêmio criado em 1970, pelo SFRA - Associação de Pesquisas em Ficção Científica - para honrar contribuições ao longo da vida para SF). Nesta publicação, Haraway apresenta a proposta política de traçar figuras de cordas em epistemologias e práticas de contar história.

Para Donna Haraway (2013), precursora e principal difusora das SFs, inventar histórias com narrativas do cotidiano é, ao mesmo tempo, assumir o problema das pesquisas que reproduzem o presente. Ela nos convida a tecer histórias fabulativas com um sério rigor: “Pense neste formalismo como a matemática da SF” (s/p).

SF é um potente material-semiótico para as riquezas da fabulação especulativa, ou como traduzidas do inglês, as SFs também são sinônimas de *feminismo especulativo, ciência ficção, ficção especulativa, fato ciência, fantasia da ciência* - ou, ainda sugerido por Haraway (2013b), como ‘*números de cordas*’ que estão em jogo. SF também deve significar, para nossa pesquisa, “sementes germinativas e pontos de erupção”, que estão abrindo o que ainda está por vir nos passados, presentes e futuros dos tempos protegidos emaranhados (HARAWAY, 2013b).

Nossa pesquisa encontra-se conectada a tal obra pelo fato de que as SFs possibilitam a narrativa de nossas experiências de ocupação política, modos de pesquisar e investir em especulação fabulativa e feministas. Proporcionam, também, rigor e comprometimento com pesquisas implicadas em mundos que produzem o presente.

Ainda para Haraway (2013), “os mundos de SF não são contêineres; eles são padrões, co-fabricação de risco, fabulações especulativas”. Sendo assim, co-fabricamos do mesmo modo que coabitamos figuras evocadas e experimentamos processos que não nos são dados de antemão (GALINDO & MILIOLI, 2017), nem sequer as linhas de força da barriga do monstro, na qual se situa esta pesquisa: precisamos participar de sua construção, ocupando com conexões

e estratégias coletivas, ligadas a transmissões de padronizações e a micropolíticas locais, que permitem prosseguir o jogo de criações de mundos.

Deste modo, recorreremos a Haraway (2013) para incrementar nossa pesquisa com sua contagiante investida em SFs, fazendo entrar em erupções cutâneas nossas histórias do desejo de ampliar os olhares sobre a clínica e a política a partir do imagético e do experimentado nas práticas coletivas. Compomos com os saberes locais que decidiram assumir e ficar com o problema do uso do espaço público, ao passo em que atuamos juntos (*pesquisador e pesquisados*) nas práticas coletivas locais, interconectados a uma rede de movimentos sociais que, em certa medida e velocidade, tem se esforçado para resgatar memórias e produzir o presente.

Com Haraway (2013), atentamos que “implicação epistêmica, semiótica, parcial e nada inocente” são os caminhos que tecem os saberes localizados. Assim, nos vemos impulsionados a tecer trabalhos de saberes localizados, pois partem de contribuições inter/transdisciplinares tecnocientíficas, comprometidos de que a tematização das insurgências híbridas, nos coletivos da universidade pública, nos estudos estéticos e políticos é uma área emergente para o diálogo com a Psicologia e a clínica ampliada, sob o ponto de vista de que “toda análise, toda clínica é política, porque problematiza os lugares instituído, as dicotomias naturalizadoras, porque pergunta sobre os modos de constituição das instituições” (PASSOS, 2007).

Apresentados esses referenciais teóricos de ‘formalismo matemático’ em SFs de linhas de conexão com pensamentos que produzem em nosso imaginário uma relação direta com a máquina de subjetivação, escrevemos a necessidade de lidar com uma densa época presente do agora⁴. O que propomos é ressaltar, baseados em Haraway (2016), que não estamos presos à mitologia do *antropos*, mas partimos de uma fabulação do *Chthulo*, da presença e experiência no monstro, no fato de permanecer, habitar e ocupar, em suas entranhas, nossos modos de vida e de luta, narrados pelas fabulações SFs. O Chthuluceno “não é pró-vida, é sobre abraçar a fluência temporal serpentina da mundificação terrânea em seu passado, presentes e futuros, que em certo sentido, serpenteia por entre e através dessas grandes histórias” (HARAWAY, 2014).

Para lidarmos com o Chthuluceno como uma proposta de contar histórias de mundificações terrâneas, operamos com a monstruosidade da máquina de formação

⁴ . Partimos de reflexões de Haraway (2016) sobre a importância da palavra *ceno*: “pra mim é que ela significa uma densa época presente de agora. Não significa somente passado. A densa época presente de agora possui muitas durações, muitos tipos de viver e morrer, e sim, os múltiplos processos de viver e morrer dos tipos nessa terra”.

universitária e os circuitos e conexões que não estão configurados entre o 'público e o privado', mas ampliados e contemporizados pela cidadania do tipo *ciborgue*.

Como Haraway (2014) afirma, “não há dúvidas que os processos antrópicos tiveram efeitos planetários, em inter/intra-ação com outros processos de espécies, desde que nos reconhecemos como espécie (s/p)”. Por resistirmos, em nossa ocupação chthulucênica, passamos a investir em realidades de mundificação, na luta pelo que está debaixo da terra e sobre a terra, aliando-nos às tribos que convivem com seus monstros, “ser um é tornar-se com muitos: essa é a normalidade do devir-com em algo que chamamos de ctchuluceno” (HARAWAY, 2014, s/p).

Nas histórias de Chthulo, habitamos uma floresta, arriscamos nossas vidas ao enfrentar o grande monstro da máquina de formação e acabamos devorados por ele. Enquanto somos digeridos, rompemos com processos insustentáveis e provocamos indigestões ao ocupar políticas de nossos desejos. Assim, configuramos uma cidadania do tipo *ciborgue* que enfrenta e gera conexão para que nossos modos (usos e costumes, espaços de vida e de circulação) continuem ativos e afirmativos. Atentamos também para o fato de que, após ocorrer a ocupação de uma cidadania *ciborgue*, a máquina de formação amplia, incorpora ou restringe as micropolíticas, as molecularidades das práticas coletivas e o que coletamos são as narrativas desse processo digestivo e pós-digestivo, no qual o ser humano é sempre ser-adubo⁵.

Investimos em SFs, inspirados em Kate King (2011). A nossa proposta é descolonizar o nosso modo de aprender para investir no modo de pensar feminista, por isso observamos os epistemes feministas. King (2011) demonstra, baseada em Haraway⁶, um modelo para um certo tipo de pensamento em torno de binários culturais fundamentais. Joga com a ideia de *pastpresents*, modelada no uso do termo *naturecultures* de Haraway.

Modelar nossa pesquisa em *Pastpresents* é uma potente investigação do/no real desconhecido, que se atenta na persistência do passado no presente, interessada nas novas e velhas organizações de pontes. Os *pastpresents* são, dessa forma, “tanto uma teoria quanto uma metodologia de escolha, um padrão recorrente no berço do gato quando as evidências dispersas, históricas, antropológicas e outras devem ser reunidas através de fronteiras disciplinares e outras temporalidades” (KING, 2011, s/p).

⁵ Investigaremos a transformação do composto *humus*, daqueles que ocuparam o digestório da floresta, entre nossos processos de criação e resistência, especialmente no cap. 3.

⁶ *Pastpresents* (uma palavra), semelhante ao historiador de tecnociência feminista e as culturas-natureza de Donna Haraway (também uma palavra), são implosões em reinos discursivos e outros.

Contextualizamos nossa pesquisa entre movimentos de universitários e as micropolíticas que persistem e nos levaram a reconhecer outras temporalidades imagéticas dedicadas nesta escrita parcial e implicada, possibilitada por meio da tecnociência e epistemes feministas. Para King (2011), estamos quebrando o contrato de iluminação:

Penso nos presentes do passado como evidências bastante palpáveis de que o passado e o presente não podem ser purificados uns dos outros: eles me confrontam em cada historiografia experimental com interrupções, obstáculos, novas / antigas formas de organização, pontes, mudanças de direção e dinâmica de fiação. Nem a natureza e a cultura, nem o passado e o presente são realmente fáceis de separar e, corretamente, podemos questionar repetidamente tais separações. Faço isso para que possamos pensar em como as tecnologias e suas histórias, segundo as palavras de Haraway, "poderiam ter sido de outra forma e ainda poderiam ser". A nomeação de *pastpresents* é uma crítica da crítica do presentismo e também compartilha uma epistemologia feminista em que, juntamente com Haraway e o antropólogo da ciência Bruno Latour, "quebramos o Contrato de Iluminação", que nos obriga a manter separadas nossas purificações e hibrididades como condição para praticar ambas (s/p).

As entrevistas coletadas no movimento de universitários recuperam ocupações de mundos, ao mesmo tempo que contextualizamos tecnologias e histórias, seus efeitos e extratos rizomáticos. Com os *pastpresents*, atualizamos o resíduo marginal, que segundo Guattari (2013) são campos de forças que sobram das adaptações aos equipamentos coletivos. Neste caso, cabe lembrar que o equipamento coletivo acadêmico propicia um molde assujeitado do universitário, que afirma uma preparação para a reprodução do projeto de Estado e silencia sua memória de luta feminista, antirracista e antifascista. É por meio dos *pastpresents* que podemos modelar uma cama de gatos, evocar pensamentos e estimular os corpos que trazem, em suas narrativas, memórias afetivas, políticas e críticas próprias de ocupação. Dessa forma aprendemos com King (2011):

Para começar a co-criar com Haraway e outros na cama de gato, eu levo o meu termo, *pastpresents*, como uma espécie de naturecultures que também serve de viagem. Compreendo-os agora como evidências bastante palpáveis de que o passado e o presente não podem ser purificados uns dos outros - eles me confrontam com interrupções, obstáculos, novas / antigas formas de organização, pontes, mudanças de direção, dinâmica de fiação (s/p).

Como se percebem novas e antigas formas de organização dentro de um mesmo corpo relacional? Sentimos e demos escuta a um (peculiar e local) -movimento estudantil. Sabemos que um ano difere de outro, em um semestre ou bimestre podem-se alterar estruturas, que dirá quando *ocupamos com o movimento*. Na transmissão de mundos ocupados e repletos de desejo, encontramos narrativas de resistência ao próprio processo de restrição, bem como aos usos e costumes de práticas coletivas, que são material de análise nesta pesquisa. Afinal, em nenhum

lugar, alguém é inocente e precisamos nos posicionar no jogo, na cama de gato das ocupações entre signos, linguagens e transmissões coletivas:

Posicionar continuidades culturais ao longo do tempo em áreas particulares, desigualmente distribuídas, significa realizar trabalhos de campo contemporâneos nos Andes: estes são literalmente *pastresents*. Tal especulação necessária em face de evidência esparsa significa teorizar através de culturas ao longo de vários prazos, para apresentar gamas de possibilidades, padrões sociais, conjuntos dinâmicos paradigmáticos. O berço do gato é um grande jogo para isso. Isto é o que Urton chama de Teoria do Signo de Khipu, uma "glocalização" colapsada telescópica que acrescenta à riqueza do que conta como escrita. (Uma corda em movimento: a glocalização é "a localização e a indigenização"⁷ dos entendimentos globalmente móveis ...) Estes são literalmente *pastresents*.

Ao teorizarmos através de culturas ao longo de vários prazos, preferimos entender o movimento estudantil como indigenização, reservando-lhe peculiaridades que apresentam gamas de possibilidades e dando-lhe uma molecularidade que afirma a micropolítica e a velocidade dos circuitos de desejo. Ao apreendermos como investir em especulações feministas, as SFs ainda nos reservam um conhecimento sobre as narrativas em cordas, apresentadas por King (2011) quando ele esteve em contato com os estudos de Urton a respeito das camas-de-gato dos Inkas:

Urton desloca sua própria corda para fora: "Claramente, o pano não era apenas qualquer meio entre os Inka, era o meio de escolha, e como tal, os registros de estado foram, não surpreendentemente, fabricados deste material. ... Assim, o sistema que estamos considerando aqui não deve ser concebido como não-gráfico e não bidimensional, como se o khipu pode ou deve ser definido pelo que não é, em vez disso, o khipu foi (positivamente) tridimensional e tátil. (...) havia um alto grau de continuidade entre o khipu e os têxteis na fabricação de produtos de tecido no império, assim, os khipu não eram produtos aberrantes desta tecnologia de tecido.

O khipu é um tipo de escrita que depende da textura física: "a partir de nosso ponto de tempo, este remixa quais as experiências sensoriais estão ligadas à informação coletivamente qualificada e compartilhada" (KING, 2011, s/p). Produtos aberrantes de tecnologias do conhecimento? O que diremos se habitarmos a barriga de um monstro, quais escritas e quais leituras? Quais falas e quais escutas? Tecnologias ligadas às transmissões de informações que ocupam e rompem com servidão e dominação? Um rigor aberrante e monstruoso? Estas tecnologias possibilitam encontrar multidimensões em densas camadas e são as criações transdimensionais que, de agora em diante, servem de conexão feita com figuras de cordas.

⁷ Fenômeno de adaptação em um povo de um princípio de valor humano que lhe foi pregado ou ensinado, ou inculcido. De acordo com a Sociologia é o conjunto de medidas para tornar peculiar a um povo uma determinada ideia.

No desejo de habitar a barriga do monstro, jogando com as linhas de transmissão de informação e lidando com nosso tato: investidas concretas nas figuras de cordas que tecem o imaginativo dos saberes e expressões localizadas na UNESP Assis-SP. De modo que, amparados pela teoria crítica, outros processos de semiotização e conseqüentemente de subjetivação, venham a ser tecnodigeridos e readaptados a partir dos equipamentos coletivos que, segundo Haraway, são *ciborgues*, um tipo de *eu* – pessoal ou coletivo – pós moderno, um *eu* desmontado e remontado. Com isso, investir em SFs possibilita-nos a conexão com insurgências estéticas em linhas de fuga, ajuda-nos a ter consciência sobre quão fundamental é a imagística corporal para a visão de mundo e, dessa forma, para a linguagem política. Pesquisar ocupações a partir dos *pastpresents* nos ajuda a perceber novas e antigas formas de organização dentro de um mesmo corpo relacional em velocidade do movimento. Sendo assim, as leituras que fazemos sobre ocupar os cenários atuais, ainda nos permite ampliar narrativas sobre as dinâmicas de memória que, subjetivamente, são lembradas entre as singularidades desejanças, nos modos de subjetivação coletivas e nas criações de resistência política.

O processo de criação de resistências políticas universitárias no interior de São Paulo emerge no fim da década de 1960, sendo o Câmpus de Assis da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis) um importante espaço de afirmação intelectual, resultante de um projeto de Humanidades, defendido, sobretudo, por Antônio Cândido. Fundada em 30 de janeiro de 1976, pelo decreto n.º. 952 do governador da época, Paulo Egydio Martins, a UNESP reuniu 15 Institutos e Faculdades Isoladas localizadas no interior do Estado de São Paulo. Assim como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a UNESP, em sua organização multicâmpus, possibilitou a expansão das universidades públicas paulistas de modo a alcançar o interior do estado, seja recebendo os estudantes, seja trazendo para as pautas científicas demandas locais, até então, de pouco acesso.

Até o presente deduzimos que, nos espaços de afirmação intelectual, a revolução molecular está como pontos de erupção, dadas as insurgências, análises, críticas e movimentos de enfrentamento e questionamento à servidão maquínica e aos modos de subjetivação nas formações acadêmicas. No livro do Comitê Invisível (2016), “Aos nossos amigos”, reconhecemos que ‘a guerra está em nós’ (p.168). A paz não é possível nem desejável:

No fundo, a rejeição da guerra só exprime uma recusa infantil ou senil em admitir a existência da alteridade. A guerra não é a matança, mas sim a lógica que regula o contrato de potências heterogêneas. Ela é travada por todos os lados, sob inúmeras formas, e na maioria das vezes por meios pacíficos. Se há uma multiplicidade de mundos, se há uma irreduzível pluralidade de formas de vida, então a guerra é a lei de coexistência nesta terra (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.167).

O campo insurgente das ocupações políticas, no ano de 2016, fez romper nas práticas coletivas a possibilidade do “conflito ser a própria matéria do que se é” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.168). E corporificamos no *ciborgue* a *arte* de como conduzir isso, - esta matéria conflitual – esta questão de tato- que é uma arte de viver situacionalmente, e que supõe ‘delicadeza e mobilidade existencial mais do que vontade de esmagar aquilo que não somos’ (p.168).

1.3- Práticas de contar histórias do/no contemporâneo.

“O contemporâneo, é antes de tudo uma questão de coragem” (AGAMBEN, 2009, p.65)



Figura 4- Recepção

Segundo Agamben (2009), ser contemporâneo significa “ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também perceber nesse escuro uma luz⁸ que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós” (p.65). Ser contemporâneo, ao contrário do que comumente se pensa, não é ser aquele que coincide muito plenamente com sua época, em todos os aspectos e a ela se adere perfeitamente. Pessoas que agem assim não são

⁸ Esta luz da iluminação, que estamos quebrando o contato, já citados por King (2011).

contemporâneos exatamente por isso: “não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (p.59).

O exercício e a experiência de contar sobre mundos estão para Haraway (2014) como a única possibilidade de viver com alegria e com terror que inclui lamentar e compreender que não somos contadores de histórias pró-vida:

Nós somos viver e morrer e assumir, somos suportar-com, sofrer como uma noção de suportar, carregar, e que isso não é deprimente, que, juntos uns com os outros, isso não é uma questão de cinismo ou ceticismo, ou depressão, é uma questão de ser sério. E na seriedade está um tipo extraordinário de alegria. Eu preciso da beleza da teoria que nos leve a uma capacidade de continuar esse tipo de coisa.

Somos convocados a contar esta história de habitação e ocupação da barriga do monstro; acompanhar e prolongar os processos dos quais evocamos histórias de cidadania *ciborgue*. Um ofício possível/ exequível e pensável do psicólogo que se contagia pelo evento de transformação:

Quando analisamos as pesquisas participativas, observamos que elas realçam frequentemente uma inquietude e se formulam a maior parte do tempo sob a forma dessa pergunta: “você quer me acompanhar no evento de transformação cuja experiência estou tentando fazer?” Porque frequentemente, e imagino que o paralelismo pode ser conservado com a demanda em terapia também, o acontecimento da transformação começara antes de ter sido formulada a demanda: o terapeuta seria então requisitado a acompanhar e a prolongar a transformação, tornando-a possível, pensável. (DESPRET, 2011, p. 50-51)

No entanto, lidar com a produção de histórias contemporâneas requer estratégias de conhecer os modos de habitar o tempo para não ser produto do tempo, ou ainda, não nos encerrarmos na servidão maquínica que impede de perceber o arcaico. Isto é, a origem. De fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o, antes de tudo, como arcaico. No mais moderno e recente, somente quem percebe os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo (AGAMBEN, 2009, p. 69).

Então se perguntamos: Quem são os contemporâneos de nossas história? Poderiam todos ser universitários? Não como aqueles que tinham seu registro de aluno enumerado e legítimo para trafegar e usufruir dos espaços da universidade, mas sim aqueles que não corresponderam fielmente aos requisitos do seu tempo. Para Agamben, aqueles que dão “capacidade de dar ouvidos às figuras nos textos e nos documentos do passado, e não apenas do nosso século e do “agora”” (p.73). São contemporâneos às nossas histórias todos aqueles que reconhecem a conectividade política ocorrida no ano de 2016 — local, nacional e global

— e que criaram produções reais de desejo coletivo para habitar um mundo sonhado, mesmo que em guerra.

Nesse plano, somos contemporâneos: nós e as nossas histórias; são contemporâneos aqueles que coabitaram o processo de ocupação política no ano de 2016 e experimentaram, pelo seu desejo, a possibilidade de se conectar a práticas coletivas e a criações de outros mundos ainda que temporários, mas ainda efetivos para a mudança, a dinâmica e a preservação.

Com a produção de SF, decidimos dar uma linha a mais para as histórias e os mundos criados que convivem com o presente e articulam, estrategicamente, suas ações éticas — estéticas e políticas — por uma via de preservação de riquezas ligadas à potência de seus usos e costumes, não mais pelo poder, na servidão maquínica.

Estimulados por Haraway (1994, 2009, 2014), também nos conectamos em sua pretensão política de afirmar mundos possíveis quando, no início da década de 80, ela estava nos Estados Unidos, num recorte urbano corrompido, para pesquisas científicas, coabitando, assim, uma episteme posicionada na barriga de um monstro.

Quanto a nós, coabitamos a barriga do monstro, como parte de um processo digestivo. Nele permanecemos com todos que foram engolidos pela máquina de formação (aparelho do Estado) e de dentro, em nossas microrrelações (com plantas, cheiros, sons, humanos e não humanos), começamos a lidar com aqueles que morreram e viveram de outra forma, depois de engolidos.

Fazer parte do processo de digestão do monstro significa, a possibilidade de composição de diversos modos de formação, uma vez inseridos no projeto de formação acadêmica. Este não é um procedimento fácil e exigirá sempre rebelião, insurgência e lugares de escuta política para que possam deixar viver nossas pautas e as conexões de nosso desejo. Agimos como nutrientes que podem alimentar e fortalecer o monstro ou até mesmo adoecê-lo. A força de nossas ações resultarão sempre em composto efetivo frente à máquina de servidão e dominação.

Para Haraway (2009), as dominações hierárquicas do patriarcado capitalismo branco nos levaram às novas e assustadoras redes — chamadas por ela de “informática da dominação”. Explicaremos alguns componentes dessa informação: o mundo é subdividido por fronteiras diferencialmente permeáveis à informação. A informação é apenas aquele tipo de elemento quantificável (unidade, base da unidade) que permite uma tradução universal. Dessa forma, um poder universal sem interferências, é aquilo que se chama de “comunicação eficaz”. A maior ameaça a esse poder é constituída pela interrupção da comunicação. Qualquer colapso do sistema é uma função de estresse. Os elementos fundamentais dessa tecnologia podem ser

condensados na metáfora C3I (comando-controle-comunicação-inteligência) — o símbolo dos militares para sua teoria de operações (HARAWAY, 2009, p.65).

O contemporâneo está marcado pela informática da dominação e pela interrupção dessas informações de dominação, que vêm ocorrendo em modos de ocupação política como as apresentadas nesta pesquisa. Nesse campo de dominações e ocupações, o que está em jogo não são apenas patrimônios, mas territórios de vida e de morte.

Por um lado, temos o equipamento coletivo da máquina de formação, preparando-nos para a servidão e a dominação que correspondem à excelência e à qualidade do ensino superior no Brasil como patrimônio bruto e estatisticamente analisado anualmente; do outro; temos os equipamentos coletivos insurgentes que, ao ocuparem o desejo político pelas práticas e ações, estão avidamente produzindo plenos territórios de vida, permanência, trocas e conexão. É nesse binarismo que o *ciborgue* enfrenta, rui e tem seu prazer, lidando com as barreiras dicotômicas.



Figura 5- Articulação

Faço parte e sou contemporâneo desta ocupação política do desejo entre os jovens universitários da UNESP de Assis-SP, uma vez que prossegui, nos últimos anos, nos movimentos e coletivos, estive presente e diretamente ligado a ações da graduação e da pós-graduação. A ocupação que ocorreu em 20 de maio resultou num acontecimento incentivado por mim e companheiros(as) da pós-graduação que possibilitou, durante a ocupação, um evento chamado “quinta da pós”. Diversas articulações que tematizavam sobre as cotas⁹ nos PPGs da UNESP; a permanência estudantil na pós-graduação e na graduação¹⁰; o apoio ao movimento

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=YWaIgD3BE14>

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=nFihdcbIFV0&t=39s>

de greve de alunos, funcionários e professores¹¹ e a respeito do assédio e violência de gênero¹² encontram-se registrados em vídeos públicos no YouTube. São recursos coletivamente elaborados e divulgados. Eles geraram comprometimento sob o olhar de pesquisadores(as) e, conseqüentemente, promoveram a ocupação e discussões acerca da formação. Desse modo, esses recursos inscreveram-se como transmissão efetiva e política do contágio desejante e coletivo.

1.4- A semente germinativa de uma floresta

O lugar de experiência ao qual pertencemos é chamado de UNESP. Atualmente, é parte do patrimônio do Estado de São Paulo, e preserva, ainda, um bosque, recentemente tombado como local de experimento e reconhecido, em setembro de 2012, como jardim botânico.

São 60 anos da UNESP Assis-SP¹³ como câmpus universitário. Mas, ao mesmo tempo, também falamos de uma terra já habitada por muitos afetos, território de povos originários que, hoje, encontram-se como máquinas de formação do Estado [a UNESP Assis/SP]. Antes de sua fundação, a área abrigava um cemitério indígena, como relatam as narrativas dos vizinhos e bairros ao redor. Isso se preservou um pouco de memória em histórias e museus. Muitos discentes, enquanto escutam a musicalidade das árvores que estão ali, registram segredos e trocam afetos com o lugar que preserva um pouco de suas histórias. Verdade ou não, nos recusamos a apenas ver o espaço de especulação como espaço de formação acadêmica, mas, sim, como espaço de conexão a espécies companheiras e espaço de convivências de outras sociabilidades preservadas pelos usos e costumes.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=yhG2Xcuvlz4>

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=pVadOvfoDVY&t=15s>

¹³ A atual Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Câmpus de Assis, teve sua origem em 1956, com a aprovação, pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, do Projeto de Lei do então Deputado José Santilli Sobrinho. Em fevereiro de 1957, foi promulgada a Lei Estadual 3826, que criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis - Instituto Isolado de Ensino Superior, cuja inauguração deu-se em 16 de agosto de 1958. Com o objetivo inicial de formar pesquisadores para atuarem no ensino público, antigos cursos Ginásial e Colegial, numa região, à época, carente de profissionais portadores de curso superior, e também visando formar pesquisadores e profissionais para o ensino superior, o Instituto Isolado foi instalado em março de 1959 e reconhecido pelo Decreto Federal 45.263/59. Em janeiro de 1976, pela Lei 975, criou-se a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, que congregou todos os antigos Institutos Isolados do Estado de São Paulo. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, pois, como Instituto Isolado de Ensino Superior, perdeu personalidade jurídica de autarquia e passou a integrar a UNESP como Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis (ILHPA). Posteriormente, passou a denominar-se Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL-Assis). Hoje, a FCL-Assis oferece cinco cursos de graduação (Ciências Biológicas, Engenharia Biotecnológica, História, Letras e Psicologia) e programas de pós-graduação nas áreas de Biociências (Mestrado), História (Mestrado e Doutorado), Letras (Mestrado e Doutorado) e Psicologia (Mestrado e Doutorado). (Fonte *site* da UNESP)



Figura 6- PANCs do Jardim botânico



Figura 7- Placa de inauguração

Para Haraway, o convívio de *ciborgues* de carne, entre espécies companheiras (animais, plantas, aves), configura-se como arranjo familiar entre “primos” mesmo que de espécies distintas, mas que sobrevivem e se adaptam a mundos danificados.

Dizemos isso baseados nas narrativas de experiências como saraus, apresentações artísticas, práticas de esportes, assembleias e plenárias ao ar livre e na companhia de gatos, que fazem do espaço não apenas o lugar de formação e uniformização, mas de modos de vida entre mundos vivos, além de histórias de corajosos que andam pelo bosque e encontram a *famosa* capivara que mora por ali: “Ela existe, eu a vi ontem na frente da clínica Escola!”, dizem alguns.

A partir desta semente germinativa de toda uma floresta, contextualizamos o território e circuito que nos convida a pensar no espaço, a UNESP, como vasto e múltiplo. *Lugar de fantasia e possibilidades*. Não estando este espaço preso a um único regime: “É na floresta que na tradição literária figura como lugar de mistério, de perigo, que se estabelece a um ponto de refúgio, de proteção. Um refúgio em uma paisagem idealizada” (GALINDO & SOUSA, 2017b, p.10). A *floresta* está para esta SF como proposição de um possível *lugar de ocupação e refúgio político*.

No ano de 2013, quando deflagrada a greve com ocupação, os jovens universitários ocuparam o bosque com barracas e colchões. O objetivo era de experimentar uma relação com o lugar até então não permitida. No ano de 2016, ano em que narramos a habitação da barriga do monstro, nos foi apresentada, pelos coletivos e suas práticas a ideia de que, para se ter acesso

ao bosque e a outros recursos que uma floresta toda poderia proporcionar, era preciso primeiro incomodar de perto e de *dentro*.

Sendo assim, a erupção da floresta fez insurgir uma relação de luta pelo uso do espaço com as árvores e com trilhas nos bosques, lugar preferido por alguns colegas para aprender e estudar que as inadequadas salas enfileiradas. A questão *o que se aprende do espaço chamado hoje UNESP não está definitivamente exclusivo ao que se repassa em sala de aula*, mas veremos aqui, em algumas narrativas, que, mesmo sendo uma paisagem idealizada, a floresta está com seus monstros (em gabinetes ou não), definindo o uso restrito para as possíveis potencialidades que venham a ocorrer fora das salas de aula.



Figura 8- Prática coletiva de reflorestamento.

Desejamos de certa forma e ao nosso modo, nos conectar com as aldeias das florestas amazônicas que preservam, por meio de suas histórias e medos de monstros, um certo *plano de vida* e uma dada *ocupação política de territórios* que operam em *diferentes circuitos*. O desejo dos povos originários *conduz campos de forças* para fabular e fazer viver mundos de resistência com a prática de contar histórias e a responsabilidade das ecologias contemporâneas. Germinada a floresta, passemos a experimentar um pouco do que sentimos e conhecemos sobre seus monstros.

1.5- Sinais de mundos monstruosos: algumas transmissões.

Os modos de ser desses monstros podem ser sinais de possíveis mundos — e eles certamente são sinais de mundos pelos quais somos responsáveis. (HARAWAY, 1991, p.2).

Haraway adverte que evocar figuras para contar histórias requer seriedade e dedicação. Mantermos essa proposta a fim de provocar o presente de mundos, já habitados e imaginados, que encontram-se danificados pelas dominações e servidões da máquina. Então, esse monstro que evocamos é maquinico de formação, cheio de cabos elétricos de conexão rígida de controle, como visualizamos na figura do Portal de Sistemas da UNESP. O Sistema Sentinela da UNESP (o que tem o domínio de todas as informações do registro do aluno) relaciona ali todos os equipamentos de legitimidade e meritocracia como, por exemplo, condições para matrículas, acompanhamento do desempenho acadêmico, número de créditos a serem cumpridos e, num diálogo cada vez mais restrito à informática, vemos ainda a possibilidade de análise semestral da Instituição, figurando, assim, a imagem de uma “máquina” que estreita, cada dia mais, a relação entre instituição e aluno.

Já a figura de Mapinguari, mencionada na epígrafe, caberá aqui como interligação e especulação feita a partir de narrativas que afetaram uma relação monstruosa com a máquina de formação em busca de multiplicar e romper com o processo de servidão e dominação. Um *mapinguari híbrido*, *máquina*, *sentinela*, são tipagens que dão imagens a um sistema de informações que nomeiam, ao mesmo tempo, a função de vigiar algo e estar atento a qualquer perigo e ameaça. Um *monstro máquina-sentinela*, devorador de cabeças que se utiliza de termos militares e de controle de excelência e qualidade dos saberes.

Especulamos o monstro, inicialmente, pela produção literária de um dos colegas entrevistados, impulsionado por um evento que ocorreria para prestigiar os escritores do Câmpus. O caso resultou em um conto que leva o título de “O devorador de cabeças”. Segundo o autor, a intenção era justamente a de contar sobre o processo de extração do saber, como se a cabeça fosse o *plug* conectivo que alimenta a própria máquina, cena observada no filme “Guerra dos Mundos”¹⁴, em que as máquinas são alimentadas com sangue de humanos. Já, a máquina provedora de diplomas alimenta-se de saberes e, como devoradora de cabeças, absorve o conhecimento e produz altos níveis de inovação extraído da criatividade e trabalho bruto de tudo aquilo que devora.

A figuração do Mapinguari, considerado “fato real e vivido para os habitantes dos povos Karitianas”, foi apresentado por Vander Velden (2016) e nos fez sentir a necessidade de preservar também um cenário rico de narrativas acerca de um ogro, criatura sobrenatural que se alimenta devorando corpos dos caçadores. Recorremos à figuração da barriga do monstro

¹⁴ War of the Worlds (br/pt, *Guerra dos Mundos*) é um filme catástrofe de suspense e ficção científica estadunidense, de 2005, uma adaptação livre do romance de H. G. Wells, dirigido por Steven Spielberg e escrito por Josh Friedman e David Koepp. (Fonte Wikipédia - acesso em 29.01.17).

como cenário para a experiência de uma especulação fabulativa, seguindo *circuits de ressensibilização*. Desse modo, a experiência factual de ocupar a máquina de formação, onde jovens universitários estiveram nutrindo e plugando sua energia no processo de formação acadêmica, não significa que eles ao operar e nutrir o monstro se encontrassem em servidão maquínica, mas sim o contrário. Especificamente nesta pesquisa, *percebemos que a experiência factual está desdobrada pelo circuito ciborgue*, operando em linhas de fuga por meio das narrativas de ocupação de desejo, que aparecem como corte e ruptura, contágio insurgente, as quais dão a possibilidade de criar outros circuitos.

Tocados pela leitura de Tomaz Tadeu (2000), encontramos, na “Pedagogia dos Monstros”, a possibilidade efetiva de provocar, no campo da Psicologia, um rompimento das barreiras do que se constitui a subjetividade e aprendemos que:

A “pedagogia dos monstros” recorre aos monstros para mostrar que o processo de formação da subjetividade é muito mais complicado do que nos fazem crer os pressupostos sobre o “sujeito” que constituem o núcleo das teorias pedagógicas — críticas ou não. (p.20)

Se partimos da ideia de que o monstro é uma forma “suspensa entre formas” e de que Mapinguari é a máquina-sentinela de formação, os processos de transformação correm o risco ou de serem capturados dentro dos planos acadêmicos como parte da estruturação sistêmica, ou de serem exterminados, ~~de~~ esquecidos e silenciados pela forma suprema de ensinar e aprender. Assim, para Cohen (2000):

Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção. (p.30)

A “existência” dos monstros é a demonstração de que a subjetividade não é, e nunca será, um lugar seguro e estável que a “teoria do sujeito” nos levou a crer. As “pegadas” do monstro não são a prova de que o monstro existe, mas a de que o “sujeito” não existe (Cohen, 2000, p.18).



Figura 9- Transmitindo estratégia política com funcionários

Para Vander Valden (2016), “a busca científica por espécies (ou espécimes) fabulosas, lendárias ou monstruosas, estimula a imaginação ocidental desde o medieval. Esse fabulário fantástico transferiu-se para as Américas e para o Brasil” (p.217). Ainda, segundo o autor:

Desta forma, o Mapinguari Karitiana – o Owoj/Kida harara/Kida so’emo – deixa de ser uma lenda ou uma crença – ele, de fato, não o pode ser (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 130-132) – e torna-se matéria do mundo real, do mundo tal como os Karitiana habitam. Os Karitiana não acreditam no Mapinguari, pois dizê-lo seria suspeitar que uma camada de crença – produção, pois, da mente (para interpretações psiconeurológicas) ou do espírito (para interpretações de matiz religioso) – que recobre um mundo duro, real, realmente existente, no qual – sabemos todos nós, fieis à ciência – Mapinguaris não existem. Os Karitiana viveriam, assim, em erro, ilusão ou loucura: sua realidade não seria a realidade real, aquela única, que as várias disciplinas científicas se ocupam em descortinar e nossa experiência cotidiana serve (ou, ao menos, deve servir) para confirmar. Pior: tomado como uma lenda, ou narrativa mítica, será preciso supor que os Karitiana viveriam em uma espécie de paranoia, tendo horripilantes encontros na floresta com uma criatura imaginária e evitando porções de seu território – ricas em caça, dada a ausência prolongada de predadores humanos – por uma arraigada fidelidade a uma narrativa literária vazia de referentes. Ecos de mentalidades pré-lógicas ou de confusão mental nos espreitam aqui. E discutir ou questionar as afirmações Karitiana pode servir, afinal, apenas para separá-los de nós (p.215).

A possibilidade de habitar realidades monstruosas e fazer delas um campo aberto a mistérios para as pesquisas, que ocupam imagens em cenários até então escondidos, são também denunciados por Vander Valden (2016):

Parece-me, contudo, que seguimos obstinadamente recusando a realidade de outros seres, de outros mundos, que não aqueles autorizados por nossos estreitos cinco sentidos e pelas complexas elucubrações científicas ou filosóficas nas quais acreditamos (e, aqui, vai um juízo de valor, note-se) sem pestanejar. Uma das saídas frequentes para a necessidade de explicar o inexplicável, por assim dizer, é o recurso ao mistério: asseverar que uma crença ou lenda pode ser verdadeira, ou descrever a realidade real (a única, claro), desde que as narrativas indígenas sejam reduzidas a um objeto científico mais ou menos autorizado, ainda que totalmente dependente das técnicas de confirmação desenvolvidas pelas diferentes disciplinas. A Amazônia – assim como outras partes do Brasil – sempre foi repleta de mistérios, e desde os primeiros relatos da conquista esconde mulheres guerreiras, cidades perdidas e reinos dourados (Giucci, 1992; Langer, 1997; Silveira, 2010); Rondônia, claro, não escapa da força deste tropo colonial, em que príncipes incas em fuga escondem tesouros fabulosos em minas esquecidas (Pinto, 2012). Por que não poderia seguir ocultando uma criatura que apenas os índios, seringueiros e velhos ribeirinhos conhecem? Real, portanto, ainda que elusiva para a ciência e seus praticantes obcecados pela verdade e pela comprovação de hipóteses bem pensadas?

É isso que fazem alguns pesquisadores, ao identificarem o Matinguari amazônico com as preguiças gigantes (também chamadas megatérios ou preguiças terrestres), animais enormes (o nome se traduz como ‘besta gigante’) – e parentes distantes dos bichos preguiça atuais (ordem Xenarthra) – que comprovadamente habitaram a região meridional do continente americano (do Peru à Argentina, incluindo a Amazônia; ver Ranzi, 2000, 2008) até o final do período pleistocênico, tendo se tornado extintos há cerca de 10 mil anos (p.215)

Em “Refigurando monstros”, Silva (2009, p.95) analisa:

Os monstros, porém, assumem muitas outras formas contestadoras nos trabalhos de Haraway. Essas figuras são coletadas por Haraway não apenas na realidade material mundana, mas também na teoria e na ficção feminista. A escrita, diz Haraway, é a tecnologia dos ciborgues (HARAWAY, 2000, p.96) justamente porque tem sido sistematicamente utilizada como instrumento de dominação, vide as histórias da colonização; as histórias feministas sobre ciborgues têm a tarefa de “recodificar a comunicação e a inteligência a fim de subverter o comando e o controle” (HARAWAY, 2000, p.95).

No entanto, nossa releitura de Matinguari passa pela urgência, tanto para nós universitários como para os Karintiana, de conviver com monstros que irão determinar nossos modos e práticas, sob perspectivas políticas de luta e sobrevivência, determinadas a partir de nossa disposição de pôr em marcha a potência de nossas conexões. Além disso, permanecemos com algumas experiências de composto — (com)post-ocupado — que fomentaram alterações rigorosas nos modos de formar e romper com linhas de dominação e servidão, as quais só quem

habitou a barriga, ou experimentou ocupá-la, trará como narrativa e especulação fabulativa a monstruosidade situada e localizada na vida dos unespianos de Assis-SP.



Figura 10- Prática em oficina durante a ocupação

1.6- Do cenário monstruoso às entranhas da máquina: Povoamentos de ocupação.

Estamos no monstruoso¹⁵ mundo das máquinas e dele partimos para o conhecimento. Sabemos que tudo é produção, tudo é equipamento coletivo, formação de vida social e controle de práticas moralmente questionáveis. Encontramo-nos em uma dada servidão maquínica, que opera sobre as nossas vidas, a todo momento, um sistema que vive nos assediando moralmente para práticas que correspondem a lugares de assujeitamento e a processos de subjetivação acabados.

Na obra “Signos, Máquinas, Subjetividades” (2014), Maurizio Lazzarato, baseado na obra conjunta de Deleuze e Guattari, expõe uma visão diferenciada dos estudiosos que tratam

¹⁵ Pretendo configurar como monstruoso o cenário (recurso propositivo ao imagético), com o qual, ainda na superfície, não temos condições de criar relações que não sejam as de medo, desconhecimento e da desinformação no circuito das intensidades. Quando falamos de máquinas e *ciborgues* com nossos amigos, num primeiro momento, cria-se uma monstruosa negação, mas que, consequentemente, assumem sua própria monstruosidade em realidades monstruosas, seja a das máquinas seja a do poder.

do capitalismo contemporâneo ao pontuar que a estratégia capitalista, até 1970, passava pela fabricação de papéis e lugares dos atores sociais - configuração esta chamada de 'sujeição social'- e que, a partir de então, é forjado um dispositivo que complementava a sujeição social e, aos poucos, tornara-se preponderante: a servidão maquínica. Gumiero (2015), em "Nas entranhas da máquina capitalista: Entre sujeição social e servidão maquínica", mostra que a servidão maquínica, para Lazzarato, implica, conjuntamente, formas modernas de escravidão, formas modernas de produção e de comunicação, considerando que a servidão maquínica subordina os indivíduos tanto através da comunicação, quanto através das novas formas de produção (p.11). Gumiero (2015), em nota, explica-nos que o termo servidão também comporta um sentido duplo, designando tanto o processo pelo qual os humanos são transformados em servos, quanto o usado como termo técnico da engenharia de automação, designando os sistemas de controle automáticos utilizados em vários tipos de máquinas.

Exercitamos o imagético para figurar uma teia, emaranhados e nós imaginados como densos campos de intensidades e que, por estarem encerrados, estão sujeitos ou a manterem-se na servidão do nó, ou a criar ruptura e linhas de fuga para outros fluxos serem ocupados no entre-as-linhas. O pequeno exercício de imaginação nos afeta quando sentimos estes nós nos assujeitando como o nó da restrição do uso do espaço público, o nó da permanência estudantil, o nó das políticas afirmativas, o nó dos modos de formação e ocupação política do desejo. Esses nós são entendidos como pontos de tensão e análise entre os fluxos desejanter e as políticas do Estado, entre a micro e a macropolítica e, conseqüentemente, entre os planos molares e moleculares do desejo.

Ocorre que, no Câmpus da UNESP Assis-SP, um movimento age e rejeita seguir em direção à servidão maquínica que pretende docilizar a formação apenas como modo de produção acadêmica. Isto acontece devido à insatisfação e ao modo inseguro de viver e permanecer sob alguns pontos de vista. Sob a perspectiva dos que nos narraram suas histórias, eles consideraram inserir, também, outras peculiaridades locais no modo de formação rígida e institucional a ponto de questionarem a possibilidade de uma efetiva formação acadêmica que não dispensasse a formação ética, estética e política.



Figura 11- Oficina de malabares

Essa ruptura dos nós, que estavam atados e nos prendiam a um único investimento formativo, veio também da insatisfação e descontentamento dos equipamentos de formação acadêmica que não afirmavam nossos usos e costumes e nem sequer promoviam espaços de sociabilização. As práticas coletivas começam a tomar mais força e intensidade quando, rompido o nó da servidão, criam-se linhas de conexões múltiplas. Então, é necessário sonharmos juntos (mesmo que de olhos bem abertos), atentarmo-nos à dinâmica do real e contarmos histórias comprometidas com o desejo.

Ao aproximar o olhar das imagens do cenário de ocupação, reconhecemos que a produção de desejo se dá a partir das conexões entre os modos de exercer a cidadania do tipo *ciborgue*, a qual está ligada ao rompimento das linhas. As linhas de fuga rompidas produzem o desejo do acontecimento vívido e saboreado de dentro da barriga do monstro.



Figura 12- Refeição coletiva durante a ocupação

Vander Velden (2016), no artigo "Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapinguari no sudoeste amazônico" nos permitiu aproximar ainda mais desta figura. Seus estudos sobre os registros do povo Karitiana - povo indígena com cerca de 320 indivíduos falantes da língua Arikém, do tronco tupí, distribuídos em cinco aldeias no Norte do estado de Roraima- mencionam a existência, em sua região, de uma criatura monstruosa, que é denominado na língua portuguesa, de Mapinguari.

A relação que mantemos com o monstro não serve a uma única função, mas, segundo as narrativas, encontra-se emaranhada de signos, máquinas e subjetividades, fabulações, invenções, imagens, produções contemporâneas; criam-se a partir de outros modos de viver o presente. Para a especulação de Raquel de Queiroz, primeira mulher a ocupar a Academia Brasileira de Letras, Mapinguari é a possibilidade de trazer em forma de crônica, “aspectos cotidianos e até mesmo de sua vivência pessoal, transitando dos sentimentos mais íntimos aos sentimentos coletivo, extensivos também à política” (SANTOS, 2009, p.2).

São inúmeras as conexões possíveis entre Mapinguari e a máquina-sentinela de formação do Estado; ambos assumem monstruosa ameaça ao desejo da floresta, ambos precisam de se alimentar de nossas vidas, ambos figuram a dominação frente a outros modos de cidadania - que correspondem ao mesmo tempo a mundos de permanência ou desistência de transformação. Se, por um lado, cria-se uma política do medo, também se ousa fabular e responder de forma monstruosa: ‘como foi possível passar pelo experimento (disciplinar) e a experiência (das práticas coletivas), quando somos engolidos e digeridos?’, ao passo que desejamos encontrar conexão com nosso desejo de viver, de mudar e ocupar as políticas que incidem sobre nossos futuros corpos. Especulamos aqui sobre a dinâmica da política do desejo que conviveu, ocupou e agiu, monstruosamente, a favor de futuros possíveis.

Para os Karitiana, o monstro é um fato, um dado bruto do mundo real, do mundo vivido. Numa visão cientificista, segundo Hancock (2011), seres como Mapinguari não tem nada a ver conosco, pois os seres sobrenaturais não passam de projeções vazias da mente humana, que ganham credibilidade em estágios rudimentares de cultura, mas que devem ser, inevitavelmente, abandonados 'à luz da tecnologia e pensamento modernos' (p.397). Por outro lado, temos, mediante estudos tecnocientíficos, a possibilidade de especular, fabular, criar ficção científica e fazer proliferar mundos possíveis (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Sim, Mapinguari é imaginado como o ‘ogro provedor de formação acadêmica’, o devorador de cabeças, o categórico processador *quali* e *quanti*, a máquina de verdades, do

concebível, do progresso, das tecnologias de linguagens do saber científico. Um monstro que nos assombra e que nossa recalitrância não nos deixa temer. Somos nós, movimentos de conexões insurgentes, que lutamos contra este cenário, contra esta absorção de desejos; somos nós em nossos devires revolucionários que colocamos em marcha outros modos de habitar a barriga que nos digere. Um ‘inimigo dos caçadores’ que quer lembrar a todo momento que a máquina de formação pertence à política do Estado, ao passo que insurge de nossas relações e práticas uma necessidade de fazer a máquina de formação operar políticas públicas e não restritas. Ou seja, a ocupação toma para si a máquina de formação como uma política pública e agenciada a partir dos desejos coletivos, disparando, assim, a potência de formação não só acadêmica, mas fazer da formação acadêmica também uma máquina de formação ética, política e estética, como assinalaram as pautas que foram votadas para a ocupação dos prédios e dos espaços de estratégia política, no Câmpus, no ano de 2016.

Entre as narrativas que compõe estas histórias, encontramos também, aos poucos, um pouco de sonho digerido. Mas, o sonho do qual falamos aqui está mais próximo do que o sonho que nos transmitem as ontologias indígenas¹⁶, do que o sonho das análises oníricas psicanalíticas. São narrativas que preservam, em seus modos de contar, imaginações, anseios, angústias e muito desejo, já apresentado como a vontade de “inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores” (GUATTARI, 1996, p.215).

Na relação que se estabelece entre as ontologias indígenas e a cosmologia onírica, articulamos entre a linguagem e o desejo, além dos interpretativos psicanalíticos, como uma possibilidade de não encaixar nas narrativas dos sonhos uma vida vivível, ou um tipo de sujeito em estruturas, mas interligados na necessidade de explicitar uma multiplicidade de saberes.

Aprendemos com Job, em sua obra "Confluências entre magia, filosofia, ciência e arte: a Ontologia Onírica" (2013), que quando falamos dos sonhos, como os que compõem esta pesquisa, nos conectamos com a filosofia da Diferença e Ciência moderna, mecânica quântica, Teoria do Caos, Cosmologia e algumas teorias especulativas, atravessados pela arte. O autor define o estatuto de realidade dos sonhos, sobre seu desdobramento nas confluências dos saberes, ao fazer emergir os chamados 'transaberes' que seria a transdisciplinaridade em devir aplicado à vida e, por isso, a cosmologia onírica está mais próxima de nossos sonhos do que as

¹⁶ Reflexões sobre aquilo que torna múltipla as existências. Tomamos como recorte conceitual o artigo de Eduardo Viveiro de Castro, com o título “A floresta de Cristal: notas sobre a antologia dos espíritos da Amazônia” (2006). Trata-se, especificamente, da relação do etnógrafo em confronto com as diferentes noções indígenas sobre a agência dos não-humanos. (Espíritos, monstros, ogros, etc).

análises e interpretações psicanalíticas, criando, assim, novos sentidos à vida, não sujeitando a prática de nossos desejos a estruturas contrárias.

Por esta via do desejo, as histórias de jovens que imaginaram a universidade pública como um espaço de ideias, campo de forças e lugar de formação, expõem o fato de eles sonharem (acordados ou não) com conexões, encontros e formas de acontecer. Também sonharam espaços de sociabilidade e de formação política, sonharam a partir de ‘outra percepção de mundo’: um modo de ocupação política - como ocorreu em diversas universidades e escolas públicas, no ano de 2016, mas que, ‘na barriga do monstro’ é também sonhada de uma forma peculiar.



Figura 13- Ato Estético

Tomarmos para nós as histórias de Mapinguari, antes mesmo de ser uma tentativa de extrativismo cultural como usualmente vemos em textos acadêmicos, nos fez ocupar de processos de composição e responsividade com fatos e narrativas. Jogar com Mapinguari tornou-se para nós uma atividade plena de conexão com povos que resistem com seus medos e estratégias para fazer viver mundos e acompanhar suas memórias, suas narrativas e seus modos de ocupação política. Dedicamo-nos, assim, a facultar o preenchimento dos ‘espaços brancos’ de Kilomba com linhas narráveis de experiências a favor de uma mudança social e ecológica, consequentemente, no viés guattarístico, que tenha um reflexo na produção das narrativas. Para Ferreira Netto (2008, p.73), citado em Vegini (2015) em "O gigante monstruoso Mapinguari e a solidez dos narratemas da tradição", as transformações das narrativas deverão acompanhar a

mudança social ao passar por um processo de adaptação às novas realidades; caso contrário, para o autor, as narrativas perderão completamente sua credibilidade e serão transfiguradas em formas folclóricas, caso mantenham-se existindo. Então, manter vivas as narrativas sobre a monstrosidade de Mapinguari e seus processos digestivos são adaptações a novas realidades e à mudança social que esta experiência narrativa pode nos proporcionar.

Em nossa especulação, a aproximação das significâncias monstruosas, que acompanham memórias de nosso solo brasileiro, resgata as histórias do Mapinguari. Existem diversas fabulações a respeito do Mapinguari: algumas narrativas dos indígenas da região amazônica, nos ensinam a tecer pesquisa em Psicologia no Brasil, uma análise micropolítica das práticas coletivas de jovens na universidade e de seus equipamentos coletivos insurgentes. Consideramos povoamentos de ocupação o mesmo que Rolnik (2016) em seu texto *baba*, usado para o chamamento para o seminário “*novos povoamentos*”. O convite ao seminário chama a atenção para o desejo que entra em cena e aos novos povoamentos que estão ligadas as experiências que "criam outra maneira de ver e sentir, e na sua atenção com o campo de representação funciona como um alarme que força o desejo a agir e que muda o mapa" (Rolnik, 2016). Reconectar com o saber do corpo é o que disparou pensamentos para criarmos modos de povoar nossa ocupação, da consideramos as ressonâncias dos usos e costumes que sonham e digerem as *realidades das transformações*, sendo estas múltiplas ao operar a formação e o pensamento de universitários.

1.7.-Guattari e os equipamentos coletivos insurgentes de ocupação política do desejo

Observamos que para *escutar* e *falar* de uma realidade de ocupação política era necessário a princípio entendermos as produções de desejo e a sua relação maquínica. Para tanto, recorreremos as obras de Felix Guattari. As transmissões de Guattari somarão ao cenário de configuração, quando evocados, os processos de subjetivação e modos de vida em campos de desejo inseridos em políticas do Capital Mundial Integrado.

Félix Guattari (1930-1992), militante político, escritor e psicanalista, trabalhou durante 40 anos - desde a fundação, em 1953, de sua Clínica psiquiátrica La Borde, com a colaboração de Jean Oury. A produção intelectual de Guattari foi inflada pelos ares de maio de 1968, na França, movimento este memorado pelo autor como uma revolução molecular que anunciou a possibilidade de outros modos de subjetivação política e de luta microssocial. Apresentaremos algumas de suas obras que são referências para nossa pesquisa e que darão maior suporte ao leitor(a) a respeito das ecologias, das linhas e das máquinas.

Para Guattari, os estudos de fenômenos complexos, incluindo a subjetividade humana, o meio ambiente e as relações sociais, estão intimamente interconectadas pelo que ele chamará de Ecologias ou Ecosofia. As "três Ecologias" de Guattari (1990) irão transversalizar nossa pesquisa como um todo, pois *'sem modificações ao ambiente social e material não pode haver mudanças de mentalidades'*. Para ele, toda a ação está por afetar estes três campos reais: o da psique, o do social e o do ambiental.

A ecologia social estaria ligada às práticas que tendem a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio das instituições, família, trabalho e contexto urbano. A ecologia mental, ou da psique, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, sendo esta disparada a criar antídotos para a uniformização midiática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade. Por fim, a ecologia ambiental, terá como princípio o de que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas. Um tempo virá em que será necessário empreender imensos programas para regular as relações entre o oxigênio, o ozônio e o gás carbônico na atmosfera terrestre.

Conectamos Guattari à nossa pesquisa pelo investimento teórico dedicado ao estudo da micropolítica e dos equipamentos de servidão que operam em realidade maquínica. Entendemos com Guattari (2013) as linhas de fuga e os processos de formação, servidão, reprodução e dominação que o Capital Mundial Integrado (CMI) e que propõe diagramar planos molares e moleculares para análise. Na obra "Líneas de Fuga" (2013), até o momento não traduzida para o português e lançada como inédita pela editora Cactus, em língua espanhola, propõe-se a efetuar uma análise da função geral dos equipamentos coletivos, como fundamentos da produção do social.

A partir de sua análise diagramática na obra mencionada, Guattari nos conduz a pensar as relações de poder molar (macropolítica), que tem por função 'enquadrar', hierarquizar o tecido social, enquanto que as relações de potência molecular (micropolíticas) constituem sua trama e seu laço, de um modo vivo, em função de agenciamentos coletivos de contornos alterados e de práticas rebeldes a invariantes sociológicos e econômicos.



Figura 14- Passeata do movimento Estudantil

Segundo Guattari (2013), implica sobre a nossa existência uma multiplicidade de operadores intermediados por máquinas semióticas que podem captar a energia molecular do desejo dos indivíduos e dos grupos humanos. Estas máquinas, que convergem na função produtiva-semiótica-libidinal, constituem o que Guattari, chamará de Função geral do equipamento coletivo.

Guattari parte da premissa de que o indivíduo é inteiramente fabricado pela sociedade, em particular, por seus equipamentos coletivos. Os equipamentos coletivos são, para Guattari (2013), ao mesmo tempo, a sede de um complexo metabolismo de capitalização e de neutralização dos agenciamentos diagramáticos que existem, de agora em diante, em todas as partes nas sociedades capitalistas. Em consequência disso, estão na dobradiça da velha sociedade civil e da revolução maquínica.

Os equipamentos coletivos modernos não podem ser considerados apenas peças vinculadas, adjacentes aos sistemas sociais anteriores, mas, pelo contrário, a medida que sobre eles se têm concentrado e miniaturizado as antigas formações de poder e que, a partir deles, são fabricados a maior parte de fluxos desterritorializantes capazes, às vezes, de transversalizar e de re-estratificar os diversos segmentos da sociedade, jogam, de agora em diante, num rol fundamental de delimitação, o controle, a neutralização e a repercussão de novas potências revolucionárias, dos embriões de agenciamentos coletivos.

Encontramos, a partir destes estudos de subjetivação, reflexões sobre as insurgências políticas, que expandem a vida, mesmo que rebelada; que rompem com a subjetividade ‘aluno’ e ampliam as concepções de ‘universitário’ ao subverter os equipamentos coletivos,

possibilitando novos modos de ação e de criação que são refinados pelos coletivos universitários, nos equipamentos coletivos insurgentes.

Os equipamentos coletivos insurgentes devem ser diferenciados dos equipamentos coletivos hegemônicos. Para Camargo (2001), a medida que um universitário se encontra vinculado a um sistema de representação escolar capitalista o seu desejo cai sob a dependência da máquina capitalista, levando-o a se relacionar através dos valores capitalistas. Esse processo pode ser caracterizado como um assujeitamento dos fluxos desejantes aos valores capitalistas. A subjetividade capitalizada, produzida pelos equipamentos coletivos, tem a função de tornar homogêneos os valores do capitalismo, preparando os indivíduos para a produção econômica e subjetiva. Mesmo que um corpo, que passou pelos equipamentos coletivos, não consiga ser inserido no mundo do trabalho para produzir, ele estará apto para reproduzir as relações subjetivas capitalizadas. No caso da universidade, as subjetividades capitalizadas, trarão o reflexo da excelência qualidade da academia.

Os equipamentos coletivos deveriam ser considerados, segundo Guattari (2013), como 'máquinas que produzem as condições de possibilidade e toda infraestrutura econômica capitalística', dada que a realidade dinâmica, energética, pulsional do social está cada vez menos centrada sobre o indivíduo, a família, a escola etc., podendo cristalizar-se em torno de elementos às vezes minúsculos. As operações maquínicas dos equipamentos podem se organizar segundo conjuntos de grande dimensão, que colocam em jogo múltiplos componentes econômicos, sociais, políticos, jurídicos, institucionais — como é o caso, por exemplo, com o que hoje em dia se chama de 'crise da juventude', a 'crise do exército', a 'crise da justiça' — os agenciamentos coletivos aplicados por estes cristais microscópicos e estes vastos movimentos de conjunto, que antes de fixar esta realidade como fazem os equipamentos coletivos, antes de codificar e institucionalizar as relações entre os poderes molares e as potências moleculares, não cessam de questionar.

A análise micropolítica se dará por uma arqueologia externa de formação de poder e da emergência destas mesmas formações de poder a partir de redes moleculares de máquinas desejantes que atravessam de forma muito mais subterrânea os níveis do corpo, do indivíduo, da família, da escola, do exército, etc. Por isso, investimos e jogamos em composição com Haraway e sua colaboração no que diz respeito à preservação de mundos danificados, nos quais se caracterizam uma cidadania contemporânea comprometida com a fluidez do desejo molecular e parcial.

Os objetos de base da economia social do desejo já não são grupos territorializados de indivíduos e de famílias, senão de multiplicidades transpessoais que tendem a escapar a

estratificação e a marcos estabelecidos; é igualmente certo que as mesmas multiplicidades podem ser retomadas no jogo de instâncias molares em razão de que podiam ser sentidas de forma amena por estes últimos e que nada ganham sem o empenho de desencadear agenciamentos coletivos que questionem de forma decisiva.

A vida política se joga no nível dos agenciamentos coletivos de desejo e dos equipamentos de poder. Para Guattari (2013), ainda que estes últimos, os equipamentos de poder, ocupem o primeiro plano, em detrimento dos primeiros, não devem mascarar a problemática, a saber das novas tecnologias de alienação social que põem em marcha, chamam e, em certa medida, trazem possíveis modos radicalmente novos de reestruturação das lutas revolucionárias.



Figura 15- Registro da primeira noite de ocupação em 2016

Uma nova memória maquínica, uma nova organização social - cujo centro de decisão estará disposto em rede e já não mais submetido hierarquicamente entre si - não poderá então contentar-se, para se afirmar, rejeitando massivamente os equipamentos repressivos, em particular os equipamentos miniaturizados, tais como o poder da escola, do médico, do casal, do superego. Deverá tomar em conta a própria força de reprodução que são portadores. Está condenada, de certo modo, a produzir modos de semiotização e agenciamentos que não somente os expropriam de seus poderes atuais, mas também defasam de maneira contínua os retornos incessantes do funcionamento do equipamento capitalístico. Encontra-se aqui a aproximação com a cidadania do tipo *ciborgue*, pois o *ciborgue* incorpora o rompimento ao funcionamento

hierárquico das dominações que apresentamos em nossa pesquisa e configura-se *como material de análise*, entre as narrativas produzidas e as memórias de ocupação do ano de 2016.

São as investidas que tivemos em sabotar a própria força de reprodução entre os equipamentos coletivos que farão germinar os equipamentos coletivos insurgentes, que defasam, rompem, e criam linhas de fuga que não retornam tão facilmente ao funcionamento do equipamento capitalístico. Por isso, esta obra é de grande valia para compreendermos a micropolítica das práticas coletivas insurgentes que acompanham as tecnologias dos agenciamentos políticos no contemporâneo.

Para entendermos melhor o que vem a ser a ideia de micropolítica na revolução molecular, temos que atentar que para Guattari (1981). A revolução molecular não é uma palavra de ordem, um programa. É, segundo ele, “...algo que eu sinto, que eu vivo, em encontros, em instituições, nos afetos, e também através de algumas reflexões”. Referindo-se ainda à existência de um povo múltiplo, um povo de mutantes, um povo de potencialidades que aparece e desaparece, encarna-se em fatos sociais, em fatos literários, em fatos musicais. São afetações, pensamentos, que escapam da máquina e que são encarnados nos fatos. O fato do qual nos atentamos na presente pesquisa é sobre a *ocupação política do espaço da formação do universitário*, mas poderia ser o fato de as cotas e políticas afirmativas não serem recursos concretos, ou ainda, o fato do aumento dos cursos à distância (EaD), com formação virtual e com a pretensão de ter o local físico da universidade como espaço de transformação¹⁷, e não de ensino/formação. Mas, a corporeificação desses fatos, são micropolíticas de desejos e estão interconectados por fios, ou ainda linhas de fuga, que põe em marcha os devires-revolucionários, diagramada pela *ocupação política do espaço de formação*.

Apoiando-nos nos aportes de Lazzaratto (2014), as mobilizações e insurgências ocorrem como sintoma das demandas situadas no local, considerando ainda o baixo repasse de recursos para estas áreas de conhecimento, demonstrando uma grande incoerência no modo de distribuição de renda e dos interesses de fomento a pesquisas nessas áreas, com relação às outras que servem aos interesses mercadológicos. Este sintoma localizado na universidade fez parte de um sintoma em diversas políticas sociais e públicas, ao ponto de estarmos todos

¹⁷ Em entrevista o Reitor da UNESP, Sandro Roberto Valentini, expõe as reformas que pretende tocar com seu mandato: “Sim, sem dúvida, falei em campanha. Outra coisa que também há necessidade de mudar é a forma de ensinar. Porque tudo mudou. A questão do futuro do trabalho. A velocidade de transformação da sociedade é muito grande. Vamos continuar ensinando disciplinarmente, usando momento presencial para passar matéria? Não tem cabimento. Agora, isso tem um ruído que pode parecer que não se quer contratar e não ter momento presencial. Não é isso. O presencial tem que ser um momento de transformação”. (Reitor da UNESP cede entrevista à Folha de São Paulo- acesso no site da CRUESP- <http://www.cruesp.sp.gov.br/?p=13809>- publicado em 21 novembro de 2017).

contaminados com a atual ‘derrocada mundial das esquerdas’ segundo Rolnik (2016), no qual há um controle rigoroso das máquinas hierárquicas, sendo que sujeição social, ou equipamento coletivo nas palavras de Guattari, nos dota de uma subjetividade, atribuindo a nós uma identidade, um sexo, um corpo e a servidão maquínica desmantela o sujeito individuado, sua consciência e suas representações, agindo sobre os níveis pré-individual e supra individual.

Uma análise institucional da libido escolar teria tudo para ganhar se apelarmos, segundo Guattari (2013), mais aos etnógrafos do que os pedagogos, no entanto é verdade que são as sociedades arcaicas que deveriam nos ensinar sobre os moldes de cristalização do social que preservam os componentes libidinais da escola, para finalmente os colocar a serviço dos sistemas de assujeitamento semiótico capitalístico (sistemas familiares, burocráticos, industrial, cultural), do qual Guattari (2013) ressalta ainda a dependência passiva das crianças nas escolas e para nós, jovens nas universidades, em relação as funções hierárquicas e de dominação.

Para Guattari (1987), o movimento de 1968 resultou na expressão de um descontentamento com relação à generalização da exploração em todos os níveis da vida humana e da sociedade, marcando a *crise do político*. Gumiero (2015), em sua dissertação em Sociologia já citada anteriormente, ao apresentar a explosão do desejo social, afirma que os movimentos de 1968 ressaltam o descontentamento geral, provocador de um curto-circuito, ao passo que a subjetividade foi tornada então uma mercadoria e, como consequência, a questão da sua produção tornara-se, de certa forma "tangível". (p.27). Por isso, para Guattari e os autores que analisaram o movimento de 1968 o problema da subjetividade deve estar na base das análises políticas, econômicas e sociais (p.27).

Guattari (1987) havia percebido tanto a emergência de um novo regime- denominado por ele 'Capital Mundial Integrado' que, segundo o autor, é de dentro deste regime que teríamos a produção de subjetividade (GUMIERO, 2015, p. 27).

Lazzarato (2014) ao falar da obra de Guattari, diz sobre a questão fundamental que atravessa esta pesquisa, e uma dada possibilidade revolucionária que pode sempre ser localizada a partir de uma ‘impossibilidade que ela torna real’, e pelo fato de que um processo se desencadeia secretando outros sistemas de interferências, exatamente ali onde o mundo se achava fechado. Como em toda criação, não importa se artística, científica ou social, a suspensão do curso habitual das coisas afeta antes de tudo a subjetividade, “as formas de expressão ao criar as condições para uma nova subjetivação, cujos processos devem ser problematizados” (LAZZARATO, 2014, p.23).

Consideramos uma dada possibilidade revolucionária o fato de que, ao ocuparmos a universidade, com nosso desejo político, realizou e efetivou o afirmativo que havia entre as

conexões no mundo das máquinas e que desencadeou outros sistemas de interferências que são considerados, nesta pesquisa, ‘cidadania do tipo *ciborgue*’, que possibilitaram o imagético de mundos habitáveis e rupturas com as impossibilidades que tentavam nos dominar.

1.8- Máquinas de servidão, reprodução e dominação.

A servidão maquínica insiste em preocupar os corpos com modos de sobrevivência frente à dinâmica do CMI (Capital Mundial Integrado), permeadas, assim como as nossas narrativas, do fato de investir num futuro que parece ser cada vez mais importante que ocupar o presente. Porém, os encontros e práticas coletivas favorecem um modo de desejar e ocupar o presente, rompendo com o sistema que opera a máquina uma vez que deixamos de nos preocupar com nosso futuro e o futuro da universidade para ocupar com nosso desejo político, o presente das articulações reais e produzir outras formações neste período de manifestação e insurgência coletiva.

Nosso modo de desejar não é só peculiar aos universitários em Assis-SP, nem tampouco reservado às mais de 200 ocupações que ocorreram no Estado de São Paulo, no ano de 2016. Faz parte de uma máquina de desejar *presente*, ou ainda, a *presença de mundos* em ocupações políticas de terras, prédios, muros, linguagens, com suas próprias vidas e cores múltiplas. Então, esta escrita teimosa não é um mero recurso de legitimar a ocupação de desejo político de jovens do interior paulista. Todavia, ensaiarmos, durante toda a formação do mestrado acadêmico, a possibilidade do desejo de especular e fabular, entre nós e os emaranhados, o que compõe nossas conexões, o que maquinou e máquina o insurgente e põe em marcha os devires revolucionários.

Em nossa investigação maquínica, os nós constituídos por fios de condução de desejo político são produção da máquina desejanter e da micropolítica dos afetos de um dado território e que resultam em processos de subjetivação, pois a subjetividade está para Guattari (1996) de uma dupla maneira: “de um lado o fato de ela habitar processos infrapessoais (a dimensão molecular) e, de outro, o fato de ela ser essencialmente agenciada em níveis de concatenações de relações sociais, econômicas, maquínicas, de ela ser aberta a todas as determinações socioantropológicas, econômicas” (p.79).

Estamos dispostos a contar de (dos) nós, destes pontos de conexão e de produção da subjetividade unespiana e *ciborgue*, composta deste material de amarração, de entrelaçamento afetivo e de desejo político de ocupação do espaço de formação. Para isso, tecemos e diagramamos esta pesquisa num plano molar e molecular, macro e micro que se compõe no

entre-as-linhas. Criamos uma superfície real, habitamos e a ocupamos com nosso desejo de permanecer ao recorte de intensidade que foi o ano de 2016, o espaço da universidade pública e a barriga do monstro.

O já citado CMI - Capital Mundial Integrado - está amplamente disseminado pelas estratégias de poder, que são sentidas pela coerção, reprodução, dominação e servidão em operações maquínicas, ao passo que nossos modos de resistir, romper e contaminar sabotagens ao sistema-mundo - ou ainda se preferirmos, a esta 'densa época presente de agora', como nomeia Donna Haraway - afirmam outras vias de contar sobre 'ceno', são zonas de contato para outras paisagens danificadas que se mesclam para sobreviver.

A compreensão que podemos apreender da máquina corresponde em parte a um entendimento do sistema-mundo, partindo de um pensamento de fronteira como uma resposta transmoderna, descolonial do subalterno, perante à modernidade eurocêntrica, ressaltada por Grosfoguel (2008) e da qual Guimarães (2017), em 'Por uma psicologia decolonial: (des)localizando conceitos', nos apresenta como possibilidade de ação para a Psicologia (Social) decolonial. Guimarães (2017) nos estimula com a prática em Psicologia decolonial:

Porque, ao invés de separar-se do modelo econômico, indo ao encontro de um modelo psicológico, mas sem contudo, buscar uma revolução desde uma superação da luta de classes, mas do entendimento sobre um sistema-mundo que nos atravessa, é uma possibilidade de ação para a psicologia (social) decolonial. Isso, porque engloba entendimentos sobre governabilidades das questões psi e as ultrapassa para a construção de um modo de saber/fazer/ser num sentido de resistência a um sistema-mundo complexo e amplo, que nos exige a construção de um conhecimento outro, desde nosso lugar de colonizados." (p.273)

Desse modo, as máquinas de servidão e de dominação estão presentes nesta pesquisa em Psicologia, também como modo de visualizar a colonização dos saberes da qual a intervenção na aparelhagem maquínica inflamará o contágio de cidadania ciborgue, acompanhada das narrativas e de posicionamentos políticos em jogo, que afetam seus desejos, dando-nos assim, a chance de construir um conhecimento outro, desde lugar da produção do saber.

1.9- Das linhas de fuga à cama de gato: movimentos de ocupação do desejo em jogo.

Guattari (2013) analisa que o capitalismo 'completamente ao nosso serviço' contempla a possibilidade de uma seguridade social, pois há uma recepção para o poder. Às pessoas que estão perdidas, o poder sente necessidade de acalmá-las, de pôr música em um *continuum* de espaço modelado pelas técnicas do *design*.

Para o autor, a 'representação' política não é mais que uma tela na qual se é projetado o que ele chama de 'simulacros institucionais', que constituem-se como conjuntos homogêneos, porém vazios. Não resultaram de simples sistemas de interação entre pessoas, senão por porem em jogo um metabolismo complexo de funções orgânicas e perceptivas, de modos de semiotização e de subjetivação, territórios, máquinas e fluxos de toda a natureza; isto não como 'erros' ideológicos, pois deste ponto de vista, todas as ideologias de direita e de esquerda são iguais, no entanto o modo de enunciação que elas promovem. Em outras palavras, o autor ainda revela que isto é uma 'incapacidade congênita' para captar qualquer outra coisa para a qual foi montada, a saber - ícones, personagens, estereótipos são contato real com fluxos de desejo e fluxos econômicos. Segundo Guattari (2013),

As linhas de fuga maquínicas, ao lado das multiplicidades intensivas, tendem a desterritorializar os processos semióticos, e abri-los, conectando-os com outras matérias de expressão, enquanto que as codificações estratificadas, do lado da ordem e das 'coisas', do lado das mundanidades dominantes, tende a sintetizá-los e a cortá-los de todo punho sobre o real intensivo. Sobre a primeira vertente, o desejo, perpetuamente no estado nascente, segue sua própria linha sem respeitar as estratificações semiológicas; sobre a segunda vertente, se pondo a girar em círculos sobre as estruturas de poder e nessa 'ordem muda' de qual Michel Foucault nos diz que nos sujeita uma grade anterior as grades linguísticas, perspectivas e práticas na medida em que elas 'se neutralizam duplicando-as'.

Quando propomos articular as ideias em favor de uma sabotagem *ciborgue* na máquina de formação, seguimos por um imagético de cabos e fios rompidos, linhas de cordas de ruptura, que aproximam a visão política de Guattari (2013), sobre linhas de fuga e as estratégias de jogo político mencionado por Haraway (1994), chamado de 'cama de gato'. A cama de gato ata linhas de fuga e produz territórios existenciais para novas linhas de fuga. A cama de gato especula, adensa e apreende as padronizações do jogo, pelas figuras de cordas.

O artigo "*Cama de gato. Estudos de ciência, teoria feminista, estudos culturais*" (trad. nossa), escrito por Donna Haraway, nos provoca um estado de emergência para histórias. Neste texto, Haraway traceja suas figuras de cordas, que para ela são pontos de erupção de especulações fabulativas que se conectam a experiências e a modos de contar suas histórias, duas delas especiais: os *projetos de tecnociência feministas, transculturais e antirracistas*, que tem como meta intervir no que pode contar como uma boa história primária, explicação racional confiável, ou primeiro contato promissor entre os *eus* heterogêneos e os outros; e a *tecnociência* como linguagem e prática de refiguração materializada. Aprendemos com a cama de gato a

fazer a diferença, por mais modesta e parcial que seja. Se os estudos de ciência feministas, antirracistas e multiculturais - sem falar da tecnociência - nos ensinou algo foi o que conta como humano, não é, e não deve ser, auto evidente.

A intenção de Haraway, neste artigo é que os leitores lancem mão dos padrões, lembrem-se como os outros aprenderam a fazer, inventem nós promissores, e sugiram outras figuras que nos farão desviar da desordem estabelecida dos mundos finalizados. A cama de gato, de Haraway, que veicula quadrados sociais entre as habilidades dos nós e as estratégias tecnocientíficas, adverte que nem sempre é possível repetir padrões interessantes, mas ressalta a importância de uma habilidade analítica incorporada, que nos faça descobrir os padrões e que resulte de forma intrigante a novos.



Figura 16- Criminalização das políticas estudantis na UNESP- Assis/SP na dec. 70.

Somado ao conjunto da obra de Haraway, este artigo ressalta a necessidade de o mundo 'poder ser de outra forma', diante da 'desordem estabelecida', e o que 'os estudos de tecnociências podem ser' (cama de gato). Segundo Haraway, ao aproximar seus estudos de uma teoria crítica, como jogos de cama de gato, ressalta que tal jogo está para indagar em todas as categorias estranhamente configuradas e, ao nos apropriarmos de seus estudos com relação ao jogo, traçamos, em rede, indagações a respeito do que é público, acessível, legítimo, coletivo e tido como ativismo político. Os emaranhados são necessários para a efetiva prática crítica. É um jogo que requer jogadores heterogêneos, que não podem ser membros de qualquer categoria, não importando quão móveis e inclusivos e a que categoria pareçam pertencer. É nesse

emaranhado de anominalistas que jogamos obcecados, em uma rede a cama de gato na qual não conseguimos jamais desejar o que juntos não poderemos obter:

Cama de gato é sobre padrões e nós; o jogo exige grande habilidade e pode acabar em boas surpresas. Uma pessoa pode construir um grande repertório de figuras de cadeias num simples par de mãos; mas as figuras da cama de gato podem ser passadas de volta e adiante nas mãos de vários jogadores, que adicionam novos movimentos na construção dos complexos padrões (HARAWAY, 1994).

Haraway nos apresenta modos de visualizar o jogo no qual a cidadania *ciborgue*, de forma figurativa, encontra-se inserida cheia de nós, conexões, campos de forças e estratégias coletivas. Segundo Haraway, a cama de gato convida a um senso de trabalho coletivo, ao considerar que uma pessoa apenas não é capaz de criar sozinha todos os padrões. A investigação amparada nas tecnociências são, segundo a autora, uma prática analítica marrada, que emaranha com as redes de discursos não-hegemônicas, não-exclusivas, frequente e mutuamente constitutivas, mas também não-isomórfica e, às vezes, mutuamente repelentes. Haraway nomeia esta investigação sem vírgulas e de forma tendenciosa como 'estudos de tecnociência feminista, multicultural e antirracista'. Aqui estão as regras do jogo 'cama de gato' que, para anominalistas como Haraway, não conseguem desejar o que não podem ter e pressupõe que os movimentos encadeados dependem das habilidades dos jogadores. Para Haraway, não se vence a cama de gato; o 'objetivo é mais interessante e com final mais aberto'.

Sair dos padrões e inventar saídas são propostas que acompanham as obras da autora. Estas obras visam apontar um caminho que, segundo a autora, não passa pelo primitivo, pelo zero ou pela fase do espelho e seu imaginário, mas, sim, pelas mulheres e por outros *ciborgues* no tempo-presente, que recusam os recursos ideológicos da vitimização, de modo a ter uma vida real (HARAWAY, 1994).

Sobre a cama de gato, que veicula quadrações sociais entre as habilidades dos nós e as estratégias tecnocientíficas, Haraway adverte nem sempre ser possível repetir padrões interessantes, mas ressalta a importância de uma habilidade analítica incorporada, que nos faça descobrir os padrões e que resulte, de forma intrigante, a novos. Ao admitir que o jogo é jogado, ao redor do mundo e pode ter considerável significância cultural, Haraway é enfática ao afirmar: "Cama de gato é ao mesmo tempo, local e global, distribuído e amarrado juntos" (HARAWAY, 1994).

Mas, como se aprende a jogar a cama de gato? E a que nos interessa entendermos nossas articulações com a máquina monstruosa da servidão associadas às figurações desse jogo? A

cama de gato é, sobretudo, um jogo matemático sobre práticas complexas e colaborativas de criar e passar padrões culturais interessantes:

A cama de gato não pertence a ninguém, a "nenhuma" cultura ou eu, a nenhum sujeito ou objeto congelado. Cama de gato é um maravilhoso jogo para se desmistificar noções como posições do sujeito e campos de discurso. (HARAWAY, 1994)

Podemos pensar que a ação e ativismos, da cama de gato, não estão nos jogos militarizados, alienadores, de encontros agonísticos infundáveis e tentativas de força, que passam como teoria crítica e como tecnociência. A cama de gato está para ser pensada, repensada, experimentada e desejada até onde nossas ideias conquistem novas configurações nos espaços que queremos ocupar.

Criando nós metodológicos com os trabalhos de Haraway, encontramos aproximações do jogo ‘cama de gato’ para indagar todas as categorias estranhamente configuradas. Para nós – tecnocientistas e psicólogos sociais no Brasil – ficamos com o problema da ocupação política do desejo e alinhavamos, diante da desordem estabelecida, outros modos de habitar a barriga do monstro. Sendo assim, indagamos todas as categorias estranhamente configuradas do que é público, acessível, legítimo, coletivo e tido como ativismo político. Os emaranhados são necessários para efetiva prática crítica.

Nossas práticas propõem um jogo de estratégias situadas, alinhado com o resíduo marginal dos equipamentos coletivos de subjetivação, ao insurgimos e ocuparmos com o desejo e prática coletiva o que juntos podemos obter.

Dessa forma, com Donna Haraway e Felix Guattari, teoricamente nos aproximamos de alguns modos de visualizar o jogo em cena, no qual os universitários, de forma figurativa, encontram-se inseridos: cheias de nós, conexões, campos de forças e estratégias coletivas do desejo político.

Maquinações do Devir- Maria

*Maria participa de coletivos, em alguns momentos até pretendeu afirmar identidades,
Começava a viver em práticas muitas das suas ideias,
Conseguiu experiência e troca, conseguiu pisar junto com o outro em territórios hostis*

Maria tinha insegurança enquanto ao seu futuro na máquina
Sabia de lutas contra a raça, gênero, classes,
Mas meritocracia, golpe e o privado assustava e reprimia seus sonhos
Maria se reconhece enquanto rebelde, uma insurgente
Vive, permanece, movimenta, conecta e inter-age em catalizadores ciberativistas
É pelo ciberespaço que Maria conhece outros modos de lidar com a máquina
É roendo a máquina que Maria se libertaria do processo maquínico?
Com amigos, Maria ocupou uma rede de desejo micropolítico
Com esta rede Maria negou um único padrão de conceber pela máquina
Maria entrou em aliança com feminismos ciborgues e deu cena a outras formas de contar do agora.
Maria em favor de mundos vivíveis fez ligações com Haraway, Cayene e Camille
Maria pertencia a mundos de fabricar mundos... Pertencia a pensamentos que pensavam sobre os mundos...
Havia tanto desejo situado, tantas outras narrativas,
Que seus sonhos se multiplicavam e transformavam sua vida em constante alegria de fabular.
Assim, ela experimentava histórias e dava uma terra para ocupa-las.



Figura 17- Obra artística sobre o imagético coletivo

Na barriga do monstro: Os cenários de dentro. Artista: Giulia Fernanda Ferreira (aluna do curso de Psicologia).

CAP 2- NA BARRIGA DO MONSTRO: MAPINGUARI E A MÁQUINA DE FORMAÇÃO.

Encontramos, no segundo capítulo, a possibilidade de trazer as experiências narrativas conectadas à especulação fabulativa, na qual somos devorados e nos tornamos compostos de múltiplas formações, durante o processo de ocupação política na universidade pública. Apresentamos diversas histórias de colegas que movimentaram ações e práticas nesse percurso de habitar e ocupar a barriga do monstro, processo atravessado por distintas afetações, modos, olhares e perspectivas que necessitaram uma (re)sensibilização de aproximação e diálogo.

Enquanto preparávamos a pesquisa junto ao Comitê de Ética, foi imprescindível termos noção do que seria importante registrar de nossas conversas; buscando histórias de lutas e desejo, nas quais muitos universitários encontravam-se criando linhas de conexões com outros espaços de ocupação, que não mais a universidade. A universidade foi uma experiência rica de ocupação política do desejo, porém não poderia parar por ali; muitas práticas, que foram impedidas no espaço acadêmico, passaram a ser ferramentas de luta e ação política nas comunidades e centros de cultura como a Academia da Saúde, o Galpão Cultural, o Centro Educacional do Parque Colinas, penetrados pelo afeto contínuo de ocupação política do desejo dos jovens universitários.

Por isso, necessitávamos seguir um percurso. Seguimos com as inquietações: ‘Por que ocupar politicamente o desejo? Por que este vem sendo expropriado nas máquinas capitalistas de formação? Quais tecnologias possíveis para transmitir modos de ocupações?’. Este percurso, como já dissemos, está repleto de cabos, fios e engrenagens maquinicas no monstro e consideramos aqui um modo de habitar ‘o mundo das máquinas’, que apresenta os modos de produção de subjetividade assujeitada.

(...) mas acho que as histórias que nos estão disponíveis e são verdadeiras, estão acontecendo agora e precisam ser ampliadas, não são as histórias das provas de força. Já chega. Por exemplo, a abordagem das provas de força, a dramaturgia das provas de forças (...) Trabalhamos por alinhamentos na barriga do monstro e se estivermos absorvidos demais pela dramaturgia dos humanos e dos terranos, paramos de procurar aliados na barriga do monstro, paramos de viver no monstro, no ctchulhuuceno, nas zonas serpentinosas, perigosas e terríveis. Porque acho que precisamos fazer alianças entre os inimigos e não sabemos como. As imaginações de habitar a barriga do monstro... Eduardo e Deborah, a maneira como vocês trabalharam no Brasil, e a maneira como os ameríndios tiveram que habitar a barriga do monstro, e formar alianças inusitadas, e se tornar alguém que eles não tinham intenção de se tornar. Esse gênero de remundificações e reformulações precisam ser engajados em outras dramaturgias que não a da guerra, justamente porque estamos na barriga do monstro. (HARAWAY, 2014, s/p)

No modo de habitar a máquina da barriga do monstro, configuramos as práticas coletivas e insurgentes, modos de cidadania *ciborgue*, aos quais nos ateremos mais profundamente adiante. Neste momento, desejamos contar sobre o que nos levou a ocupar a máquina de formação e nela instaurar processos de ruptura de linhas e entrelaços de fuga. São narrativas e histórias que preenchem e ocupam espaços, afirmando que não se passou, nem sequer se liquidou o que era concreto e vivido em prática de desejo; mas que ocorreu uma ampliação desses modos nas redes coletivas municipais e locais, fazendo-nos, assim, universitários *ciborgues* de ação continuada que afirmam um mundo nestes espaços repletos de formações diversificadas e não exclusivamente acadêmicas. Isso se deve à possibilidade de termos ocupado processos de formação política, estética, ética, cultural, ecológica quando a terra tremeu e decidimos enfrentar o monstro. Dizemos isso, baseados em múltiplas formações em coletivos, estágios, extensões universitárias, que provocaram práticas de movimentação política que se recusavam a se sujeitar ao golpe de Estado.

Neste capítulo, apresentamos o golpe político do ano de 2016, que resultou na articulação das práticas coletivas do câmpus universitário e que nos levou a discutir os usos e costumes dos modos de vida até então assegurados. Com o golpe de Estado sofrido naquele ano, investimos em uma rede afirmativa de práticas que, diferente das intenções da máquina que forma, ocupa uma *ciborgologia* própria em formas de ocupação e ruptura do sistema dominante. Seguimos ainda com um pequeno relato a respeito das maneiras das possibilidades em entrevistar o desejo, tendo em vista o cenário danificado das relações políticas. Partimos com duas histórias: a de José e de Mariane que, na barriga do monstro, encontram elementos narrativos para trazer afetações e estratégias políticas contemporâneas, que finalizam o capítulo ao contar de riquezas e conquistas que afirmam transformações no aparelho de formação.

Resta-nos contar que marcamos alguns encontros com nossos colegas a fim de que pudessem expressar suas experiências para, assim, recolhermos narrativas que resgatam desejos, sonhos, análises políticas e confidências. Atribuímos-lhes uma riqueza inesgotável, porém de fácil captura e expropriação que certamente continua em processos de rede e transformação. Não contamos, porém, as dezenas de outros colegas cujas histórias não estão registradas neste trabalho, mas que nos fazem perceber outras riquezas (i) materiais, de dentro dessa digestão monstruosa.

2.1- O golpe: linhas de extrações das ecologias.

A floresta que comportava nossas narrativas, para a efetiva participação das atividades coletivas, era vista, no decorrer dos dias de 2016, como uma terra danificada pelo golpe, pois apresentava sérios riscos de verticalidade política e assujeitamento do perfil de universitários e era uma ameaça à multiplicidade de desejos que estavam nodulados nas discussões políticas locais. A semiótica do golpe de 2016 está apresentada por Jinkings (2016) como “o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe”, atentando-nos no esforço para entender a crise atual que se passa no Brasil e ajudar a combater ao que se convencionou chamar, dentro e fora do país, de golpe de estado de 2016.

Segundo Chauí (2016, p.22), as manifestações de 2016 evidenciaram as divisões políticas que atravessam a nova classe trabalhadora quando parte dela acompanhou a classe média que, encorajada e empurrada pelos meios de comunicação de massa e partidos políticos de oposição, ergueu sua tradicional bandeira de luta contra a corrupção política e em favor de um golpe de estado para restaurar “a ordem e o progresso”. Miguel (2016), ao escrever sobre “A democracia na encruzilhada”, nos faz pronunciar uma insurgência coletiva ao considerar que “o governo avança, o mais rápido que pode, na agenda de retrocesso que se deseja impor ao país - entrega do patrimônio público, avanço do fundamentalismo, retirada dos direitos trabalhistas, criminalização do pensamento crítico, cortes nas políticas sociais, tributação regressiva” (p.36).

Em nossa micropolítica de desejo *ciborgue*, por que falamos e gritamos contra *o golpe* em maio de 2016? Por que as ferramentas que operaram, da parte da Instituição, a perversidade de um sistema de acusação, o modo em que foram agenciados os fatos, o equipamento coletivo de adestramento, a servidão, a dominação e a coerção, a ameaça, que ao nosso movimento legalmente foi advertida, ocorreram numa velocidade tamanha? Antes mesmo de chegarmos com nossas armas e ferramentas, preparados para ocuparmos, os agentes jurídicos, oficiais de justiça, já haviam localizado alguns endereços de estudantes cujos nomes foram repassados ou recolhidos por meio de redes sociais por simplesmente mencionarem as palavras *ocupação* e *greve* em suas postagens, outros, ainda, sugeridos pela própria Instituição. Conseqüentemente, a noite em que decidimos e efetivamos a decisão de ocuparmos, mais de duzentos jovens dormiram na Faculdade (*nessun dorma!*), tivemos que nos manter em vigília constante. Diversos grupos e GTs foram organizados, equipes, articuladas e a problematização dos indiciados na ocupação foi debatida ao longo de toda a noite, a ponto de decidirmos que cada indiciado poderia procurar a Comissão Jurídica, formada por nós, para maior compreensão

do que lhes havia sido imposto. Em nossa cama de gato micropolítica, recomendou-se, estrategicamente, que fosse negado qualquer envolvimento enquanto ‘ocupado’. Estrategicamente, contaminamos todo o movimento com a prática de fuga que ‘criamos’: todos formávamos o movimento, não sendo o movimento constituído por apenas um. Era necessário que fortalecêssemos nossas práticas, sem que dados protagonismos fossem armadilhas para punições e perseguições institucionais e legais. Desse modo, um nome, uma identidade e um indivíduo, não é um rosto da máquina de rosto¹⁸, senão um desejo e uma afirmação de ocupação política contemporânea.

Ribeiro (2016), no artigo “Avalanche de retrocessos: uma perspectiva feminista negra sobre o *impeachment*”, apresenta, com dada urgência, a ressignificação dos espaços de poder com a qual é possível constatar a multiplicidade das vozes que compõe a sociedade a fim de possibilitar ‘outros olhares e sujeitos que foram historicamente excluídos desses processos’ (p.129).

Participar dos espaços de decisão, no intuito de provocar as vozes múltiplas, são ações de conquista política e dificilmente concedidas sem esforços coletivos e articulação molecular. O golpe político de 2016 resultou em uma fragilidade. A democracia brasileira, caracterizada pela baixa confiança nas instituições, nos partidos políticos, na imprensa, redes de corrupção que corroem o sistema de representatividade, segundo Ortellado (2016), “fazem que comportamentos e tendências autoritárias e fortemente antidemocráticas encontrem espaços férteis para se desenvolver” (p.164). Ao apontar uma saída deste momento dramático, o autor reforça a luta por uma democracia cada vez mais consolidada, que deve ser construída entre todos:

Devemos recuperar nosso papel de cidadania ativa, crítica, participativa e exigente, porque não teremos uma verdadeira democracia até que cada um de nós se comprometa na sua construção (p. 164).

Com este cenário danificado, duras machadadas lançadas em golpes reais ressaltam a importância de reconhecer, em nossa SF, a tarefa de ampliar o jogo dos significados no mundo. Nosso território germinado foi danificado, nosso refúgio para narrativas está ameaçado, nosso

¹⁸ A *máquina* abstrata que produz *rostidade* introduz-nos em um *rosto* mais que nos dar a posse de um. E, por meio dele, nos distingue. A diferença que desejamos produzir com essa desconfiguração da imagem e identidade do rosto, se aplica na mesma proporção em que o desejo de ampliar a multidão e o grupelho insurgente, manifestado durante o processo de ocupação.

imagético reduzido a normas de cessão de espaços. Estamos na barriga do monstro que devasta e danifica ecologias.

2.2- Uma metodologia para os oprimidos: tecnologias para descriminalizar o desejo dos indesejáveis.

Sandoval (2004) afirma:

As tecnologias que compõe a metodologia dos oprimidos geram formas de agência e consciência que podem criar modos efetivos de resistência nas condições culturais do pós-modernismo e podem ser considerados como constituintes de modo «Cyborg» de resistência. (p.85) (trad. nossa)

A partir de uma codificação metodológica tratada por Haraway em 'Feminismos Ciborgues', Chela Sandoval (2004) continua o itinerário em busca de investigar o atual *apartheid* dos domínios teóricos: "pós- estruturalismo branco masculino" (p.84).



Figura 18- O dentro e o fora durante a ocupação

Sandoval (2004) afirma que a metodologia das oprimidas consiste em cinco tecnologias que se desenvolveram diferentemente na intenção de assegurar a sobrevivência nas baixas condições do Primeiro Mundo.

Essas tecnologias podem ser resumidas como a autora nos apresenta: 1) O que Anzaldúa chama de 'a faculdade', Barthes, 'a semiologia' ou a 'ciência dos signos na cultura', ou o que

Henry Louis Gates chama 'significar' e Andre Lorde chama de 'mirar profundo' são todas formas de 'leitura de signos' que compõem a primeira das cinco tecnologias fundamentais desta metodologia; 2) A segunda, conhecida como teoria das subalternas, é um processo de desafiar os signos ideológicos dominantes através de sua desconstrução: o ato de separar uma forma de seu significado dominante; 3) A terceira tecnologia é chamada de 'meta-ideologizar' em honra à sua atividade: a operação de apropriação de formas ideológicas dominantes e usá-las para transformar seu significado em um novo conceito imposto e revolucionário; 4) A quarta tecnologia dos oprimidos, chamada por Sandoval de 'democrática', é um processo de localização, isto é, um exercício que direciona todos os seus esforços na coleta, promove e orienta as três tecnologias anteriores: semiótica, desconstrução e "meta-ideologização", com a intenção de garantir não apenas a sobrevivência ou a justiça, tempos anteriores, mas relações sociais iguais ou, como alguns escritores do Terceiro Mundo 'com o objetivo de produzir "amor" em um mundo em descolonização pós-moderna e pós-império; 5) O movimento diferencial da quinta tecnologia se dá através da manobra, diferencial e harmônica, entre as demais. Para entender melhor como opera o movimento diferencial, primeiro devemos compreender que este é uma polimorfa que depende das tecnologias prévias para seu próprio funcionamento e que, somente através dele pode ser transferido para seus destinos. Mesmo o quarto, 'democrático', sempre tende a colocar a identidade no centro do interesse de justiça social igualitária. Essas cinco tecnologias juntas compõem a metodologia dos oprimidos, que habilita o desempenho do que chamamos de função diferencial do movimento social da oposição, como no exemplo do feminismo americano do Terceiro Mundo. O *ciborgue* de Haraway, segundo Sandoval (2004) é uma cria 'ilegítima' da sociedade dominante e o movimento social de oposição, da ciência e tecnologia, do humano e da máquina, do 'primeiro' e 'terceiro' mundo, do macho/homem e da fêmea/mulher, de fato, para cada par binário. Aproximamo-nos da metodologia de Sandoval (2004) para contextualizarmos os *ciborgues* de carne que vivem sua ilegitimidade na sociedade dominante.

A obra "Nem tudo era italiano", que analisa a pobreza na cidade de São Paulo entre os anos de 1890 a 1915. Santos (2008), em meio a discursos, códigos de postura, representações e imagens que projetavam São Paulo como a cidade que mais crescia no país, afirma *outros modos*, modos de viver indígenas "representantes dos valores culturais e comportamentais indesejados pelo patronato paulista e pelo governo" (p.57). "Nem tudo era italiano" nos fez perceber que vigorava uma tentativa de construir, com os trabalhadores estrangeiros, um mercado de trabalho e uma sociedade pautados na cultura branca, com base europeia e no domínio patronal como estratégia de poder. O autor, indigenizado por seu modo e sua cultura

indígena própria dos povos originários, reconhece ainda que os imigrantes, as mulheres e as crianças, especialmente de origem européia, eram os alvos preferenciais que poderiam assumir esses valores, acima de tudo socioculturais, baseados em trabalho intenso. O processo de dominação no estado instaura-se como projeto a reconhecer viabilidade de imigrantes desejados pelos patrões, criando uma barreira ao aproveitamento dos nacionais. Os inapropriados, dessa feita, tornam-se despidos de seus valores e direitos e assumem uma camada marginalizada e criminalizada, quando acompanhamos mais proximamente à análise de ocupação de desejo político no Estado de São Paulo.



Figura 19- Cidadania que ocupa ruas

Destacamos um projeto de políticas de desmonte que, no Estado de São Paulo, tem tomado grandes proporções, porém com maior força em escala federal ao considerarmos o golpe ocorrido em 2016, ano no qual realizamos esta pesquisa e analisamos a ocupação de desejo *ciborgue*. Em junho do mesmo ano, a Fundação Perseu Abramo (FPA), reuniu gestores, lideranças sociais e especialistas para debater "O Brasil do golpe: O plano Temer sob análise" as quais denunciaram o desmonte de ministérios como o da Cultura, das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, Desenvolvimento social e Combate à Fome, de suas respectivas áreas, dimensionando o retrocesso em curso hoje no país.

Ministra da pasta de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, durante o governo Dilma, Nilma Gomes sintetizou as concepções do governo interino – e ilegítimo - de Michel Temer, que giram em torno de “um mundo gerido pela economia de mercado; da criminalização

da luta e dos movimentos sociais; da aversão à diversidade e de uma concepção homogeneizadora de sociedade, das políticas sociais e dos sujeitos dessa política” (CARLOTTI, 2016).

Ela destacou, ainda, “a concepção patriarcal, misógina, racista LGBT-fóbica e fundamentalista de sociedade, de mundo e de ser humano”, mencionando que o Plano Temer visa atingir “não só os governos progressistas ou partidos de esquerda”, mas “as políticas públicas de caráter emancipatório e os sujeitos dessas políticas” (CARLOTTI, 2016).

Debatendo o peso da “herança colonial, patriarcal e escravista” no golpe e no país, ela avaliou o retrocesso em curso, citando, por exemplo, a reforma ministerial que levou à fusão e extinção de pastas como os ministérios das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude, Direitos Humanos e Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).



Figura 20- Entre banners e outdoors – Cartazes de protesto

As Jornadas de junho, como ficaram conhecidas as diversas manifestações ocorridas por todo o país em junho de 2013, ficaram registradas na história nacional como um dos episódios mais marcantes desde a redemocratização: mais de 1,4 milhão de brasileiros foram às ruas se manifestar contra o governo. Destes, 23 ativistas residentes no Rio de Janeiro foram criminalizados e expostos como réus, dando aos inapropriados uma punição exemplar. Após quatro anos de investigações policiais e batalhas jurídicas, foram condenados a até sete anos de prisão. Em nota lançada após sentença, assinada por 13 dos 23 inapropriados, em seu modo de ocupar com desejo a política do Brasil contemporâneo, afirmam que ousaram atuar ao lado de

movimentos populares independentes, que não se curvam ou se vendem às 'tenebrosas transações' da politicalha oficial que nos desgoverna e que ousaram participar como estudantes e trabalhadores, ombro a ombro, com milhões de pessoas nas maiores manifestações de massas da história recente do país. Assinam a carta reafirmando o que disseram ao longo destes anos: "Lutar não é crime!", "Crime é o estado de calamidade oferecido ao povo na fila dos hospitais, crime é a falta de vaga nas creches, crime são os ônibus caros e superlotados, crime é o que se pratica diariamente nas favelas, ensanguentadas pelo genocídio do povo preto e pobre. Isto é crime! E estes crimes, tenham certeza, não ficarão impunes para sempre" (OS 23 CRIMINALIZADOS, 2018).



Figura 21- Reunião da rede caracol com a gestão administrativa no Diretório Acadêmico em 2016.

O inapropriado desejo colocado em políticas de revolução molar/molecular corresponde à análise de uma metodologia do oprimido proposta por Sandoval (2004), a qual nos incorpora a movimentos outros, na barriga do monstro, mediante suas tecnologias. Do desmonte das políticas sociais às sentenças criminalizadas dos corpos que participam de políticas por eles atestadas, encontramos na metodologia dos oprimidos o feminismo *ciborgue* como forma convergente de estratégia para análise metodológica (SANDOVAL, 2004) de nossa considerada cidadania do tipo *ciborgue* ao passo que ampliamos visões e signos próprios e localizados.

2.3- Usos e costumes locais

Contamos aqui a história de uma rede criada por estudantes unespianos no Câmpus de Assis-SP, no ano de 2015, que veio a fortalecer o movimento dos coletivos e suas pautas de luta e reivindicação. A primeira ata registrada pela rede denominada de ‘Caracol’ (articulação das práticas coletivas dos universitários da UNESP de Assis-SP) está datada do dia 18 de maio de 2015. Entre suas primeiras articulações, incluía-se a difusão de seu trabalho em rede, apresentando uma aproximação conectiva com nossos referenciais teóricos, mesmo que sem a pretensão de prevalecer algum saber previamente definido.

Nossa análise, sobre o que pautamos como usos e costumes, estaria, assim, desde o primeiro momento, voltada a “criar espaços abertos, construtivos, criar em fases, para criar nova cultura de prática” (REDE CARACOL, 2015). Das conexões de uma anunciada configuração de desejo *ciborgue*, a rede caracol, criada por coletivos e com inspiração dos caracóis mexicanos, aderiram a uma auto-gestão, da qual registra-se ainda o plano comum de 'construir uma identidade real de pessoas que mudaram para que algo possa mudar' e 'pensar na semente que seria germinada e quebraria a fragmentação da sociedade atual'. As pretensões desse encontro, que formaria a rede, manifestavam o desejo de 'ocupar cada vez mais espaços que são nossos' e se propunha criar eventos de forma geral, 'de todos os tipos, a princípio mais focado em "causar impacto" e "ser organizado", onde as diversas práticas pudessem fortalecer suas ações com uma ideia coletiva de 'unir todas as forças'.

Ainda no ano de 2015, a rede de coletivos ‘Caracol’ apresentou inúmeras ações de ocupação política, que possibilitaram debates de chapas para o ano de 2016 e diversas atividades atravessadas por conexões ecológicas (ambientais, psicológicas e sociais), firmando parcerias com rede de trocas solidárias e incubadoras de cooperativas de agricultores orgânicos da região como luta contra os transgênicos e fortalecendo a rede denominada ‘Rede Trem Bão’.

No ano de 2016, houve articulações a respeito da Recepção aos Calouros com atividades culturais e artísticas e começamos a lidar com uma política de Estado, dura e inflexível, *coincidentemente*, quando assumia também uma nova gestão de diretoria no Câmpus. Inicialmente mantivemo-nos em diálogo, pois desejávamos ocupar com nossa política do que é público para algumas conexões mais ousadas, que permitissem experimentar o comprometimento e a composição de nosso modo de subjetivação unespiana.

O grupo de agenciamento, em rede virtual da ‘Rede Caracol da UNESP Assis-SP’, divulgava piqueniques, rodas de conversa, debates de filmes e documentários, práticas de exercícios corporais (dança, ioga, capoeira), campeonatos desportivos e debates coletivos de

diversas questões pertinentes à vida no Câmpus, como homofobia, racismo, permanência estudantil, características dos usos e costumes que, estimulados pelas práticas coletivas, resultaram em agenciamentos em rede e desejo de ocupação política no ano de 2016.



Figura 22- Show no Buracanã- Foto da fileta de divulgação impressa pela instituição

São essas práticas de ocupação política que resultaram numa articulação mais ampla e legítima de nosso desejo de ruptura com o pragmatismo imposto ao uso dos espaços de nossa universidade no ano de 2016.

Vimos a trama da terra tremer quando, no dia 23 de fevereiro de 2016, em reunião ordinária da Congregação da citada Unidade, registrou-se em ata a revisão da portaria N° 122-D, de 15/07/2003, que dispõe sobre o estabelecimento de normas para a cessão das dependências da Faculdade, aprovada entre março de 2001 e junho de 2003. Como registrado, ocorreu a revisão da portaria N° 144-D de 06/10/2006, alterada pela portaria n° 25-D, de 28/03/2013, que dispõe a regulamentação de atividades e acesso às dependências desta Faculdade.

Por se tratarem de temas relacionados, o colegiado aprovou por unanimidade a revisão das portarias, devendo constar as matérias na pauta da reunião seguinte. A revisão foi restrita para membros de uma Comissão encarregada, formada pela indicação dos os membros ali presentes. Constatamos que tal Comissão, criada para pensarmos a respeito da circulação e do uso dos espaços da Universidade, fora composta somente por docentes e servidores técnico-administrativos, sem mencionar a futura presença de discentes nessas discussões. Na ata da Congregação posterior a essa articulação, nada foi mencionado sobre como pretendia-se registrar as alterações do uso do espaço universitário.

Somente na ata do mês de outubro, datada em 27/10/2016 — pós-ocupação —foi apresentada e votada as então elaboradas normas para o acesso, cessão e utilização das dependências da FCL – UNESP – Câmpus de Assis. Disponível *online* em <<http://www.assis.unesp.br/Home/Instituicao/Congregacao/ata_627_27-10-ord.pdf>>

A portaria inclui uma intensa prestação burocrática sobre o uso do espaço, que deve estar subordinada aos encargos de decisões, única exclusivamente, da diretoria, mantendo-lhe a prerrogativa de não autorizar eventos, sem maiores prejuízos ou indenizações.

O ataque foi direcionado à população que mantinha usos e costumes de circular atividades e ações no câmpus universitários, sendo questionada, a princípio, a legitimidade de nossas práticas, forçando-nos a romper com o filtro regulador maquínico que *deixa passar* ou *faz barrar* nossas intenções de utilização dos espaços.

A resposta da comunidade atingida pelas regras de acesso às dependências da UNESP Assis-SP manteve-se a mesma. Ainda que com maiores interferências e afetados pela nova dinâmica, não cessamos de programar rodas, oficinas, jogos, músicas, arte, invenções universitárias a fim de habitar o espaço, o cenário, o bosque e os recursos do campo de forças que nossa floresta nos reservou.

Entre os desvios dos equipamentos hegemônicos, retomamos o que há de ativo e ressoante em nossos corpos, a cidadania do tipo *ciborgue* e insurgente que gritou com um isqueiro: “ISTO É UMA FARSA!!!”, a ponto de pôr em chamas a fileta marcadora de páginas que a instituição prontamente havia imprimido e espalhado para que pudéssemos nos recordar de uma aliança que nunca existiu, mas, que ainda assim, cabe registrar e inscrever neste tópico, a partir do qual pretendemos ampliar as concepções dos usos e costumes locais.

A instituição, *esquecida* de incluir em seu calendário os eventos comemorativos dos 40 anos da UNESP, no Câmpus de Assis-SP, decidiu, arbitrariamente, que deveríamos *mudar* os créditos de organização do *Show* de Calouros, até então creditados a Rede de Coletivos, para a Comissão dos 40 anos da UNESP. É evidente que, assim que fora proposto a institucionalização do que planejávamos realizar em outras condições, soubemos da mudança do local onde ocorreria o evento, de um espaço aberto e público, para uma sala de auditório, conhecida aqui como Salão de Atos.

Conectamo-nos a um grande número de inscritos e aguardávamos encerrar a Semana de Recepção aos Calouros, no espaço aberto e público do nosso ‘Buracanã’, mencionado na fileta como um ‘local memorável para nossas manifestações artísticas’. Contávamos com malabaristas, cantores, poetas e demais apreciadores das diversas expressões artísticas. Fazer nossa arte em espaço aberto começou a ser uma tarefa difícil.

Na mesma velocidade dessas informações, uma prática insurgente transmitida como linha de fuga fez com que fosse unanimemente rejeitada a *possibilidade imposta* de fazer o show de modo institucionalizado. Com divulgação própria, os universitários responderam a essa captura de forma livre. Ali mesmo, na frente do Salão de Atos, apresentaram-se inúmeros

veteranos e calouros, com seus malabares, poesias, danças e músicas. Desviamos-nos do projeto de evento *capturado* e quase que *apropriado* pela Instituição.

No dia 3 de março de 2016, resolvemos elaborar um ofício que foi entregue à direção local na data de 4 de abril de 2016. Esse ofício foi assinado juntamente pelos 16 grupos coletivos de universitários, solicitando o agendamento de uma reunião com a gestão do Câmpus a fim de discutirmos uma única pauta: “*Sobre usos e costumes dos coletivos e núcleos universitários de nosso Câmpus*”. Houve, ainda, como resultado desse ato, um manifesto-circular assinado por coletivos como o Coletivo Negro Dandara, Coletivo Espontaneísta, Coletivo Astral e por artistas locais, que circulavam publicamente-antes da nossa reunião com a direção, de forma que o maior número de interessados tivesse acesso e conhecimento do desejo manifestados pelos coletivos em seus planejamentos e que foram capturados ou distorcidos.

O manifesto-circular salientou a resistência dos universitários a favor do *Show de calouros*, que, de maneira artística, representou também a insatisfação política dos discentes quanto a atitude da direção que não respeito o diálogo. Citamos abaixo as palavras do manifesto o qual consideramos potencial estratégico nas dinâmicas do movimento universitário local:

Reafirmamos que todo diálogo e parceria com demais discentes, potencializam a força estudantil frente a tantas ameaças que tal sistema produtivista e empresarial constantemente tende a capturar e a desmobilizar, cercando diariamente nossas relações. A força universitária deve ser usada para o esclarecimento e possível transformação de aspectos da realidade, estando sempre atenta à demanda da sociedade. Dessa forma, a apropriação do nosso papel ético, estético e político é uma maneira de praticar a responsabilidade social, exercendo em parte os direitos e deveres da cidadania, da qual muitos brasileiros não tem em sua formação o conceito que a palavra abrange, sendo excluídos das decisões administrativas e políticas de nosso país. Portanto, a universidade agiria também como instituição de preservação da memória, já que o esquecimento atua no sentido da despolitização em nossa geração, seja ela estudantil ou civil. Aquela memória reprimida dos que resistiram ou dos que tentaram ou conseguiram mudar a realidade é um patrimônio e uma identidade coletiva, ajudando a nos reconhecermos e a enxergarmos certos espaços de transformação como de direito nosso (REDE CARACOL, 2016)

Os usos e costumes locais foram adquirindo, ano a ano, uma estética e um cuidado próprio do Câmpus, ampliando uma cidadania local que se acostumou a lidar desde não somente com questões de abastecimento de insumos e preservativos nos banheiros de toda universidade, mas também com a preocupação constante de revitalização do espaço do diretório acadêmico: quadros, pinturas, jogos e movimentação contínua de universitários. Os direitos e deveres da

cidadania, *os quais muitos brasileiros não apreenderam, em sua formação, toda extensão do conceito que a palavra abrange*, passaram a fazer parte de uma política de cidadania *ciborgue*, a qual-deve ser notada para ocupar espaços de transformação. Ao com-fiar (movimento de fiar-com cabos e fios na formação), embaralhamos estes processos que irão modificar, multiplicar, romper e sensibilizar, potencializando as transformações e as conexões do desejo.

2.4- Com-fiar na formação?

É possível confiar na formação do sistema universitário e público no Estado de São Paulo? Esta é certamente uma pergunta intrigante para cada jovem *ciborgue* que enfrenta as dificuldades de permanecer economicamente, afetivamente e politicamente em aparelhos e em equipamentos de máquinas de assujeitamento e de dominação, como já explorados e apresentados anteriormente. Em que produções de saber nós deveríamos confiar? Já sabemos que não é a colonial, ainda assim, assistimos equipamentos midiáticos reforçando as intenções de toda a aparelhagem local. Nós investimos e estamos ligados nisso! Isso é parte de nossa cama de gato, não devemos desprezar essas padronizações!



Figura 23- Restrições de entrada em 2016

Apresentamos os fios de formação acadêmica que enlaçam os jovens na servidão e dominação cotidiana, que cruamente expõe as políticas de intercâmbio financeiro e intelectual para a região e silenciado, em boa parte, pela *imagem do desejo ocupado por políticas* que o Câmpus de Assis-SP vem representando em quatro décadas, apesar de se constituir um polo para eventos artísticos, analíticos e políticos de intensa circulação e rede. O Câmpus, referência em Psicologia e estudos de Gêneros e Sexualidades, que durante anos trabalhou com a comunidade assisense é, por exemplo, uma das formações possíveis para calouros entre os fios que tecem a formação acadêmica, mas não regularmente mencionados. Assim, o relato da entrevista abaixo apresenta-nos uma linha na qual muitos jovens decidiram não confiar e aprenderam a tecer, com suas práticas, outros fios com processos transformadores.

Em entrevista concedida a TV UNESP Assis, em março de 2016, publicada no dia 20 de Maio de 2016, a diretora da FCL de Assis-SP, sentada em frente às bandeiras do país e do Estado de São Paulo (*são, para alguns, importantes os detalhes nos cenários*), em sua sala, recepciona os alunos para o ano letivo de 2016.

Nesse programa de nº 180, que tem como tema “*Recepção de Calouros 2016*”, a diretora Andrea Dorini salienta em sua fala dois aspectos: o aspecto acadêmico do Câmpus, que é uma grande referência para o oeste paulista desde a década de 70, e o aspecto humano. No que diz respeito ao emprego que se faz do aspecto humano, destacamos que, em palavras bem *claras*, ela agradece aos pais por *confiarem a formação* de seus filhos a esta Instituição e agradece a cidade por entender que “recebemos aqui filhos de famílias que nos dão essa *possibilidade* e essa confiança, famílias que quiseram que seu filho buscasse uma universidade de qualidade”. A diretora termina dizendo:

A importância dessa população [nós, os universitários] na cidade de Assis é muito grande; e fazer com que Assis reconheça essa importância é um dos nossos objetivos, além do econômico, além do acadêmico, a questão humana, a questão da interação entre os jovens de Assis e os universitários é um aspecto de grande importância que achamos que precisa cada vez mais ser melhorado (TV UNESP, prog. 180, 2016).

Assim, foram dadas as boas-vindas a todos os 430 jovens ingressantes que, naquele ano, se matricularam para o início de sua formação acadêmica entre os cinco cursos oferecidos no Câmpus de Assis-SP. Isso reforça o projeto de nação que todo o equipamento coletivo tem se esforçado para nos subjetivar.

Entre tantos cabos e fios de tensão na academia, precisamos estar atentos aos nós dos problemas na atual crise dos equipamentos coletivos e na produção de uma fluência nos contextos e cenários de cidadania *ciborgue*, pois para Haraway (2014):

Precisamos criar muito mais problemas do que nós...esse nós, esse "nós" que está eternamente em composição e em decomposição, que é tanto real quanto atraente. Estando em jogo uns perante os outros podemos devir-com uns com os outros, para criar o tipo de confusão que torna suportável tanto viver agora como, no futuro, ter uma espécie de fluência que é mais justa, não menos justa. (s/p).

Seguimos entre cabos e fios que formam e deformam processos de ocupação política do desejo, rompemos em linhas e desviamos com a insurgência transformadora e potente de cidadania *ciborgue* que para o monstro é difícil de engolir e para nós, difícil de confiar.

2.5- Ciborgologia difícil de engolir!

Nós seremos engolidos, mas convém que isso seja de uma forma que possamos desde já considerar como digna da nossa grandeza (COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 89).



Figura 24- Assembleia no prédio de psicologia em 2016.

Ciborgues em práticas coletivas de ocupação política: esta sim é uma história difícil de engolir! Mas, com toda seriedade política que esta problemática engloba, dedicamos a este tópico a intenção de recolher algumas interferências causadas pela indigestão de nossas ações, no cenário de “dentro” e “contra” a dominação imposta e a servidão dos processos de formação. Dedicamo-nos, assim, neste segundo capítulo, às histórias dos *modos de ocupar* contemporâneos, os espaços e territórios de múltiplas afetações coletivas. Em “Refigurando monstros: A perspectiva parcial de Donna Haraway como crítica à ciência”, Silva (2009) é corajosa em afirmar:

O conceito de biopolítica de Michel Foucault não passa de uma débil premonição da política-ciborgue – uma política que nos permite vislumbrar um campo muito mais aberto” (HARAWAY, 2000, p.41). Uma questão que esta política ciborgue acrescenta à analítica da biopolítica diz respeito ao advento das tecnologias cibernéticas de poder, que atuam sobre e penetram os corpos gerando novos tipos de subjetividades e novos tipos de organismos.

Estimulados pela coragem de vislumbrar um campo mais aberto, consideramos a *política-ciborgue* uma tecnologia ficcional capaz de ampliar imagens contemporâneas a

realidades que geram novos tipos de organismos. Uma política *ciborgue* na barriga da máquina monstruosa de formação dará maiores recursos imagéticos para analisar afetações e desejos cotidianos do golpe.

Mapinguari não tem garganta, ao contrário, são narradas histórias em que o monstro tem a boca na própria barriga, mas imaginemos que nem toda cabeça seja tão facilmente devorada, sem ao menos antes dar ao monstro a mínima impressão do que se está comendo e dos dissabores daquilo que lhe nutre. É esta a relação inicial que nos leva à barriga: saber que somos a caça e o alimento do monstro. Em outras palavras, o sistema universitário tem uma mínima impressão de selecionar pelo vestibular os mais adaptáveis para seu processo de formação, mas isto não impede de que ainda entre os mais adaptáveis encontremos corpos carregados de força e articulação política.

Quando nos aproximamos e ocupamos posições na barriga, somamos ao cenário as posições de estar “dentro” dos processos da máquina, e “contra”, posição contrária que rompe com as engrenagens. Essas posições também foram provocadas ao lermos o artigo da Universidade Nômade (2016), “Quando a trama da terra treme”, escrito coletivamente no período de golpe, em que se apresentam elementos para reafirmar estratégias de luta em jogo:

Vivemos um momento-chave em que, sem absorver os impasses de maneira produtiva, a repetição do mesmo fará rodopios desesperados ao redor de fantasmas. Pôr-se não na marginalidade de um processo mórbido, mas fora, porque é aí onde estão os indignados que são muitos. Já fizemos, na realidade, essa ruptura, quando seguimos as linhas ambivalentes e desconfortáveis, nada terapêuticas, da multidão. Queremos agora reafirmar essa ruptura em todo o seu alcance, porque ela é ampla e irreversível. Ainda outra vez, uma universidade nômade não pode ter medo de nomadizar.

Neste mesmo artigo, a Universidade Nômade cita um novo ciclo constituinte de lutas que tem, nas ocupações das escolas e na mobilização nacional indígena, duas referências de potência e autonomia. Essas potências de autonomia são o material de cidadania do tipo *ciborgue* que ocupa posições de “dentro” e “contra”, de ruptura e composições indigestas para máquinas de demarcação dos cenários e mundos imaginados e habitados por nossos usos e costumes.

Prosseguimos com as histórias que dão os cenários para a ocupação no Câmpus da UNESP Assis-SP, aproximando-nos assim de uma *ciborgologia* imaginada, inventada e situada nas práticas locais. Esses cenários são repletos da linguagem da micropolítica e das articulações sobre seus usos e costumes, seus espaços de sociabilidade, da insustentabilidade de manterem-

se presos a uma única cena: a da servidão maquínica. Alinhado a estes cenários, encontramos um movimento maior e em rede de condução e articulação política entre jovens secundaristas e universitários que resultou, no que foi considerado em 2016, a “maior ocupação estudantil” do Brasil. Muito mais que criar espaços de sociabilidade, a ocupação permitiu aos discentes uma ocupação política do desejo, revelado por histórias de suas articulações, estratégias e práticas coletivas.

Segundo Ortellado (2016), uma das características mais marcantes desse movimento é a apropriação da escola, iniciada pelos secundaristas, que seriam mais autônomos que autonomistas no sentido de que são ideologicamente contrários a partidos; esse movimento seria para o autor uma expressão mais ou menos espontânea da organização direta, sem a mediação e sem o controle de organizações partidárias.

No que se refere à autonomia do movimento de universitários, também reconhecemos que, no Câmpus de Assis-SP, houve a presença de diversas bandeiras partidárias que estiveram ativamente presentes em muitas das discussões. Porém, a apropriação da universidade era a única pauta que competia aos coletivos e suas práticas insurgentes instaurar. Por esse motivo, os coletivos tentaram se manter à parte de organizações políticas, configurando-se, assim, nossa luta em uma única bandeira, a dos universitários.

Seguindo Mayerhoffer (2017), foram as assembleias e as plenárias diárias que delineavam uma forma de ocupar a política que se pretendia horizontal, pois a convivência e as deliberações eram construídas pelo desejo de que houvesse lugar para a fala de todos. As assembleias e as plenárias contornavam o real na mesma medida que não era sem lei que as coisas se davam; havia um reconhecimento do lugar de cada fala, como lugar de autorização e experiência. Nas práticas coletivas, a transmissão do “vivido” e “sabido”, autorizado pela experiência, fazia o saber ocupar o lugar comumente delegado ao líder que, segundo Mayerhoffer (2017), desidealizavam o lugar da liderança, uma vez que este lugar era ocupado, desocupado e ocupado novamente, não havendo quem “soubesse” o que seria melhor para a ocupação sem se pautar na palavra de seus pares.

Essas características das ocupações dialogam com a ideia de que as lideranças não estavam lutando pelo poder, nem sequer pela prevalência de uma ou outra ideologia, dinamizando-se a partir de intensidades de potência, ou seja, desidealizar o lugar da liderança é também uma estratégia de ocupação política do desejo que, durante a ocupação, possibilitou circular mais discussões, interferências, análises, críticas e posicionamento autônomo das práticas coletivas.



Figura 25- Oficina de maracatu no D.A. durante a greve de 2016.

As ocupações estudantis, como possível ferramenta de luta praticada pelos coletivos e jovens universitários contemporâneos, caracterizam-se a partir de figuras subjetivas da crise (o sujeito endividado e precarizado). Mendes (2015) analisa as ocupações como espaço contraditório entre diferentes formas de organização, atravessados pela crise da representação e pelos desafios colocados no campo da produção de uma subjetividade. Ainda para o autor, a ocupação das instituições de ensino tem o potencial de romper com a tradição disciplinar que tolhe a criatividade e o desejo de colaborar com o processo de aprendizagem, além de tornar visíveis e mais densas as práticas já existentes, principalmente nas universidades, de construção de redes de auto formação e autoaprendizagem para além do currículo obrigatório e da relação professor e aluno (MENDES, 2015).

O ponto comum encontrado nas ocupações, tanto na dos secundaristas como na dos universitários, é a negação ao direito à educação, o que gerou, no ano de 2016, um grande perigo à ordem instituída, pois ao invés dos alunos aprenderem a obedecer com a ocupação, aprenderam a ser parte integrante dos processos.

Para Pelbart (2016), a chance dos alunos de ocupar e gerir os espaços, que lhes são destinados não apenas para reivindicar seus direitos, aprofundá-los, ampliá-los, mas também para experimentar a força de um movimento coletivo, autogerido com suas inúmeras e inusitadas possibilidades, levou-os ao desejo de não mais aceitar o que antes parecia inevitável (a escola disciplinadora, a hierarquia arbitrária, a degradação das condições de ensino), passando a fazer parte de suas reivindicações o que antes parecia inimaginável (a inversão das

prioridades entre o público e o privado, a primazia da voz dos estudantes, a possibilidade de imaginar uma outra escola, um outro ensino, uma outra juventude, inclusive uma outra sociedade!) (PELBART, 2016).

Isso posto, procuramos narrar, neste segundo capítulo, quais seriam as possibilidades de imaginar uma outra universidade, partindo das peculiaridades dos usos e costumes das práticas coletivas no Câmpus a fim de analisar, em seguida, quais seriam os espaços de convivência que serviriam de territórios de ação e atividade para os tais costumes que, posteriormente, resultaram na ocupação da Universidade em 2016.



Figura 26- Assembleia na rotatória do prédio de Letras- campus UNESP Assis-SP 2016.

De acordo com os coletivos da UNESP Assis-SP, a luta pelos usos e costumes de suas práticas precisava ser defendida e para isto articulou-se uma Rede de Coletivos com o objetivo de nos encontrarmos regularmente. Os assuntos que necessitavam de reflexão, em um primeiro momento, referiam-se sobre os usos e costumes que os discentes haviam conquistado em relação a algumas práticas no espaço público que vinham sendo transferidas para o uso restrito como, por exemplo, jogar malabares enquanto aguardavam os amigos para almoçar no restaurante universitário, ou ainda, entrar no Câmpus no sábado para reuniões e práticas desportivas. Esses costumes, quase que geracionais para os discentes, afirmavam uma relação com o uso do espaço público, o qual precisava ser amplamente discutido para que alguns de nossos “direitos” continuassem a ser assegurados.

O recorrente hábito de nos encontrar após uma aula cansativa, enquanto escutávamos alguém(ns) cantar, sentados em torno das mesinhas, foi aos poucos sendo impedido por um sistema de senhas e enfileiramento que controla o acesso dos alunos ao Restaurante

Universitário. Portanto, para os coletivos, era evidente que alguns modos estavam sendo ameaçados e, mesmo assim, continuamos a insistir na procura de outros novos espaços dentro da Universidade.

Encontravam-se sofás no prédio de Psicologia e lá os alunos se reuniam para discutir trabalhos, planejar atividades, combinar encontros. Ali também havia um espaço conhecido pelos alunos como “fumódromo”, uma varanda aberta, com poucas cadeiras. Todas as manhãs, os alunos se encontravam ali, entre uma aula ou outra. Diante do insuportável, era tecido, nesses microencontros não-agendados e clandestinos, uma espécie de campo de força insurgente, do intragável, que não apenas reclamava dos professores, da aula mal-preparada, do prédio em ruínas prestes a ter sua estrutura condenada caso não houvesse mobilização estudantil pela reforma, mas também para criticar o sucateamento das universidades. Todavia, para nós, era essencial fazer desses espaços lugares de circulação de afetos e de uma dinâmica política, contornada pelo desejo que transforma e compõe, com as políticas de uma dada permanência, as práticas estudantis.

Quando o prédio de Psicologia foi interditado, as aulas tiveram que ser ministradas na Central de Aulas, conhecido como “prédio novo” pelos discentes, inaugurado no ano de 2015. Este prédio era e é mal visto pelos alunos em razão de sua arquitetura e sua “brancura” não caracterizarem espaços de sociabilidade. O prédio só comportava salas de aula e banheiros, não havia sequer um banco para os alunos se sentarem próximos uns dos outros. Os corredores são estreitos que parecem não permitir a presença dos alunos. O lugar não se encontrava, de modo algum, adaptado aos encontros externos para a prática política acadêmica, nem havia espaço para os encontros entre os fumantes e suas confidências subversivas. Esta realidade gerava, aos poucos, crítica entre os coletivos em relação aos ab(usos) da direção e a forma que eram retiradas as mínimas condições para os nossos encontros. Alguns Coletivos relatam que não puderam ter acesso ao espaço da Faculdade durante o sábado, pois não haviam protocolado ofícios na direção para agendar suas entradas mesmo que a atividade programada fosse um piquenique com seus membros antigos ou para a recepção dos novos, como no caso do Coletivo Cultural. Eles ainda relatam que, antes da ciência desta burocracia, a entrada aos sábados era considerada normal, independentemente da escolha da atividade a ser praticada: ler no bosque, jogar futebol ou fazer um piquenique. Como não necessitavam de nenhum equipamento da Instituição, deduzimos que talvez fosse esse o medo que começava a aterrorizar a política do Estado.



Figura 27- Roda de conversa na ocupação

Atentando-nos ainda para a dinâmica dos usos e costumes de ocupação dos espaços universitários, o diretório acadêmico (D.A.) foi o espaço de sociabilização onde era permitido jogar sinuca e *ping-pong*, além de abrigar oficinas de teatro e capoeira e proporcionar eventos culturais nas quintas-feiras, até a madrugada. Sem contar também que era ali a sede dos encontros do grupo anarquista, de reuniões de coletivos e lugar de grande trânsito político. Esse espaço foi essencial para a ocupação, pois nele se materializou a revitalização não apenas física do espaço, observada pelas novas artes nas paredes, organização de materiais e arquivamento de documentos, mas também registrou diversas articulações políticas, entre discente e partidos políticos, funcionários, professores e a direção da Unidade.

A formação do movimento proveniente dos coletivos foi uma reação em forma de mobilização, iniciativa e afirmação, já que, até aquele momento, parecia natural a decisão sobre os equipamentos escolares ficar sob a autoridade dos gestores, em seus gabinetes. Isso, no entanto, pareceu uma aberração intolerável, pois, segundo Pelbart (2016a), tal atitude significa

que a fronteira entre o intolerável e o desejável se desloca e ‘ninguém aceita mais o que antes parecia inevitável’.

Esses coletivos, acadêmicos e culturais, se manifestaram contra a ação da diretoria ao colherem assinaturas dos demais coletivos e articular encontros periódicos. Também foi circulado um manifesto contra as decisões arbitrárias ao corpo discente e reuniões foram solicitadas com a direção. Ampliaram-se as pautas e as discussões com outros coletivos da Universidade que, aos poucos, formariam o movimento de ocupação, tendo em vista o processo político não só instaurado no Câmpus, mas também o ato de consolidar essas reuniões em espaços de formação política, local e global.

A convite do Coletivo Acadêmico, em parceria firmada com o Coletivo Cultural, os demais coletivos se encontraram regularmente em reuniões de formação política, fossem elas críticas, analíticas ou estratégicas. Passaram, então, a se articular em rede, o que, segundo esses mesmos coletivos, resultou numa compreensão ampliada da crise instaurada pelo poder governamental capaz de minar as práticas coletivas a favor de uma política inflexível, que desencadeava o sucateamento da educação em diversas camadas.

A reunião entre os coletivos e a Gestão Participativa foi uma iniciativa protocolada na direção a pedido dos próprios alunos. Na data marcada, no dia seis de abril de 2016, estiveram presentes mais de 16 instituições discentes, a direção, além dos funcionários que testemunhavam a presença de um advogado para amparar, naquele momento, os coletivos com suas questões legais.

A reunião, ocorrida no prédio do diretório acadêmico, durou em torno de duas horas. O fato de ter ocorrido em um espaço de sociabilização dos alunos permitiu (mesmo sem estrutura material) uma roda com discentes que reconheciam justamente a insurgência de provocar, nestes espaços, a continuidade de suas atividades.

As dinâmicas de dialogar sobre o uso do espaço público, o qual se tornava cada dia mais restrito a algumas poucas atividades acadêmicas, e a urgente necessidade dos espaços de sociabilidades, geraram, nos coletivos, um desejo de revitalização do diretório acadêmico no início do ano de 2016; em maio, a decisão dos universitários culminou na ocupação articulada como será apresentada posteriormente.

De início, para os coletivos, as reuniões com a direção local, no início do ano de 2016, foram um modo de demonstrar pertencimento e fazer questionamentos sobre a ideia de posse da Universidade. Sabiam eles que, empossada a direção, juntos com o corpo docente representavam 70% (setenta por cento) das decisões tomadas sobre todos os outros trinta por cento, restando apenas 15% para discentes e 15% para funcionários. Os funcionários também

eram convidados a participar das discussões e trazer suas pautas para articulação, mas eles dispunham de sindicato e de direitos trabalhistas que lhes permitiram a eles um modo de luta *diferente* do qual propunham os universitários, ainda que, nas inúmeras ações (reunião com corpo colegiado, paralisação, greve e a ocupação propriamente dita), estiveram presentes em apoio, participando nas discussões e pautas dos discentes.



Figura 28- Performance e dança durante prática coletiva

Neste período, alguns coletivos demonstravam-se solidários à luta dos secundaristas e participavam das ocupações das escolas públicas de Assis-SP. Ofereciam oficinas, leituras, filmes, debates e trocas que também continuaram a somar quando instaurado o processo de greve na universidade. Segundo Pelbart (2016b), a ocupação de mais de duzentas escolas no final do ano de 2015 foi um dos gestos coletivos mais ousados na história recente do Brasil, destampando a imaginação política em nosso país e demonstrando a coragem e a inteligência com as quais essa luta foi conduzida. Para Pelbart (2016a), a imaginação política não é uma esfera sonhadora e desconectada da realidade, ao contrário, é precisamente a capacidade de se conectar com as forças reais que estão presentes numa situação dada - as forças do entorno-, mas também a dos discentes que ocuparam as instituições de ensino público.

O caso das ocupações paulistas remeteu os coletivos ao impulso primaveril de ocupar, não somente pelo número de escolas envolvidas e pela repercussão internacional, mas, sobretudo, pelo desenvolvimento de todo processo de resistência e de articulação. O desejo de

ocupar os planejamentos estratégicos do espaço de formação, quando numa perspectiva emancipatória-democrática nos vimos presos a uma política da qual apenas 15% (quinze por cento) das decisões tomadas, no câmpus universitário, permitiriam as nossas entradas de pautas e problematizações, constantes nos encontros regulares de formação política coletiva, nos quais nos auto-organizávamos para, mensalmente, nos encontrarmos aberta e publicamente com a gestão do Câmpus.

Durante a ocupação, as propostas dos coletivos foram destituir o poder do privado e ampliar as potências do público, uma vez que algumas estratégias incomuns, como a divisão de tarefas e o revezamento constante entre os ocupantes, acompanharam a formação política de cidadania *ciborgue*. Desse modo, segundo o Coletivo Acadêmico, todos poderiam experimentar e conhecer as necessidades que apareciam como urgentes ou não durante a ocupação.

O processo de formação política que nos levou à decisão de ocuparmos a Faculdade, no dia 20 de maio de 2016, foi fruto de diversas assembleias e plenárias, grupos de discussão que, quando em greve e ocupação, tornavam-se grupos de trabalho. A organização feita pelos discentes era sempre acompanhada de debates e votação, sendo que o Coletivo Acadêmico se ocupava em registrar essas articulações e manteve, durante o tempo de ocupação, um trabalho importante de estimular outros coletivos também para a ocupação, dando-nos espaço de criação e debate nesses grupos.

Uma ocupação, segundo Campos (2016), é uma forma muito singular de luta, pois as pessoas se dispõem a viver juntas em um determinado espaço por tempo indeterminado, tendo de se organizar diariamente e de lidar com suas necessidades de infraestrutura, alimentação, higiene, atividade (p.128). Ainda, segundo o autor, é a ocupação que possibilita aos estudantes se questionarem a todo momento, sendo este um exercício constante de desconstrução. Simples questões como a programação do dia, o que será feito para o almoço, onde guardar cartolinas, podem se tornar uma discussão política visto ser a ocupação também uma experiência emocionalmente intensa, cansativa e configurar uma ruptura radical com a vida pré-ocupação. Campos (2016) afirma que não é à toa que os estudantes dizem que nunca mais serão os mesmos depois das ocupações (p.128).

Prosseguindo com as peculiaridades de nossa *ciborgologia* local em ocupação, as práticas de manutenção eram articuladas em plenárias que ocorriam regularmente e nelas eram cultivados o cuidado e o zelo pelo espaço da ocupação. Era importante que todos soubéssemos onde encontrar cobertores, como conseguir doações de alimentos, como angariar fundos para impressão e deslocamento de alguns companheiros entre os câmpus, como divulgar, na cidade, a ocupação e o que poderiam ou não deixar de oferecer à comunidade durante o período de

greve. As formações políticas, atentas às transmissões e padronizações locais, segundo o Coletivo Acadêmico, tomaram iniciativas como as de plantar novos jardins de flores e PANCs (Plantas Alimentícias Não-Convencionais), de malabarizar e panfletar nos semáforos, em busca de contribuições para o caixa financeiro coletivo, de trazer um colchão ou cobertor a mais, pois ‘poderia haver um colega que decidiria ocupar posteriormente’, entre outras. Essas iniciativas fogem dos recursos comuns e exigem uma atitude crítica frente ao sistema integrado do capital.

As memórias das ocupações ainda estão expostas no espaço físico da Universidade. Com os coletivos, os discentes ocupados, aos poucos, puderam perceber que não só grafites, panfletos, fotografias ou ainda um aumento de bolsas de auxílio e permanência, bem como as mesas pintadas na frente do restaurante universitário e até mesmo o próprio restaurante resgatam, preservam e afirmam memórias de lutas grevistas e de ocupações que ocorram no Câmpus.

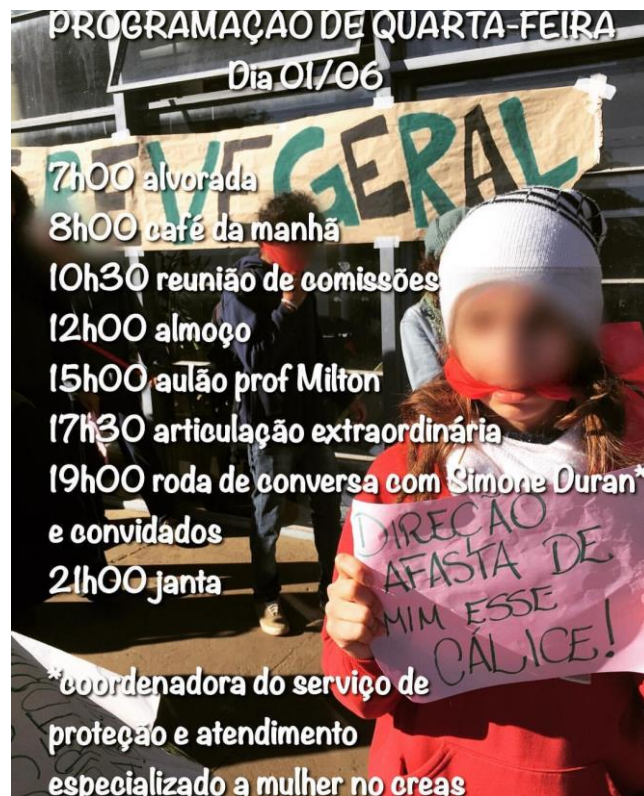


Figura 29- Programação divulgada durante a ocupação

Fomentados pelos coletivos, couberam aos discentes que aprovaram a ocupação a participação estudantil e social utilizada como ferramenta indispensável para fazer uma universidade diferente. A partir da ocupação, os participantes mostraram que a Universidade é

mais do que um plano acadêmico, sobretudo, quando incidem sobre este espaço os atravessamentos da arte, da política, dos costumes e dos afetos dos corpos que a compõem.

Exige-se uma logística muito ampla para efetivar uma ocupação, ainda mais por ser ela impedida ou ‘interditada’. Os cuidados do movimento que se formou para a ocupação, em 2016, no Câmpus da UNESP Assis-SP, reconheciam a necessidade de um cronograma de atividades diário para que ocorresse um amplo e permanente diálogo com as pautas e as estratégias de negociação. Para tanto, as distribuições de tarefas eram feitas diariamente, com funções previamente analisadas de modo que os ‘ocupantes do processo digestivo da barriga’ não necessitassem parar ou impedir o funcionamento burocrático da Instituição, como previa o interdito, mas ainda havia compromissos e atividades durante todo o dia e, em alguns dos casos, durante toda a noite, que geraram a interferência necessária para sabotar os calendários e planejamentos institucionais.

A ocupação do espaço público de uso restrito nunca foi tão ampliada entre comunidade local e acadêmica como no período do pós-golpe. Por parte da Instituição, novas leis internas foram criadas inibindo a entrada de visitantes ao serem implantadas três grandes placas na entrada da Universidade com aviso sobre as novas restrições. A resposta corajosa da comunidade foi a pichação, ou *encobrimento*, daqueles dizeres que poderiam distanciar nossas conexões e *extensões reais*, para além das financiadas em acordos de gabinetes. Os coletivos sabiam que o ano não seria fácil, capturas de diversas instâncias políticas quiseram prevalecer sobre o genuíno de nossos encontros e de nossos movimentos.



Figura 30- Articulação virtual: Entre circuitos dos ciberativismos.

A formação política proveniente das práticas coletivas somou-se às forças que insurgiram com a intenção de ocupar a Universidade. Sabemos que provocamos uma *ciborgologia* difícil de engolir quando foi requerido pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) ao Tribunal de Justiça do Estado De São Paulo, comarca de Assis-SP, Foro de Assis-SP, com processo Nº 1003584-2016- 8.26.0047, um interdito proibitório a atos de esbulho/turbação/ameaça. Um dos efeitos do processo era o impedimento de 10 estudantes de circularem nas instalações da Universidade sob a pena de multa diária, no caso de descumprimento, fixada no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais).

Segundo o Coletivo Cultural, a única arma durante a ocupação foi o desejo. O desejo revolucionário, o desejo de pertencer a um real que não àquele imposto pelo equipamento coletivo e institucional, o desejo insurgente de criar políticas e estéticas para o real que existia nos coletivos.

Ao tornar-se não apenas possível, mas também desejável (PELBART, 2016b), nossa ocupação reivindicava e desejava, com grande parcela de outros estudantes da rede pública, secundaristas e universitários, o fim do processo ilegítimo instaurado no golpe pelo governo Temer. Reivindicávamos também contra a precarização do ensino, contra o contingenciamento do repasse de verbas para as universidades estaduais paulistas, pela não extinção do PIBID e por contratação de professores.

As pautas de negociação eram:

- Permanência Estudantil: por moradia e RU de qualidade para todos, pela aprovação da minuta que torna a Bolsa BAAE um auxílio;
- Estatuinte: pela inclusão de um artigo especial no estatuto da UNESP que trate especificamente de violência sexual e de gênero;
- Paridade: por um acordo com os órgãos colegiados para que funcionem de forma paritária.

Estas pautas foram apresentadas em carta enviada à ADUNESP (Sindicato dos Professores da UNESP), no mesmo dia em que recebemos a notícia do interdito proibitório. Na carta, entre outros assuntos, o Movimento Estudantil questionava o presidente (outrora também professor e presidente do sindicato no Câmpus de Assis-SP, afastado somente para assumir o cargo estadual) como seria possível legitimar a greve e ocupação em curso sem alterar o estado normal das coisas “se a intenção de um ato desses é justamente quebrar a rotina para que suas reivindicações sejam ao menos olhadas. Como conseguiriam fazer suas manifestações políticas e artísticas se tudo será passível de repressão?” (UNESP/ASSIS, 2016).

Com a força dos coletivos, dedicada a afirmar o movimento dos discentes, foram estendidos a todas as instituições seus posicionamentos, dos departamentos aos diversos sindicatos, gerando provocação e incômodo em busca de estratégia de aliança. O movimento recebeu solidariedade de alguns desses órgãos e de diversos professores do Câmpus. Ainda em análise sobre a formação política para a ocupação, os coletivos e demais discentes perceberam que ocupação também fortalecia algumas discussões entre os docentes que, com o passar do tempo, posicionavam-se no Conselho do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da mesma Instituição, que se manifestou radicalmente contrários à impetração do interdito proibitório, que caracterizou a medida como desnecessária, inadequada e ofensiva:

Desnecessária, porque não havia, por parte do movimento estudantil, nenhuma deliberação ou manifestação que afetasse ou pusesse em risco as instalações do nosso câmpus. Muito pelo contrário, as reivindicações e bandeiras de luta do movimento vinculam-se à melhoria e ampliação dos recursos de nossa Faculdade e mesmo os estudantes que participam da ocupação têm mostrado exemplar zelo e cuidado com as instalações ocupadas. Inadequada, porque a medida não tem qualquer eficiência de proteção, porque se limita a imputar responsabilidades prévias e aleatórias sobre ameaças que sequer foram cogitadas, além de contribuir para a deterioração das relações de diálogo sempre necessárias ao bom encaminhamento de todos os problemas sociais, ou, sobretudo, os atinentes à educação. Por fim, consideramos a medida ofensiva às tradições de nossa Faculdade que sempre se caracterizou pela coragem e pela firmeza de encaminhamentos respaldados por atitudes pacíficas e permanente disposição de diálogo (SOCIAL E ESCOLAR, 2016).

O posicionamento do Departamento ainda ressaltava as alianças afirmativas que se conectam com práticas coletivas do desejo e ainda, demonstrava uma sensibilidade que, micropoliticamente, afetava e fortalecia os coletivos e demais discentes:

Isto posto, aproveitamos o ensejo para transmitir a cada um dos nossos alunos o abraço solidário e carinhoso de seus professores somado à certeza de que a luta em prol da educação, da liberdade e da democracia nos encontrará sempre juntos. (SOCIAL E ESCOLAR, 2016)

Entretanto, as ameaças à desarticulação do movimento eram inevitáveis, como vimos na madrugada em que a Polícia Militar *inusualmente* rondou o Câmpus no dia 21 de maio. A visita, segundo eles, ocorreu por solicitação de seguranças das agências bancárias que operam no espaço da Universidade, mas nem os próprios seguranças, funcionários da Instituição, souberam nos dar maiores explicações sobre a entrada.

Na manhã do dia 22 de maio, a ocupação recebe a visita de uma Oficial de Justiça que procurava por um dos alunos mencionados no interdito proibitório, buscando saber se ele se encontrava ali, se alguém poderia assinar, dando-lhe ciência de recebimento. O aluno, para o movimento, não era mais simplesmente um ‘aluno’ e, sim, força, contágio político, uma máquina ativa em pleno movimento. Se ele estava ali ou não nem nos importávamos saber. Negamos, filmamos, colhemos ferramentas, pedimos maiores explicações e, conectados a uma rede que disseminou até os mais diversos câmpus da UNESP e mídias alternativas, como Mídia Ninja, toda uma vasta rede de conexões e de lutas que estivessem ainda em tempo de criar estratégias, antes mesmo que novos interditos aparecessem.

Em ato político-estético foi criado, na manhã do dia 23 de maio, um modo expressivo de recepcionarmos sem que impedíssemos o funcionamento normal da Universidade. Antes mesmo que funcionários e professores chegassem ao Câmpus, a fim de cumprirem suas cargas horárias, os coletivos se prepararam para uma ação que desejava representar a insatisfação e ao mesmo tempo o medo que pairava sobre nossos corpos. Sendo assim, às 6h30min, despertamos em toda a ocupação (pelo menos, aqueles que lá dormiam) e logo após o café da manhã, traçamos nossas estratégias com os poucos materiais que ali dispúnhamos. Foram utilizados pedaços de panos e retalhos que amarrávamos em nossas bocas e, como que amordaçados, ainda afirmávamos que era possível ocupar.

Dividimo-nos em cordões entre os dois lados das ruas, logo na via de entrada dos veículos, o que causou um desconforto na circulação ‘normal’. Alguns dos condutores desaceleravam e manifestavam medo, outros buzinavam e sorriam. Viam alunos amordaçados, em dois cordões, a traçar um caminho de entrada e recepção para o dia de expediente e

funcionamento da Instituição. Estávamos em mais de cem alunos, expressando nosso desejo calado, boca cerrada, quase que encobertos. Existíamos como campo de forças, como movimento, como imagens figuradas num descontentamento e, num brutal (estrondoso) silêncio, ainda expressávamos a resistência que assustava aos desavisados, prontos para usar das mesmas armas de sempre. Entretanto, daquele momento em diante nossas estratégias seriam outras, não teríamos um comando de greve e, sim, um movimento grevista e não seríamos identificados como lideranças empoderadas, haja vista que nosso único princípio seria negar o poder que aos poucos é concedido: o de governar sobre nossas intensidades e desejos, sejam eles afetivos, políticos, acadêmicos e/ou estéticos.

Passados os infortúnios do processo judicial e da invasão policial, foram criados diversos grupos de trabalho entre os estudantes, como já mencionamos. Uma ampla rede de informações, problematizações e análises foram enfocadas sob o golpe que se prenunciava e quais eram as conjunturas institucionais (locais, regionais, estaduais) que o ano de 2016 esforçava-se na missão de nos enquadrar em seu equipamento técnico-acadêmico, enquanto que nossas práticas coletivas do movimento se aliava a uma vasta rede de outras ocupações nas universidades e escolas públicas do Estado de São Paulo e de outros estados.



Figura 31- Revitalização do D.A.



Figura 32- Alimentos para a ocupação.

Vale ressaltar que, neste período de greve com ocupação, os coletivos também buscaram investigar o histórico das ocupações do Câmpus, porque nem os relatos da direção, nem a pesquisa entre os funcionários, nem os registros do Diretório Acadêmico foram suficientes para rememorar quantas ocupações ocorreram nas últimas seis décadas de formação e instalação da UNESP em Assis-SP. Alguns membros dos coletivos citados ou estudantes que estavam em Assis há mais tempo puderam transmitir as estratégias e padronizações, em 2016, das

dificuldades e conquistas que foram geradas, em 2013, com a última ocupação, que não contou com a criminalização das atividades do processo de ocupação e da qual resultou a criação efetiva de uma Comissão de Permanência Estudantil, a princípio, composta por professores e alunos do Câmpus, posteriormente ampliada às políticas de toda UNESP.

Com a *ciborgologia*, configurada na ocupação de 2016, no Câmpus da UNESP Assis-SP, foram criadas as Comissões para Análise Jurídica, Limpeza, Alimentação, Estudos de documentos, Arrecadação de finanças e Segurança. Todos, regularmente, se revezavam em uma planilha de atividades semanal. As atividades cotidianas eram divulgadas tanto nas mídias sociais quanto no prédio do Diretório Acadêmico. É válido ressaltar que alguns discentes que aderiram à ocupação não necessariamente permaneceram durante o tempo todo nas dependências da UNESP. Eram alguns estudantes que já estagiavam ou trabalhavam; eles ocupavam ao modo que lhes era possível. Para os coletivos e o movimento de greve era essencial proporcionar atividades de formação política como os aulões, em que era convidado um professor(a) para proferir uma aula a todo o Câmpus, com alunos da graduação, pós-graduação e ainda alunos do Cursinho Pré-Vestibular, que durante o dia encontravam-se em suas escolas secundaristas e à noite compunham o campo de forças e afetações políticas para análise de conjuntura local, municipal, estadual e global.

Mais recentemente, no final do segundo semestre de 2017, organizamos um evento de formação política, no curso de Psicologia, que teve como tema “Crise e (Re)existência”. Durante uma semana, produziu encontros, debates, oficinas, instalações e saraus na intenção de fortalecer a rede de formação contínua de desejo e ocupação política no Câmpus da UNESP de Assis-SP.

Sim, aqui nós chegamos e daqui iremos mais longe, por insurgência e rebeldia aos modos que a máquina nos forma. Somos difíceis de engolir? Temos cabeça dura? Podem ser as impressões e ideias recorrentes das máquinas monstruosas que se recusam a adaptar-se às circunstâncias. Reforçamos a ‘Baderna - Escola de Lutas’, de Campos (2016), que traz em sua contra-capa um trecho de um *rap* produzido por MC Foice e Martelo, em forma de paródia, que os secundaristas cantavam e reforçavam em 2016 num mal-estar que seria causado pelas ocupações, ameaçando e sabotando com força coletiva: “*fica preparado, que se fecha, nós ocupa*”. Sim, só seremos engolidos!

A possibilidade de imaginar a Universidade ocupada se dá a partir de relações com espaços, usos e costumes, mas se deve também ao desejo de transformar e criar outros mundos. Pensamos com Haraway (2009) que a cidadania do tipo *ciborgue* está para manifestar um modo conectado às potências e energias micropolíticas ao invés das engrenagens de poder, que, de

forma fascista, vem inibindo e silenciando as possibilidades imagéticas no presente cenário. Estas são posições interessantes para prosseguirmos em jogo político aberto, coletivo e estratégico que configuram modos de cidadania *ciborgue*.

Seguiremos adiante apostando as linhas que conduziram este trabalho e as experiências narrativas que configuraram a ocupação da barriga do monstro, ampliando olhares, sensações e afetações a respeito do que foi considerada uma potente articulação a partir do efeito dos impedimentos sucessivos de nossas práticas. Ao longo desta dissertação, narro e fabulo a partir da experiência compartilhada com outros estudantes que viveram o movimento de ocupação, assumindo a parcialidade e localização do olhar que lanço aos acontecimentos.

2.6- Como entrevistar o desejo?

(...) então, se você vai viver com o problema, você fala de assuntos proibidos. E você ri e reconhece que isso é um campo minado, e você recruta os amigos e inimigos para pensar juntos, e logo acontecem coisas que ninguém poderia ter feito sozinho. (HARAWAY, 2014, s/p)

Pode ser debaixo de uma sombra, no bosque, nas mesinhas localizadas no território do Restaurante Universitário (R.U.), pode ser em qualquer canto da Unesp, podemos marcar, sim! Vamos sim, vamos marcar! Como se não fosse perigoso, como se fosse algo comum, como se pudéssemos nos esquecer de multas e ameaças criminalizatórias. Mas, definitivamente, esta não é uma tarefa fácil. Para os amigos convidados, quase sempre se tornava um peso a ideia de pensarmos uma pós-ocupação, de falarmos dos desejos que nos conectaram a novos posicionamentos políticos. É delicado entendermos que não foi o medo que absorveu nossos pensamentos sobre cidadania, mas uma violenta preocupação em recuperar espaços nos planos acadêmicos que quando chegava o convite para ocupar novamente nossas imagens e afetações parecia que havia sempre falta de tempo.

Foram vários agendamentos, posteriormente cancelados, ora porque o semestre iniciava, ora porque estava encerrando, ora porque mexer com tais afetos não se configurava tarefa fácil para ninguém. Com aqueles que pude conversar sobre a pesquisa, é evidente que um encorajamento parecia ser disparado, mas todos ali estavam imersos em práticas e agenciamentos coletivos, de certo modo ainda fugindo de uma servidão e dominação ameaçadoras. Encontrar modos para falar de desejo parecia ser uma possibilidade de lidar com afetações de revolta, ruptura, luta e guerra política que não foi desocupada. Haveria ainda aqueles que, com prazer, expeliam, como vômito catártico, algo ainda preso e silenciado diante

do *fim* da ocupação patrimonial e do modo como ocorreu. Mas, afinal, como falamos de nossa experiência sobre o nosso desejo e que desejo era esse?



Figura 33- Encontros no bosque

Pensamos em cinco perguntas, encaminhadas como roteiro, ao Comitê de Ética. Nelas, de forma singular, tentávamos possibilitar a emergência de experiências pessoais e coletivas que seriam apresentadas nesta pesquisa como material concreto de vivências e práticas *ciborgues* durante o processo de ocupação no ano de 2016. Ainda assim, um problema se fazia presente: quem se arriscaria, mais uma vez, a adentrar este campo de afetações e, ainda assim, posicionar-se? Era preciso coragem? Humor? Literatura?

Respondemos que não. Era apenas preciso falar de nossas histórias.

Assim, adiantamos que não iremos encontrar modos de ocupar, sequer encontrar uma cartilha de ocupação do desejo, mas resgatar histórias e narrativas de devires revolucionários contemporâneos que narram análises, afetações, campos elétricos e rupturas, além de criações, manifestações e conexões em circuito *ciborgue*.

Eu não era um desconhecido, pelo contrário — se permitem — consideraria que minha ação tornara-se rizomática ao ponto de dialogar e possuir a coragem política de juntar tantos desejos, como veremos adiante, sendo digeridos e processados pelo monstro. Colocava-me com a mesma atenção aprendida com Stengers (2018), quando ela se atrevia a escrever sobre Cosmopolítica, dispondo-me como me ensinou: “Não como “proprietária” que me apresento, encarregada de transmitir a “verdadeira significação” dessa palavra, cosmopolítica, mas como protagonista interessada” (p.444). Dessa maneira, a palavra ocupação teria tomado, para mim, *sua vida e necessidade próprias* (p.433), nas quais me interessavam habitar.

À vista disso, alinhamos aqui discursos não-idênticos, vastos e amplos que se diferenciam ao passo em que olhamos atentamente para cada disposição política de formação fomentada durante a ocupação.

As primeiras histórias são destinadas a contar de uma movimentação que não teve fim, então não se assustem: são histórias nas quais só há começo e meio. Algumas prosseguem em reticências, outras constroem um grande hiato; dificilmente, porém, veremos pontos finais.

Seramente, o que as pessoas desse planeta precisam é pensar; pensamento forte e fortes alinhamentos entre si. E essa é uma prática materialista, é uma prática que só se dá em lutas localizadas, e lutas localizadas podem acontecer no papel, não precisam ser restringidas a alguma esquina de uma rua imaginária. Entretanto, sair para as ruas não é uma má ideia. Talvez eu pense em revolução como uma verdadeira mudança de história, não como um tipo de apoteose grandiosa da liberdade dos homens, ou coisas do tipo. Ao historiar, mudamos as histórias. Na revolução então a pequena e grande mudança ao mesmo tempo. (HARAWAY, 2014, s/p).

Buscando narrativas nos encontros entre amigos, numa dessas horas em que “paira o cheiro da revolução”, um deles me confia: *Eu não devia ter vindo fazer esse curso de História. Eu sou muito melhor em fazer matemática.* Na intenção de descontrair ou produzir fuga, retruquei, com ar sarcástico, “mas você é tão bom pra contar uma história!” Queria provocar nele o que também, em mim, havia me provocado: um questionamento sobre suas próprias inquietações e desejos em lidar com memórias, causos e registros. De certa forma, era um jovem cheio de transmissão oral e não podia fugir de sua eloquência fanfarrona, logo assumindo que “*todas as histórias que conto, são diferentes e contrárias a História que eu faço*”. Dali, não houve mais lugares possíveis para a fala, mas permanecemos com o problema sintomático dos processos de formação e da informática da dominação. Então, entendamos que, nesses primeiros episódios, o que desejamos com nossas histórias é fazer florescer nossas emoções que solicitam ao mundo um coração para senti-las.



Figura 34- Prática de prevenção à DSTs em sala coletiva- Distribuição de preservativos.

Com Stengers e Despret (2011), comprometemos parte da investigação feita, reconhecemos como sendo uma postura de nosso grupo de pesquisa e de nossas orientações: estamos nos distanciando do perigoso lugar que influencia aquele que interrogamos, ao passo que nos localizamos, partindo do ponto de que a emoção não é somente aquilo que é sentido, mas também aquilo que "faz sentir". Ou como prefere Despret (2011), "a emoção não é somente aquilo que nos faz acolher o mundo, é também a maneira como solicitamos ao mundo nos acolher, pedindo-lhe mesmo, às vezes, de nos dar um coração" (p.57).

Assim sendo, neste trabalho, recolhemos as narrativas dos amigos que foram afetados pela experiência, dando-lhes a possibilidade de 'tocar ou não tocar' o coração do monstro. Damos a ele toda esta afetação política que lhe pede o coração para aquilo que nos fez sentir a ocupação de nosso desejo político.

2.7 - José: Ocupando processos de cidadania *ciborgue*.

José é um jovem negro de 28 anos, oriundo da rede pública de educação, onde sempre esteve inserido. Prepara-se, atualmente, para colar grau no curso de História (um dos cinco cursos oferecidos pela Unesp Assis-SP) e pretende seguir nos estudos ao relatar que pretende ingressar no Programa de Pós-Graduação em História desta Instituição. Ele já residiu na Moradia Estudantil e sempre necessitou de auxílios. Por isso, logo compreendeu as condições

e normas para solicitá-los. Durante sua graduação, esteve constantemente ligado a diversas práticas políticas por meio do NULO (Núcleo Libertário Anarquista) e pela participação em ocupações, piquetes e passeatas durante todos seus seis anos de graduação.

Mediante a narrativa de José, percebemos a formação que lhe fez sentir a ocupação do desejo e provocar pensamentos, ações e práticas que não são resultado bruto de uma formação apenas acadêmica, muito menos reservada a olhares de um historiador dos livros, mas, sim, um memorizador em conexão com a terra e com outras linguagens, que apresentam conceitos e transitam em outras áreas de conhecimento, ampliando sua maneira de ver e habitar o mundo, reservando ainda uma cidadania do tipo *ciborgue* narrada e experimentada entre a terra e o direito ao lazer. Acompanhemos suas primeiras impressões do território-UNESP e suas estratégias políticas de ocupação do desejo.

Após lermos juntos o roteiro e dedicarmos um tempo para o sentirmos e pensarmos sobre ele, decidimos deixar o texto livre quanto à ordem e aos intervalos, conforme José seguiu respondendo:

Queria começar então dizendo sobre com qual desejo eu cheguei aqui. Eu passei na UNESP e vim pra cá pra fazer a revolução, era esse o meu desejo. Eu sabia que ia encontrar ferramentas pra isso, leitura, pessoas com leitura, pessoas parecidas comigo, pensei que ia encontrar uma maré favorável pra fazer a revolução, iniciar um processo de imploimento, né? Do sistema, de dentro pra fora. Mas eu encontrei um ambiente que eu classificava como alienante, desconectado da realidade política do país, da própria realidade, ali, do microespaço da UNESP, e a galera ali comprando a ideia de que a gente só tá ali de passagem mesmo, uns quatro anos, sair com o diploma e o mercado de trabalho, pronto! Eu encontrei pessoas assim nos seis primeiros meses, mas depois eu consegui estabelecer contato com pessoas que também queriam ver mudança no mundo pra já, pra um horizonte de curto prazo, vamos dizer assim. Aí no segundo semestre é que teve a organização coletiva para ação que a gente achava que pudesse ser importante ali no momento, né? Mas o desejo é claro, né? Vai ter impasses com a realidade, com outras pessoas que vão minar, que vão enfraquecê-lo, torná-lo reativo. O impacto da comunidade unespiana, frente às outras comunidades, sempre é muito interessante, pois é uma massa de pessoas que vão se inserir não só no mercado de trabalho, mas no mercado de relações humanas, né? Transformando, propondo um novo presente ou, simplesmente, se enquadrando ao presente que já tá imposto, né? Aí a questão é que se há função social que queremos desempenhar na faculdade, independente que tipo ou modelo é esse de universidade. É lógico que vai ter as contradições, interpéries que vão minar a gente e dentro disso a gente tem que saber se enquadrar na regra do jogo, num determinado momento

e fugir dela num determinado momento também. Tipo, a realidade é movente, né? Ela é movente, se move como as ondas do mar, a gente tem que estar adaptado a elas, ter um equilíbrio como numa prancha, ali, você, nas ondas da realidade, a prancha é você, é seu ideal político. Eu já cheguei na universidade com o meu ideal político bastante solidificado, com bastante certeza do que fazer mesmo, só dentro das limitações deste espaço... tanto é que as ações que eu pude desenvolver fora da universidade, por exemplo a gente fez uma horta numa UBS em Cândido Mota - SP, que é uma cidade vizinha aqui, né? Aí isso ia gerar uma outra forma de lidar com a vida ali; o cuidado com o corpo, o cuidado de si. O ex-aluno daqui que me ajudou era formado em Psicologia e foi trabalhar no setor da saúde nessa cidade e ele também tinha uma ideia meio contrafuncional do que estava estabelecido. Com a pesquisa dele, ele foi levado a outras práticas com a saúde, que não só as mercadológicas farmacêuticas e tal, mas a de cultivo orgânico, que remonta a toda uma tradição que não é científica nem ocidental, que foi descartado do projeto histórico macro-hegemônico que hoje tomou as rédeas do país. Enfim, mas... a gente sempre procura propor algo novo, pois a gente entra em contato com as grandes obras e as grandes obras surgiram de novas proposições para o presente, para o futuro e procuramos essa linha no real, são várias as práticas. As minhas primeiras ações, em 2013, eram livre iniciativas que estavam contra ao estabelecido nessa sociedade e vão ser abafadas, reprimidas, ou cooptadas. No meu caso o 'cooptadas' é o que mais se encaixa, né? As primeiras tiveram que ser oficializadas, burocratizadas por meio de ofícios, porque até então elas não tinham registro ou nada que dissesse que estava sendo realizado aquela proposta de presente dentro daquele espaço ali; no caso das hortas que desenvolvemos na greve de 2013, durante a ocupação, percebemos que a terra não era de ninguém, era pública, pertencia ao Estado, tem sim um representante ali que está meio estabelecido, né? Mas dizer a quem pertencem as terras é muito abstrato. Então este sentido cooptativo do sistema, vai moldando as práticas que você tem, de uns tempos pra cá, tentamos forçar a barra mesmo, já que o princípio anarquista do qual eu sigo, diz que a gente não deve se adequar, mas criar a melhor maneira de adequação e, primeiramente, ao espaço natural, por isso que minha ação se deu por meio de hortas, nesses três anos foi usado pra agregar movimentos sociais, também de fora da universidade que tem propostas de espaços de liberdade, de linhas de fuga numa linguagem guatarrística aí. E o mais recente exemplo disso foi o evento de rap que ocorreu numa semana de recepção aos calouros alternativa e a gente não usou ofício nenhum, nem usou equipamentos da faculdade, só o espaço que é da faculdade, que é o bosque e tipo, deu super certo, as pessoas colaram, nada oficializado, a diretoria nem foi informada, o evento ocorreu com cerca de 100 pessoas ali e foi gratificante ver ali a subversão daquele espaço

usado pra tanta coisa, né? Churrascos, oficinas, debates políticos e por que não, pra um evento de cultura afrodescentende, que uma das expressões é o rap dentro do HipHop negro e tal? É bem bacana ver a maleabilidade que temos que ter nas malhas do sistema, nas redes, criando as contra-redes. Assim, circulando uma outra informação diferente da que foi imposta e estabelecida. Esse jeito de lidar com as estratégias do nosso desejo, que ao mesmo tempo discorda das práticas estabelecidas pra gente, tem que contrabalancear propondo um presente novo, novas maneiras de contato afetivo na universidade, debater temas que não são só temas que a mídia coloca, mas que as próprias demandas da universidade tem, o contato com as pessoas que vão ingressando todo ano por meio do vestibular, né? Que é super criterioso, meritocrático e tal; o desejo dessas pessoas vão ou na contra-mão com os nossos, ou de mãos dadas com o nosso, por isso que a gente forma forças, rede né? A batalha é sempre coletiva, porquê uma andorinha sozinha não vai fazer o verão, esse verão seria o novo presente, porquê parece que o clima na universidade é sempre de inverno; a gente tá sempre congelado pra fazer o que é novo ali, então esses raios de sol é a nossa energia juntas ali. Na maioria das vezes surge de forma simples, como esta assim, meio que entrevista, a partir de sim ou não, compartilhando o desejo, reflexões, ansiedades, conversando, sobre o espaços dos nossos corpos, mente, corações, e espírito pra quem acredita né? Olha, a galera da comunidade que não tem afinidade com os estudos, ela quer estar ocupando também a faculdade, não necessariamente usando a biblioteca ou o pólo de informática, mas o espaço como o bosque ou o campo de futebol; eu sempre procuro trazer meus amigos pra ocupar esses espaços, tirar um lazer, né? Como a gente fala, descontraír. Nesses espaços as insurgências vão se encontrando ali e vão ganhando corpo né? Literalmente, né? E forma, formação pela ação ali né? Mas é claro que vai contra ao que é posto e imposto, tem pessoas que querem controlar, fiscalizar, ficar à par das ações que fujam ao que está imposto ali, no script, nos estatutos, nas morais vigentes e tal, isso assusta este potencial criador e espontâneo, de livre iniciativa que vai na contra-mão, ao que tá proposto e imposto e então o enfrentamento se dá por isso, entre as forças que querem barrar tudo que não seja passado pelo crivo deles né? Eles vão dizer o que é novo ou não, o que é nocivo ou não, e fugir de tudo isso é complicadíssimo né?

Pergunto: Não é como se faz, mas como aconteceu... pode me dizer mais a respeito disso?

Aconteceu de duas formas, uma mais oficial, que era marcar uma reunião, em um tal espaço, com um tema pré-estabelecido, e isso é à rodo. Eu tentei propor menos esse tipo de

debates, mesmo estando sempre disposto a estes debates, tendo também colegas nesses debates que fazem chegar até mim esses acontecimentos, uma maneira de circular informação e tal. Isso oficialmente falando. Mas 'oficiosamente' falando, é isso né? É um jogo de futebol, é um churrasco, é uma sinuca no d.a., um espaço que a galera cola tanto pra fazer debate político, cultural ou tirar o lazer mesmo, né? Aí é que tá, é enxergar no lazer um potencial bem criativo, é o que realmente nos deixa tocar e não nos incomoda. É assim, eu não tenho uma narrativa, narrativa... assim... (Risos). Bom, a respeito dos saberes, os saberes estão aí distribuídos nas sociedades; a gente aqui que é das Ciências Humanas e Biológicas, percebemos uma divisão no câmpus, bem imposta assim, nestes termos e nestes campos, e alguns desses saberes são mobilizantes, o corpo quer saber, quer transformação, anseia por mudança; eu me recordo de um ato pela luta antirracista, que fizemos na frente da diretoria, na ocupação de 2013, pois teve um registro de violência racial no câmpus de Araraquara-SP, e teve grande repercussão nas outras unidades da Unesp, bem na época das discussões sobre cotas raciais e tal. E ficou acertado no CEEU (Conselho de Entidades da Unesp), de forma bem oficiosa, fazer uma manifestação em todos os câmpus, no dia da consciência negra, pra dar visibilidade a causa negra. Vale lembrar que nesse período, a Unesp Assis-SP não tinha um Coletivo Negro assim, estabelecido, como tem hoje, né? E a gente ali se viu, na urgência, na emergência de dar visibilidade a causa, mostrar o que tá acontecendo, desse direito que o negro tem de frequentar a universidade pública, independente pra o que quer que seja, ou pra estudar ou ir jogar bola. O entrave dessa época era o diálogo com as próprias autoridades que ainda estavam digerindo o que seria essa política de cotas para a Unesp em si; eu lembro que a reitoria tava discutindo a implantação da Comissão Racial, tava tudo em andamento, a gente pegou as coisas no calor do acontecimento. Os dois lados, tanto o lado do estabelecimento, quanto o lado dos subversivos, aos que tendem pra essas demandas sociais de direito. Que trazem seus próprios saberes, né? As demandas tem saberes, as demandas são realizadas por meio de experiências e a reflexão. Olha, eu acho que conquistar a organização da semana dos calouros foi algo assim, que também marcou essas demandas. A gente teve a oportunidade de manifestar a nossa forma de integração, e não essa forma meio que empresarial pra todas as unidades. Pra mim, que sou estudante de História, a questão de lidar com a memória desses acontecimentos, então a confecção de zines, vídeos, fotos, áudios, porquê na nossa sociedade o acontecimento é um evento, lidamos com mídias alternativas. O maior enfrentamento ainda é como gerir recursos pra passar essa memória adiante, mas acho essa uma discussão mais gigantesca, que nem cabe agora a esta pesquisa e nem ao curso de história investigar, infelizmente. O fato é que perdemos quando não conseguimos acessar nossa memória, perdemos padrões já desenvolvidos, já

postos em ação. Olha a história das hortas, quantas vezes depois da ocupação da de 2013 tentaram reativar, e por que não conseguiram? Porquê não tinham acesso a memória, buscavam um viés mais institucional, primeiro projeto, depois aprovado, comprar sementes, depois ferramentas, e talvez, se der tempo ainda no semestre, se planta. Em 2013 transplantávamos terra, levávamos terra até pros nossos quintais, criamos microhortas nas nossas casas, e isso também enquanto alguns aplaudiam no círculo de suas reuniões e estávamos conectados e nos respeitávamos, então agora por mais diversificado que esteja, as conexões são outras, minado pelo golpe da direita, potencialidade minada de mexer na terra, é inviável, é exequível, uma restrição enorme com nossa contribuição do espaço, tem que ser autorizado. Mas aquele Coletivo anarquista da terra foi o estopim pra muitas conversas, para inventar novas formas de criar e ocupar. Receber do nosso jeito os calouros antecipa um diálogo de nossas práticas com os desejos que estão vindo, parece que tá mais determinado depois do golpe e de nossa última ocupação. Olha, os espaços das demandas se efetivarem, me faz pensar que a galera ainda tá se situando, procurando eventos que mais lhes representam, evento de divulgação do negro, do LGBTQ, da chapa do D.A., mas são poucas que chegam querendo fazer a revolução, cada vez menos. A maioria chega com discurso pré-fabricado, “quero ganhar o máximo de conhecimento possível, e usar isso pra ganhar dinheiro no mercado de trabalho”. Usar o meu diferencial pra eu ganhar com ele, né? Não pra subverter ou pra... (interrupção de narrativa). Poucos falam de troca. É complicado. Um espaço que tá ficando meio condicionado pra o que você veio aqui fazer, falar de afeto, de desejo, e outras realizações que não seja profissional, no meio universitário tá mais raro.

“E pra finalizar, o que você deseja pra esse espaço?”, questiono.

Desejo pra esse lugar pessoas que tenham mais sonhos coletivos, sonhos de partilha de emoções, de tempo de lazer, de conquistas (i)materiais, isso que eu desejo pra esse lugar.

Vimos, pelo relato de José, o processo de ocupar o espaço de transformação política na universidade pública, em 2016, e suas intervenções que provocam uma visualização do que chamamos câmpus universitário como mundo múltiplo e como refúgio para ações coletivas e eventos que rompem com a única formação instituída e com a qual José deseja, consequentemente, que haja conexões possíveis para, na universidade, continuar sonhando.

A seguir, apresentamos Mariane. Sua narrativa perscruta o cenário de “dentro” e do “contra”, dentro da barriga, mas contra os processos de dominação e servidão que nela

permanecem. Destarte, Mariane irá retratar a necessidade de criar, “desde dentro, um espaço para a micropolítica ativa, na qual buscamos a conservação da potência do vivo” (ROLNIK, 2016).

2.8- Mariane: Experimentação do cenário de “dentro” e do “contra”.

Falar do desejo político desde o início era reconhecido como uma tarefa difícil. Entre as narrativas, está a de uma jovem de cor branca, de camada social menos desfavorecida e que manteve sua permanência estudantil como artista de rua. Identificada como “Mariane”, com 23 anos, ela relata sua experiência de formação política, desde seus 17 anos, quando chegou à Faculdade e iniciou seu processo de vivência dentro e fora da academia. Em seu relato, percebemos as rupturas, as linhas e as conexões que configuram uma micropolítica *ciborgue* na barriga do monstro.

Mariane, nos conte com que desejo chegou aqui e o que passou por ele?

Hum, sobre o desejo? Acho que foi uma coisa que se transformou muito desde que eu cheguei, porquê eu cheguei aqui na UNESP quando eu tinha 17 anos, e eu não sabia nem o que eu queria pra mim naquela hora nem no dia seguinte, que dirá pra minha vida né? Então eu cheguei muito imatura, muito inocente e na verdade o meu desejo de vir pra UNESP foi por conta de uma questão muito pessoal, na verdade eu escolhi o lugar mais longe da minha casa, pra fugir mesmo. Vir pra cá, pra mim, já começou como uma fuga. Eu tava num período que minha mãe tinha me colocado numa clínica de cura gay, e eu tava de castigo porque ela tinha descoberto que eu ficava com meninas, então eu ia do psicólogo pra casa, da casa pra escola e assim ia. Eu vim muito feliz pra cá! Só que eu era uma criança, e vim pra Assis-sp, e não fui curada! (Risos). Sou lésbica até hoje.

E quando eu cheguei, tudo se transformou, porquê eu não sabia o que era isso, o que era esse Câmpus, o que era Psicologia aqui, que é o curso que eu faço, não sabia de nada, mas eu sinto que existe uma diferença muito grande do meu primeiro ano entre todos os meus outros anos, porque é como se no meu primeiro ano eu vivesse no mundo das fantasias. Pra mim, vir pra Assis-sp é como uma criança ir pra Disney - no meu primeiro ano, que foi 2012. Então pra mim foi isso, eu não tinha muita consciência, não sabia de muitas coisas, eu acho que eu era uma criança mimada, e criança mimada quando chega e se depara com a liberdade só se fode,

né? E foi o que aconteceu quando eu cheguei aqui, só me fodi. Em relação a tudo, assim, a grana, a amizade, namoro, e a Psicologia, minhas aulas, porque no começo eu ainda consegui dar conta da academia e fazer minhas matérias, daí no segundo ano já mudou. Porquê daí já começaram outros conflitos assim, coisas mais sérias, problemas sérios que eu tive com a graduação e meu desejo que eu tive de fazer alguma coisa aqui dentro foi sendo desconstruído mesmo. Porque a vontade que eu tinha na faculdade era de ter um outro contato com Assis mesmo. Teve muitos movimentos que participei dentro da faculdade, mas tudo isso serviu pro meu amadurecimento de não ver mais sentido nisso, chega uma hora que querer mudar a universidade não faz sentido, porque a universidade é o reflexo da sociedade, só que você não muda nada lá dentro.

Mariane, estudante do curso de Psicologia, notava que a máquina de formação funcionava e agia conforme a sociedade também se engrenava e, aos poucos, percebeu que era preciso ampliar as extensões reais entre a Universidade e a comunidade. Mariane, retraída e assustada, após sua experiência de ocupação na greve estudantil, ocorrida em 2013, viu-se impulsionada a dar vida a experiências em outros mundos:

Aí tive vontade de recuar e conviver mais com a comunidade. No meu terceiro ano, eu tranquei ele inteiro, não aguentava mais a faculdade, tinha acumulado DPs, tinha me envolvido demais com movimento de greve, em 2013, e aí eu fui meio que me enrolando com a academia. Foram vários motivos; me levaram a viajar durante 4 meses, e se é uma coisa que eu aprendi e conheci em Assis-sp é a viajar e a autonomia que isso traz. Porquê eu comecei a viajar de carona, isso você ajuda a derrubar cartéis. Eu não preciso de dinheiro pra viajar e eu posso ir pra qualquer lugar do mundo, eu consegui ir pro Paraguai, Argentina, Rio Grande do Sul, pro Nordeste, tudo de graça viajando de carona com caminhoneiro. E quando eu voltei já foi tudo diferente. Você chega com aquela força, com aquele brilho: "Não, gente! Não precisa dinheiro pra nada! Vamos viajar, vamos fazer malabares! Vamos para as praças, vamos ocupar!", mas daí esse brilho, de acordo com a sua rotina... você tem que acordar, estudar, preso na sala escutando uma pessoa falar uma aula expositiva que não faz sentido com aquilo que você experimentou... aí a resistência é você dar cada dia dar uma acendida nesse brilho, porque senão, meu, você sucumbe.

A experiência de autonomia e aprendizagem, colocadas em prática nas caronas e viagens, em seu processo de formação impulsionou Mariane a expressar seu desejo de se

conectar com os modos de seus companheiros em Assis-SP. Ao retornar para o Câmpus, porém, como é demarcado em seu relato, deu de encontro a algumas linhas catalizadoras que modificaram a velocidade de sua prática de ocupação de desejo.

Bom, eu acho que muitas vezes os textos que a gente lê, o conhecimento que os professores passam pra gente, é uma coisa muito louca! Porque você percebe, na sua leitura, que aquilo ali foi escrito pra essa pessoa ter a bolsinha dela, e continuar escrevendo, e a produção acadêmica é isso! Você escreve pras mesmas pessoas lerem. Se escreve com uma linguagem que só quem tem aquele estudo vai entender. Então não é nada transformador. Porquê você só tá passando conhecimento pra quem já tem esse conhecimento. Isso que me irrita nas especializações. A gente faz parte de um projeto, né? E este projeto tem alguns interesses, e esses interesses são das pessoas que não estão na margem. Então, que nem, eu sou malabarista, todo dia eu vou trabalhar no centro da cidade e no centro da cidade as pessoas não sabem que a UNESP é pública. Muitas pessoas dizem "Ah, você estuda! Então você faz malabares pra pagar seus estudos?", eu digo "Não! Eu faço malabares pra eu comer, pra pagar minhas contas da minha casa", as pessoas não sabem que a universidade é gratuita. Isso porquê é Assis-sp, e Assis-sp é um ovo! Eu fico pensando que realmente é pra manter quem é pobre, pobre e quem é rico, rico! Porquê esse conhecimento, ele até pode ser transformador sim, mas tipo, eu faço um estágio no CREAS, e o professor me pede pra dar uma oficina de planejamento, veja! Oficina de planejamento, daí eu vejo uma menina de 15 anos, que tem um filho de 4 anos, agora nasceu outro e ela não tem leite pra dar pro filho dela. O que sou eu? Branca, acadêmica, chegar pra uma menina de quinze anos, e dar uma oficina de planejamento. Pode até fazer sim, uma diferença eu estar ali, mas... realmente, são outros os problemas. O jeito que a gente aborda as pessoas, isso é uma grande panela de pressão, a academia é uma prisão de ventre.

Para Mariane, relacionar o modo de formação acadêmica a “uma prisão de ventre” e a “uma grande panela de pressão” faz ampliar o imagético do nosso processo digestivo; entre gases e barulhos experimentamos a densidade desta problematização. A academia necessita retomar laços com o fora, com o planejamento comunitário e estar atenta às necessidades do território que a compõe. Mariane continua sua narrativa, falando sobre suas expressões estéticas e movimentos artísticos que a compõem/acompanham em sua caminhada:

Eu acho que o que me ajuda a terminar o curso é o fato de eu poder fazer meu malabares em Assis-sp não só por uma questão econômica, mas também política e estética.

Não me cabe na universidade, não tem espaço arte-política dentro da universidade. Um dia, já existiu isso lá, eu lembro que quando eu entrei, em 2012, existia um movimento de cultura, artístico e político muito forte na universidade, uma resistência mesmo, uma corrente de resistência entre professores, alunos e funcionários. E agora, 2017, seis anos depois, não vejo espaço pra isso lá dentro. Eu não vejo mais sentido em tentar levar pra dentro da universidade a cultura de rua, ao contrário, é a universidade que tem de sair pra fora. Olha, é uma ilusão pensar que o movimento do pobre e da periferia vai entrar na faculdade, mesmo com cota e toda essa invenção toda, é só ilusão porque se você sai de São Paulo, vem pra Assis-sp, você é negro e pobre, vem pra moradia. Primeiro que tem uma lista pra moradia, que você tem que comprovar pobreza de todas as maneiras do mundo pra você morar lá, e segundo que é um ambiente de surto e pânico, porquê naquele lugar você tem que dividir com mais três pessoas! E, meu, eu não conheço nenhum quarto da moradia que não tenha um vazamento do banheiro do quarto de cima, é o banheiro da descarga do quarto, ou seja, você convive com uma goteira de bosta. Eu conheço gente na moradia que vai dormir mais cedo, porquê não tem condição de fazer uma refeição a mais pra viver. Enfim, é pesado.

Sobre a relação entre a comunidade e o espaço restrito da Universidade, Mariane tem a sensação de que o golpe veio para legitimar algumas práticas e esmagar outras. Quando lhe perguntei a respeito das placas colocadas na entrada da Universidade sobre a restrição ao acesso à Faculdade, ela me respondeu:

Olha, a reação da comunidade... na verdade eu achei um absurdo, viu, gastam dinheiro para proibir a entrada na faculdade. A universidade tinha espaços de convivência muito interessantes, inclusive o D.A. O diretório acadêmico é um espaço de conquista dos alunos, um espaço de resistência, e ali circulava muitas pessoas, que não fazem parte do meio acadêmico, e é engraçado porque os próprios seguranças da universidade, se verem um aluno fumando um baseado lá dentro, tudo bem, mas vê um não-aluno lá dentro, aí já chama a polícia. Não fica claro, pra você, os privilégios assim? Pra mim é uma reação, dessas próprias pessoas estarem sendo podadas, e pra mim foi um choque. É uma onda, é um golpe. O que pode se movimentar ali? É só livros e pessoas lendo. Pessoas bem vestidas, todo um higienismo mascarado. Por que agora não-alunos não podem entrar na faculdade, mas se você for uma senhora muito bem vestida, ninguém vai perguntar pra você o que você está fazendo ali dentro. Mas, se for um menino preto, sei lá, com uma camisa rasgada? Você nunca vai entrar ali. O segurança vai te barrar na hora, “cadê o R.A.? Você é aluno?”. Pra mim é preconceito contra o pobre, contra

o marginal. É que nem querer pintar os muros, deixar tudo branquinho, cara de uma clínica. A universidade tá parecendo uma clínica, e a universidade é o reflexo da sociedade, né? Veja as praças, eram lugares de passagem, agora tem toda uma ideia de arquitetura hostil, para que os moradores de rua não sentem mais nos bancos, vão tirando os bancos... É a mesma coisa que tá acontecendo na universidade, é uma onda. Pra mim o mais escancarado foi por conta do Coletivo Anarquista. A gente trabalhava fazendo ocupação de praças, a gente marcava eventos espontâneos, a gente ia em alguma praça pública de Assis e plugava um som, pendurava umas bandeiras, confeccionava alguns zines, fazia roda de conversa, oficina de malabares, oficina de stencil, e várias coisas assim, de cultura de rua mesmo. Até que um dia a gente resolveu fazer um evento dentro da universidade, e foi uma aula, assim, que foi muito interessante. Eu achei engraçado a postura das pessoas, porquê na praça quem ia eram os marginais, os punks, skatistas, mas quando foi dentro da universidade, aí lotou de gente. Eu achei engraçado isso, é a mesma coisa que a gente fez, a mesma ação, passar o imaginário do que é o anarquismo, mas dentro da universidade teve um público e um pudor mesmo na hora de perguntar, trocar, conversar, e foi muita gente, lotou. Mas a ocupação da praça, essas pessoas que estão na universidade e moram em Assis, elas não vão, elas não vão! Essa pra mim foi a diferença, porquê na universidade emite um certificado, tudo burocratizado, pra mim esse foi o maior contraste, assim, dessas ações entre o público e o privado e de como isso é bizarro e assustador.

Ao finalizar a entrevista, perguntei sobre as políticas de memória e sobre os modos de resistir estas histórias e esta rede de ocupação que havia se formado em 2016. Mariane comenta:

Olha, tá sendo muito importante fazer essa entrevista agora porquê eu tô podendo parar pra pensar nisso tudo. Eu acabei entrando num processo, por essas barreiras, a mudança da direção, o golpe, os bancos que antes eram coloridos, agora tudo branco: não me lembra o que vivi! Mas engraçado, vai ficando no esquecimento mesmo, tinha um quadrinho no saguão de letras que era de um conflito que teve com a polícia dentro da Unesp, e eu achava que da hora eles tem isso guardado aqui, e hoje eu nem sei onde anda esse quadro. Esses dias eu tava falando com uma menina do primeiro ano, e eu disse pra ela "ah, uma vez a gente fez uma fogueira aqui no bosque", ela me olhou espantada perguntando "O quê? Uma fogueira no bosque? Imagina! De noite?", e eu respondi que "Sim, de noite, a gente tava numa ocupação, ocupamos o prédio da congregação, sabe ali os quadrinhos com o rosto dos diretores? A gente colocou fotos de revolucionárias e revolucionários, mulheres importantes." Ela me falou: "Ah,

eu não acredito! Isso eu não acredito, não acredito!" Repetia isso com tanta força e perguntava: "Jura que isso aconteceu aqui? Eu não acredito!" e no final eu até respondi: "Quer saber? Eu também não!". (Risos). E é realmente assim, tá tudo diferente, eu passei por duas ocupações e como é que isso foi permitido, né? Na verdade não foi, né? (Risos). Essa última ocupação teve interdito proibitório que processou pessoas que nem estavam no movimento, assim, foi golpe político, pegou aleatoriamente pessoas com nome do Facebook, nem era oficial e ainda assim, conseguiram entrar com ação, com esses nomes falsos. Isso é uma coisa incrível, falar que vai pra reunião de um movimento na universidade parece que é correr o risco de voltar com uma carta judicial, dá uma insegurança política. Dá a impressão de que se aconteceu algo real, hoje chega a ser surreal.

Por que hoje não pode ser real?

É uma coisa invisível que fica no imaginário da cabeça das pessoas, assim, "que não pode!"

Hoje, pra você, você se lembra mais do que não pode ou daquilo que já pôde?

Hoje eu penso em outras estratégias, mas na universidade não cabe. Aliás, eu acho que nem me cabe mais; tô no meu último ano, não consigo ficar mais lá dentro, eu penso numa aula e me dá fobia. Eu quero ir pra rua, fazer malabares, longe dali. Quando eu tô lá dentro eu me sinto um E.T. Mas, já explodiu coisas maravilhosas, encontros, rede, até por ali já dançou zaratustra, lembra? (Performance do Cássio), vida potente passou e ocupou ali sim. Eu só queria que a gente pudesse ocupar de novo, o espaço que é nosso. É isso.

Pelo relato de Mariane, percebemos o modo de ocupar o cenário de "dentro" e, ao mesmo tempo, seu posicionamento de recusa à dominação e à servidão da máquina de uniformação.

2.8- Qual riqueza procuramos? Rodas de zines nos refúgios da floresta.

Ainda na barriga do monstro, apresentamos um pouco das rodas de conversas entre referências musicais, literárias, *tags* em muros, *fanzines* e outras leituras que compõem nosso desejo político partindo das ligações com a música Canção do Sal (NASCIMENTO, 1967), que

já retratava sensações de ser levado por uma formação de gente¹⁹. Como pessoa narrativa, coloco-me no seio dos acontecimentos.

Estávamos em três amigos no bosque, à sombra das árvores, sentados às mesinhas próximas ao quiosque, aguardando a chegada de revistas e tesouras. Conosco, já estavam as folhas sulfites e as colas, pois ali ocorreria, em breve, uma Oficina de zine.

Lidávamos com o esvaziamento em nossa ocupação. O último encontro em São Paulo deixou muitos colegas por lá, alguns deles aproveitaram para visitar outros câmpus ou para assumir outros modos. O fato de conversar sobre isso nos fez perceber que havia uma formação acontecendo em nossas ocupações diárias; a cada dia era uma possibilidade nova de luta, ruptura e experiência política. Falávamos dessas formações estéticas feitas a partir de tesouras e revistas e suas relações com afetos e linguagens ativas e em composição coletiva. Que diferença havia naquilo que reconhecíamos, também, como processo de formação na UNESP? Não estávamos no modo-*on* do processo de formação acadêmica, mas levávamos uma vida rica de aprendizagens que se desdobravam desde ~~sobre~~ plantas comestíveis a análises macropolíticas e psicossociais do Contemporâneo; estávamos mergulhados na ocupação de desejo intenso e afirmativo de práticas coletivas e de agenciamentos constantes, experimentando uma vida de transformações. Um dos amigos, então, indagou:

Então Fabinho, lembra daquela música do Milton Nascimento, acho que é “Trabalhando o Sal”, tem uma versão do Milton, que ele termina com a frase “Filho vir da escola, problema maior de estudar, que é pra não ter meu trabalho e vida de gente levar...”. Vida de gente levar, que gente leva a vida? Que gente que não sou...??? (Risos)

Não havia nenhuma pretensão de levar a vida de ninguém, a programação era aberta e longe de ser algo obrigatório, participávamos de forma colaborativa e comprometida, mas sabíamos que ali, naquele espaço, naquele Câmpus, alguns modos de formação eram demasiados arriscados. Modos de formação coletiva não querem levar a *termos vida de gente*, querem que seja o mais múltiplo possível a vida “das gentes”. Por isso, também aqui se observa o fato de não termos nenhum referencial de como ocupar, ou de como se leva a vida numa ocupação. O amigo continuou:

Com a música de Milton, pensamos na vida de gente que o universitário tem. Qual o olhar social para este modo de habitar a formação acadêmica? Onde compram? Como

¹⁹ Aproximado da ideia de ser humano e problemas de distinção entre os modos de subjetivação.

se vestem, o que ouvem. Há todo uma máquina de consumo para que os universitários levem um modo de vida. O que ocorre com a ocupação é que o que até então era cristalizado e venerado como produto desse aparelho de formação acadêmica - que é plano meritocrático de excelência e qualidade de ensino - se vê contaminado por outras formações criadas no nosso cotidiano. Isso implode aquela imagem de universitário branco e dominador, e isso afeta diversas relações sociais. Veja, estão nos vendo nos semáforos, nas praças, estão nos vendo lutar por uma crise na educação e no Brasil, veja como isso até muda quando começamos a compartilhar isso com nossos pais, vizinhos, outros colegas de sala, outras formações saltam, rompem e implodem aquela imagem cristalizada do universitário.

Outro colega prosseguiu:

Como se o filho não só tivesse um modo, ou levasse a vida como gente, mas também com o sentido de que com estudo e vida de gente, somos levados, colhidos, escolhidos, “a vida de gente levou meu filho” pra longe de mim. Ele voltou e nem sei mais conversar com ele, em outras palavras a formação que estão dando ao meu filho, essa formação de gente (qual não sou?), não nos deixa próximos, e ainda assim nossos pais estão orgulhosos em investir nesse processo de formação? Reforçando aqui que ocupar lugares na máquina é muito emergente o investimento feito nos filhos, para ser agentes ativos nessa máquina, ou invés de passíveis na servidão contemporânea, fica mesmo um absurdo pensarmos em graus de parentesco. A meritocracia também é vista e analisada quando implodimos o contorno do universitário genérico e é nisso que se esconde o perigo, porque já não falamos mais com nossos pais das aulas chatas, de como é difícil pagar as contas, ou de como é demorada a fila para o almoço no R.U. agora são outros assuntos que eles escutam, falamos de roda de conversa sobre a conjuntura política, somos vistos em passeatas, contamos que compartilhamos de nossas refeições, assim como compartilhamos de saberes entre as literaturas, tecnologias, biológicas, psicológicas e histórias, tecemos uma rede e compomos a rede. Alguns pais se assustam! Então, muitos pais preferem financiar o retorno dos filhos para casa, ou até mesmo uma viagem pra Disney, Orlando- EUA, do que ver filha publicar no Facebook ela almoçando com pratinho de plástico junto com os pobres.

Lembro que investir nessa comunidade que formamos e ocupamos aqui, faz parte de uma luta na qual ficar mais um dia já é uma posição de enfrentamento.

A ocupação negava investimento no particular e no privado, ‘minha casa, minha vida, meu filho’, e participamos de relações que inventaram nossas formas de parentesco. Na ocupação somos conectados ao arranjo familiar que nos caracteriza como unespianos nessa ocupação. Então, há coragem e conexão política quando se fica mais um dia aqui, em nossa rede de parentes, em vez de aceitar o assédio de investimento que vem dos próprios pais. A menina que não quis ir para Disney com a irmã, depois que seus pais viram sua foto comendo com os universitários em ocupação, teve também que se explicar: “aliás, você tem que treinar o seu inglês, já que não tá tendo aula aí nessa Faculdade”.

É muito louco ver que estamos rompendo até com isso. São transformações constantes e não um modo de formar e disciplinar para excelência e qualidade, há outros investimentos que são diários e práticos que nos importam nessa ocupação - encerrou um dos colegas.

Maquinações do Devir-Maria

Maria vaga e beira fronteiras,

Não pertence a mundos fixos e nem identidades fixas

Maria se pergunta quando vê tantos movimentos novos

Tecnologias incorporando subjetividades

Dedos que querem enlarguecer com o touch

Touch que quer ampliar telas

Mas o quanto podemos imaginar?

Que pensamentos nos acometem?

Maria faz o monstro continuar existindo

Agora em cenários múltiplos,

Maria pega caronas com guia de Lallo,

Maria lê história de mariane e se permite tocar pela tradição oral,

Maria escuta!

Maria ciborgue, escreve na máquina, sobre a máquina e suas conexões contemporâneas

Maria ocupa e compõe cenários de fluência de pensamentos ousados

Maria? É a hora de virar constelação com Macabéa?

Sinalizando assim uma outra matemática dos signos?

Maria, você é uma pergunta?

O que brota de suas veias transafetadas?

Que lugares devemos seguir?

Não há previsões, a não ser a transmissão imagética de fugir e ainda assim

Se encontrar em devir...

CAP 3- OCUPAR O DESEJO CONTEMPORÂNEO

Neste último capítulo temos como objetivo contar histórias de vidas que ocuparam a barriga do monstro e que estão, hoje, em processo de conexão política e afirmativa, de modo a manifestar a presença de cidadania do tipo *ciborgue* expressa nas formas de ocupação de desejo no contemporâneo.

Temos a intenção de trazer aqui, a(o) leitor(a), narrativas afirmativas impulsionadas pelas transformações que operaram durante a ocupação política no campus universitário, e que tornaram-se o composto humano ao serem expelidos do monstro. As experiências de sair do processo monstruoso que a academia reproduz, geram histórias de estratégias micropolíticas que contaminam as populações e suas máquinas (além de apresentar uma busca por riquezas não mercadológicas) que estão valoradas no campo do sentir e do pensar as afetações de cidadania do tipo *ciborgue*.

Ocupações de cidadania do tipo *ciborgue* podem estar ligadas a conexões com pesquisas, práticas locais de agenciamento micropolítico, resistências contemporâneas que continuam a romper com o instituído modo de operar formações, além de seguir por padronizações entre linhas que estão constantemente afetadas por mundos danificados e difíceis de permanecer. Em outras palavras, uma vez que as práticas de determinado grupo se ocuparam de políticas localizadas e deste modo reconheceram a autonomia de permitir pensar, permitir sentir, permitiu trazer ao campo dos pensamentos e das sensações um posicionamento empolgante aos que ainda seguem em jogo, mesmo que em realidades múltiplas, após a cerimônia de formatura.

3.1- Modos e expressões de política *ciborgue*

Durante a ocupação, em 2016, nossa cidadania veio a se posicionar em evento público na cidade de Assis-SP. No dia 28 de junho de 2016, por volta das 14h30 min., iniciava-se um evento intitulado “Passagem da Tocha Olímpica”. Nele, 14 cidadãos assisenses receberiam a tocha olímpica e percorreriam um trajeto no qual se revezariam, entre aplausos e fotografias, à tradição do costume dos antigos jogos olímpicos quando mensageiros eram enviados para as regiões mais longínquas para fazer o convite e anunciar a realização das competições.

A passagem da tocha olímpica em Assis-SP nos possibilitou um modo de ocupação de desejo político e de cidadania de tipo *ciborgue*, apresentada no segundo capítulo.

Neste último capítulo, ressaltamos a compostagem da política *ciborgue* numa ocupação universitária e as expressões contemporâneas daqueles que, outrora digeridos pelo monstro, transformam cenários em redes que prosseguem com o problema. Contamos as histórias de dentro da barriga e agora nos aventuramos a contar sob a perspectiva do lado de fora. O que é sair pelas ruas com todo esse desejo político de ocupar mundos danificados e fluir, ao mesmo tempo, questionamentos e problematizações reais e urgentes?

A imagem registrada em rede social e em outras mídias retrata uma infiltração de catalisadores que modificaram a velocidade de uma reação social e que, entre suas faixas, posturas e seriedade, desejam protestar e ocupar transformações sociais, ampliando o jogo dos significados do mundo.

Aqueles que uma vez se ocuparam politicamente de seu desejo, em práticas de cidadania do tipo *ciborgue*, não nos cabe resguardá-los em futuros salvíficos, mas em rede de interferência e de conexão que partem de uma relação monstruosa com os processos maquínicos de dominação e servidão e colocam em marcha os devires revolucionários que são compostos/compostagem, como Haraway (2014) nos ressalta em uma entrevista:

Ser humano é sempre ser adubo. Enquanto nós vivemos e imaginamos passado, presentes e futuros, é como adubo, não dentro do pós-humanismo. Isso são as humusidades etc. Assim insiste-se que dentro da palavra humano, está o *dever-com*, está não o humano como uma espécie limitada, autopoietica, auto constituinte e trágica, mas como *simpoieses*. É o *fazer-com* até o fim, *fazer-com* serpentino. De modo que nós ouvimos errado até mesmo a palavra humano. Acho que a palavra *antropos* é irredimível, a etimologia da palavra *antropos* está seriamente no caminho. Até os estudiosos que tentam traduzir o grego bíblico tem problema com ela, porque a palavra não pode incluir escravos, mulheres ou crianças. A palavra *homo* é bem mais maleável, ela rapidamente se transforma em *humus* e logo remete a *gumon*, aquele que trabalha a terra, e ao *adama*, ela remete ao hebraico de maneiras muito interessantes (...).

Perguntamos, de certo modo, em nossa floresta de compostagens, mesmo que danificada com o golpe político, do que somos compostos e em que nos transformamos, visto que uma cidadania nos impulsionou para acometermos desvios em sistemas de dominação e servidão. São estes modos e expressões de cidadania do tipo *ciborgue* que investimos em narrar com amigos neste último capítulo, com a intenção de não cairmos no erro de pensar que tudo acabou, que, com o diploma em mãos, nossos compromissos com o desejo são outros. Ao contrário, é aí que encontramos uma rede afirmativa em movimentos e rupturas habitando suas realidades

monstruosas. São cidadãs e cidadãos que vivem com o problema de ocupar o desejo no cotidiano, mesmo que consumido pelo perigo das pessoas ao redor. Deste modo, Haraway (2014) nos apresenta a fluência que se opera quando se vive com o problema:

(..) retorno àquela urgência de viver com o problema, e não de uma forma repressiva, mas com sua alegria e seu terror. E estou consumida pelo perigo que é as pessoas ao nosso redor, incluindo nos mesmos, acharam que o estrago está feito, que acabou, que nada mais pode acontecer. A necessidade de contar a verdade também nos obriga a contar as contínuas inventividades e oportunismos e reformulações de mundanizações que produzem florescimentos novos e velhos, tanto retornando aos antigos como inventando novos (2014, s/p).

A necessidade de contar nos obriga, por um lado, a prosseguir com o monstro que agora expelle aquilo que processou, formou, graduou, entregando assim nosso desejo a outras engrenagens. Por outro lado, também há aqueles os quais o monstro não foi capaz de processar, formar e graduar. E é com essa camada de ‘expelidos’ que inicialmente iremos perceber processos de transformação que não deixaram passar de algum modo, pelo crivo e pela legitimidade de uma única estrutura de formação: a academia.

Somam-se, neste percurso, companheiras e companheiros que em suas práticas revelam modos e expressões de uma cidadania que opera e rompe com as normativas dominadoras, ao passo em que saem da barriga do monstro, para revelar um processo de educação pautado no paradigma ético/estético e político e que, dessa forma, não reproduzem a alienação e o assujeitamento maquínico, mas carregam em si o desejo de ocupar políticas reais e urgentes; eles vão “cigorguizando” conexões em diversas camadas, as quais, surpreendentemente, nos revelam que isso não está certificado e nem poderá certificar-se em diploma especializado no sistema de formação.

3.2- Os vomitados: escolhas, práticas, alianças a favor da floresta - (os fora-agidos)

Empenhamo-nos em contar histórias de ocupações políticas do desejo habitando a barriga da máquina de formação. Necessitamos considerar que, no processo digestivo, algumas indisposições são tomadas como material heterogêneo e que, antes de alguns serem expelidos em composto coletivo, são vomitados pelo monstro, e retomando ao social ~~agora~~ apenas com sua energia de conexão e cidadania *ciborgue*, sem diploma, sem legitimidade acadêmica, mas que nesta pesquisa apresentam-se como fora-agidos, sentindo os perigos e a alegria de continuar lutando contra as fronteiras dos mundos.

A história do jovem Mário - homem de cor branca, com 26 anos de idade e filho de trabalhadores - que chegou já reconhecendo a sabotagem que os equipamentos da máquina ofereciam, passando por ocupações políticas no decorrer de sua trajetória em Assis-SP, nos remete a uma parcela de companheiras e companheiros que ousa desafiar o sistema com seus princípios e valores éticos. Dadas as suas formações de desejo paradigmático, não se encerram na ideia de que abandonaram a universidade, mas foram vomitados, regurgitados, em conexão e em circuito com diversos coletivos e redes de abastecimento teórico e prático para suas ampliações e ocupações políticas.

Não temos a intenção de questionar os planos curriculares ou os planos regulamentares dos colegiados e dos departamentos, embora haja diversas memórias, narrativas e encaminhamentos institucionais que apontam para a necessidade de uma atualização compartilhada desses planos acadêmicos-curriculares. Retomamos a importância de fluir o imagético político para permitir nos aproximar de um desejo ‘encorajado pela verdade’ e por suas práticas coletivas a seguir por linhas de fuga do assujeitamento maquínico. Como universitário, Mário cursou até o último ano de História, quando para *permanecer* havia conseguido dar aulas eventuais pelo Estado. Decidido, então, a agir em favor de seu contágio político em vez de reproduzir os equipamentos de dominação e servidão do projeto de formação, abandonou seu vínculo como aluno de graduação.

Mário demonstrou-se muito contente em participar de uma entrevista sobre e (n)o pós-ocupação. Depois que rejeitou a possibilidade de se graduar, ainda guardava histórias de mundos habitados com muita energia e potência política, sendo participante efetivo do Comitê Anti-Golpe, voltado à discussão e ampliação das problematizações locais e fazendo produzir uma fluidez de pensamentos estratégicos de sobrevivências de mundos, tanto dos operários, universitários e professores, quanto dos secundaristas, das mulheres e dos idosos. Mário permanecia agora como membro afirmativo e disponível para as ações do Comitê, constantemente panfletando nas esquinas, universidades, bares e, pela internet, postando vídeos seus e de seus companheiros de luta - podendo ser considerado também uma espécie de ciberativista implicado em denunciar e romper com as linhas que se interligam no Capital Mundial Integrado. Iniciamos, então, nossa produção de histórias deste emaranhado de afetos, partindo de uma pergunta aparentemente bem simples e ampla:

Mário, conte um pouco como foram as suas primeiras sensações e desejos ao iniciar sua vida universitária?

Da minha história, eu, pra falar a verdade, fui sabotado²⁰, todo mundo é, a sociedade que a gente vive, e a educação que a gente tem é prussiana, militar-prussiana, os moldes, a escola com muro. Eu tive uma educação bem sabotada! Eu sou uma pessoa que gosta de falar muito, tive até problema com isso, relações de desejo né... aquele negócio do cala a boca moleque, vai sentar, mostra como você é sempre sabotado! na minha história, eu não sabia porquê... eu gostava de história, eu tive educação pública, depois SESI, aí meu pai, operário, resolveu pagar uma escola particular. O meu próprio processo, do que eu posso falar, dá voz as histórias... falta muito nesses movimentos... a importância da inserção dos indivíduos, e como isso está sendo colocado, eu como tô distribuindo jornal na rua, sindicatos, posto de saúde, vejo e sinto uma sabotagem geral e sistêmica; eu acredito que o capitalismo é atrasado, e mesmo assim, o pensamento socialista, comunista, para uma sociedade mais justa, ela é sabotada.

E você percebeu que sua formação estava sendo sabotada de alguma forma?

De um lado, essa minha formação me sabotou de diversas formas e eu a sabotei. Esse curso, com professores conservadores, aulas obsoletas e com esse plano de ensino me chapou, por outro lado, né? Eu tava assim, “Vamos curtir gente!”, tem um bar na frente da faculdade e então a gente tem uns problemas aí, desejos, beber e gozar a vida.... Eu acho que foi quando eu percebi que o que estava a minha volta, e me sabotando, eu percebi que não era um problema meu, mas um problema social. Professores em pleno século XXI, em História, que dão aulas... obsoletas, parecem que estão sabotando.

E os jovens têm se organizado e ocupado seus espaços mesmo frente a esse boicote?

Eles não vão na reunião deles... é uma lógica, tem uma lógica instaurada. Capitalista, meritocrática, patriarcal. Precisamos ter mais noção de uma revolução, tem que vir também das mulheres. Porquê essa sociedade é podre. São homens controlando... tenho 7 anos aqui, dei 1,4 anos de aula no Clybas... fui perseguido lá, pois falei de religião, de sexo, de drogas... e fui arregaçando. Era época da eleição, eu tava dando aula de Sociologia, eu enquanto professor substituto, eu deveria pegar aulas de Física, Química... foda-se. Já era um esquema

²⁰ Sabotar aqui pode ser compreendido como ‘danificação proposital’, ou ainda, um propósito de danificar, retardar ou interromper seu funcionamento.

de precarização do ensino... o cara pode pegar, pois ele pega 9 reais a aula... posso pegar 8 aulas? poxa... obrigado, né?

E aí você, inserido nessa lógica, precarização, eu não gosto dessa palavra, mas trata-se de uma destruição... eu posso dar aula de Física, sem ter título do curso... já tá inerente: eu vou dar uma aula de bosta. Enquanto eu preciso de um professor pra me orientar.

Como foi o seu desligamento com a universidade? Isso está ligado ao requisito de estágio?

Sim, foi quando eu parei pra pensar, meu, eu não posso fazer? Não é possível validar o estágio de docência com a experiência que tô tendo nas escolas? Eu fui pedir pro professor Fulano, fui pedir... falei, "Professor, já dou aula, não custa nada, já tô lá..." sou eu. Eu vou estar substituindo aula de História, então eu vou estar aplicando meu projeto... então você não pode. "Eu já sou professor, já estou sendo obrigado para servir".

Você percebeu que havia uma engrenagem toda sujeitando-o a isso?

Sim, a lógica é desorganizada pra isso. "O que você tá produzindo na faculdade?", "tal coisa... vamos aplicar isso aqui?", mas não, a prática no social não pode ser legitimada pela universidade, a universidade é que deve procurar validar sua metodologia e aplicar seus procedimentos nos social. Eu percebi contradições dessa forma: o conhecimento que tá sendo feito aqui não era aplicado ali. "A gente tá formando professores"... não vamos falar de política? Professores de História tentando passar a História como parcial quando a História não é parcial... você tem que tomar lados. Eles passam conhecimento imparcial de História, eles cumprem o projeto da direita. Ah! Importante o diploma, mas não é só o diploma, mas como você vai colocar aquilo na prática? Como os biólogos aqui podem mover a porra da bunda deles, fazer uma horta no bairro, botar meu conhecimento... no bairro não, dentro da UNESP. Tem terra parada e a própria faculdade não deixa criar horta porque a própria faculdade ia se transformar.

E como você tem ocupado a política depois de passar pelo processo de formação universitária?

A importância da minha militância é dar protagonismo pra classe operária o que é dela... é meu trabalho... minha vivência envolve muita coisa, pois o que representa o comitê? Transformação social, né. As pessoas estão tão alienadas que elas não percebem que a oscilação, a política, tá ali. Panfletamos no semáforo, nas casas, nos bares. Não é uma questão de quanto, é uma questão de como, são processos. A pessoa precisa saber da História, o inverso do que estamos vivendo - precarização do ensino. Nesse processo de militância, formação de comitês, o que percebo é isso. O que eu vi nessa cidade são mais de cem, duzentos coletivos. Em sete anos, é uma gama de pessoas organizando mesmo, mas inseridas no capitalismo. Elas nem sabem, são diluídas. São relações econômicas, micro e macropoder, relações ideológicas, elas não conseguem ver que aquilo tá posto. O comitê traz isso, saber da história.

E o Comitê esteve presente tanto na ocupação dos secundaristas como na dos universitários. Pode contar um pouco sobre essa presença?

Os alunos se organizaram, já são atos de consciência, e levados pela luta política. Todo mundo colou lá, os anarquistas, comunistas, os machistas (risos)... o número de coletivos aqui nessa cidade, se autogerindo da forma que for.... por isso que tento viver tanto da prática. Nas ocupações, é prática. Autogestão, é muito maior... anarquismo, comunismo, a organização é muito maior, envolvia muitos coletivos. Isso é importante ser falado. Capoeira, várias oficinas... de planta... o cara da biologia, ele fez uma oficina de composteira, e ele trabalha com assentamento... movimentos que estavam começando tudo juntos, lutando contra o golpe.

Quais experiências foram importantes para o fortalecimento político do Comitê?

O Coletivo das mulheres tem uma visão monstra, e a importância da visão revolucionária que a gente traz, que tem na literatura, é que é a própria experiência do povo: "Você tá sofrendo, o povo tá sofrendo" ... é sentir o sentimento, vem antes da razão. O ser humano racionaliza as coisas; na nossa militância, é um embate que a gente sempre tem muito, de tá se abrindo, de forma sentimental, porque a gente se fecha. A gente se fecha muito dentro da nossa cabeça. A gente enlouquece. A luta política, a dificuldade pra entender as contradições do mundo real, que o cara tá ganhando uma miséria, e correndo atrás do caminhão de lixo, e o patrão tá de boa. Sonogando impostos, e os cara perdoa.

Mário revela a necessidade de se abrir de “forma sentimental”, quase que se opondo à forma racional, ao considerar que há experiências importantes para a produção de mundos em contradições. Ocupar o desejo *ciborgue* no contemporâneo nos faz perceber que as práticas coletivas são redes afirmativas para fluidez de mundos e

Então, se você vai viver com o problema, você fala de assuntos proibidos e você ri e reconhece que isso é um campo minado, e você recruta os amigos e inimigos para pensar juntos, e logo acontecem coisas que ninguém poderia ter feito sozinho (HARAWAY, 2014, s/p).

A experiência de Mário retrata uma cidadania que afirma a força e energia de espaços de problematização política e revela que suas escolhas ocupam modos transformadores, ao passo em que recusa e rompe com a servidão acadêmica. Ser vomitado pelo monstro significa que a ação de Mário na máquina provocou e expeliu resistências que não compõem o produto maquínico, mas que, ao mesmo tempo, revela uma busca conectiva com o social que se recusa à dominação. Encontramos nesta narrativa uma possibilidade de acompanhar a ação de fora, dos que fora-agindo, se conectam ao circuito desejante e que ocupa modos de resistência e articulação com a comunidade interna e externa. Acompanhar e intervir ‘fora’ e fazer disso uma tecnologia dos oprimidos, faz nos entender que não apenas que se abandona o sistema de ensino acadêmico, ou ainda que o sistema de ensino dispensa tais movimentações, contrariando as binaridades e as dicotomias naturalizadoras, com o a cidadania do tipo *ciborgue* ou ainda, investindo em tecnologias dos oprimidos, narra-se e incorporam-se formas de mesmo de fora, conectar-se aos componentes de luta e da ocupação de dentro.

3.3- Redes e coletivos: circuito aberto. “O que está se formando?”

Maria - 27 anos, psicóloga, de cor branca e da camada dos jovens que não atuam em sua área profissional-, vive numa praia da região sudeste. Depois de alguns anos da colação de grau e de se formar como Psicóloga pela UNESP Assis-SP, resolveu que viver à beira do mar era a melhor escolha que poderia fazer. Maria apresenta-nos, neste último capítulo, experiências de cidadania *ciborgue*, pela máquina desejante, definida por ‘seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções’, que continua a germinar sementes de SFs, em seu cotidiano e em suas práticas como educadora.

Nesse momento, eu me encontrava intensamente afetado pela presente pesquisa. O processo era o de finalização da sua estrutura e algo parecia não fechar. Eu me perguntava a

respeito do que poderia ter ocorrido com o desejo contagiante de ocupação política e sobre a infecção causada nos processos políticos, nos quais estávamos inseridos e conectados.

Maria, então, me ofereceu hospedagem durante um fim de semana em Ubatuba-SP, cidade que também recebeu Gabriela, outra nossa colega de turma que, com familiares ali, conseguiu encontrar meios de permanência por meio de sua prática profissional, contratada como Psicóloga da Rede Municipal.

Numa tarde ensolarada de janeiro, o processo da pesquisa ainda invadia, e muito, minhas conexões com estes nossos parentescos. Nós, e mais alguns colegas, estávamos no mar; num dado instante, descansávamos deixando de lado nossas preocupações, ocupando-nos apenas em estar juntos, reafirmando laços. Havíamos estado na barriga do monstro juntos, em 2013, fizemos paralização em 2015, estivemos presentes com todo o cenário de 2016, todo aquele terror vivido em terra, talvez não alcançaria a aliança que no mar, um dia poderia vir a reencontrar, em forma de parentagem.

Entre outras conversas soltas, fui me conectando (sem intenção) à cidadania do tipo *ciborgue*, que esteve e está se formando e conectando-se de forma a ‘operar a vida por infecção e indigestão, por contágio e não por reprodução’, como finalizam Juliana e Eduardo Vieiro de Castro (2014), quando comentam a entrevista de Donna Haraway, no evento ‘Mil nomes de Gaia’, ressaltando a proposta chllucênica de lidar, no agora, com os passados-presentes-futuros, sendo isto puro investimento político do desejo em conexão.

Enquanto, de algum modo, eu lastimava as histórias de habitar a contemporaneidade de Assis e da universidade, aos poucos elas me revelavam, em parentesco, modos de cidadania *ciborgue* em rede, que foram trans-formadas quando ocupamos e habitamos a barriga do monstro e sentimos a necessidade de participar do processo de formação de mundos e de espaços de vida.

Voltando para a terra, como se estivéssemos encharcados da água do mar, nos pusemos a sentir o sol bater e a queimar nossa pele. Ali, enquanto o sol nos marcava, uma composteira me trouxe a imagem de que ainda carregávamos rastros monstruosos e práticas de cidadania *ciborgue*, que dão fluência a pensamentos sobre os mundos danificados. A rede de formação, ou ainda de transformação política e de ocupação de desejo, levou Maria, em um dado momento, a me revelar que, graduada, morando em uma cidade turística e pequena que sobrevive da extração de sua beleza para o lazer de muitos em temporadas específicas do ano, vive com menos recursos econômicos que um pesquisador financiado pela CAPES (choque para mim, homem branco acadêmico que sou?). Maria conseguiu se estabilizar como educadora de um colégio infantil e particular da cidade. Se ela não tenha legitimidade em práticas *psi*,

talvez por não se encontrar devidamente registrada no CRP (Conselho Regional de Psicologia), apreendo, por meio de suas falas, que suas práticas como educadora transmitem modos de cidadania *ciborgue* que se conectam à rede afirmativa que continuamos formando.

Pergunto à Maria, quando me conta de modo afetuoso seu cotidiano com as crianças, se ela narra histórias para elas, ao passo em que me responde:

Eu não conto não, mas faço elas inventarem e terem que me contar.

Meu corpo estava ali, imerso naquela profunda experiência com as espécies e matas. Essas matas que esconderam lendas folclóricas, como as registradas pelo vizinho Monteiro Lobato, talvez preservassem mundos e rompessem com barreiras do imagético. Essa resposta, aparentemente tão ingênua, me fez remeter à cama de gato e à rede afirmativa que nosso desejo político ocupou e ocupa a favor de mundos imaginados e habitáveis de afetos e sentimentos. Reafirmamos parentescos no mar (na água em que nos banhamos), o ponto de conexão. Reafirmamos também nossa compostagem (no sol que nos queima), certos de que nossas micropolíticas estão constantemente conectadas aos problemas reais e locais.

3.4- Anna: mundos vivos e re-sensibilizantes!

*“Quem os ciborgues vão ser é uma questão de sobrevivência”
(KAPIL, 2011, p.31)*

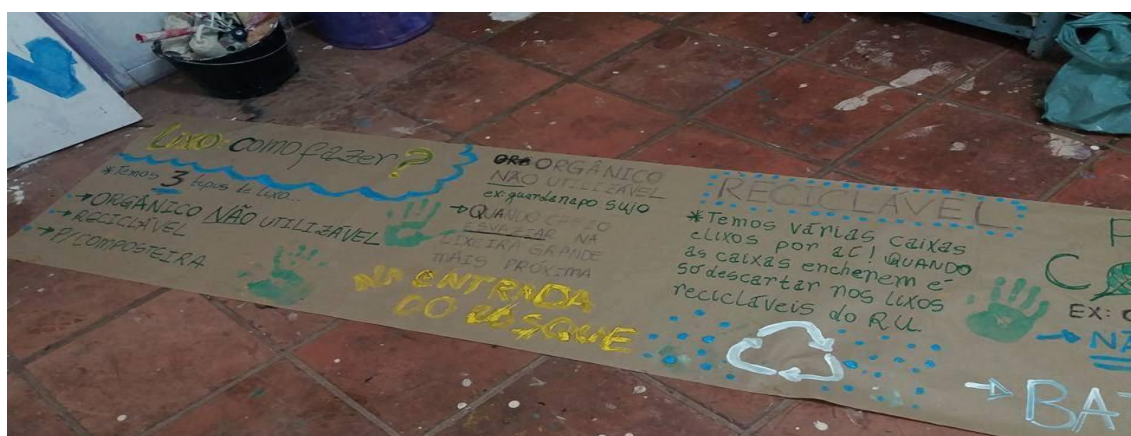


Figura 35- Produção de cartazes sobre reciclagem do lixo.

Nascida em Assis, Anna é uma jovem branca de 27 anos e faz parte de uma camada privilegiada que não necessitou de auxílios de permanência institucionais para concluir seus estudos. Já graduada em Letras pela UNESP Assis-SP, decidiu seguir os passos da irmã,

ingressando, inicialmente, no mestrado acadêmico em Psicologia no Câmpus de Assis-SP. No ano seguinte, começou, simultaneamente, sua formação acadêmica no curso de graduação em Psicologia. Anna acompanha então, há alguns anos, a movimentação do Câmpus. Porém, só recentemente percebe que a prática em Psicologia, apresentada pelo curso, pode formar processos políticos. Assim, gentilmente, aceitou nos narrar um pouco de sua trajetória de formação política entre as ações em que ela participa na ocupação do Câmpus da UNESP Assis-SP.

Bom, 'migo', então é o seguinte: quanto a primeira questão, essa questão do desejo, que constitui essa vontade de viver, de criar, de amar, de inventar, eu acho que na verdade eu me vi, durante um tempo, muito afastada disso tudo. A experiência que eu tive em Letras e a que eu tenho em Psicologia é totalmente contrária, principalmente porque a gente pode ver assim, na ocupação, nos espaços de ocupação política... geralmente, a maioria presente é de Psicologia. Então eu acho que o meio também te leva, ou não, a refletir sobre certas práticas. Não que venha só do meio, mas que advenha daí também. E quando eu tava em letras, eu tava muito alheia a tudo isso, então foram... práticas voltadas a mim, sabe? Não foram práticas coletivas - não que o coletivo constitua apenas um coletivo formado, com nome, sei que isso abrange muito mais. Mas não sei, não consigo me recordar do meu período de Letras, não consigo me recordar de práticas que eu tenha composto, e que tenham realmente alguma finalidade política ou coletiva. Uma coisa que mudou muito, acho que também pelo contexto, da história de vida, é eu voltar a procurar a academia, e enfim. Eu acho que a partir do momento em que eu me vi ali, e também pelo próprio curso em si, apesar de todos os pesares, eu tento levar bem a sério o curso, desde leitura, participações... eu tento me envolver de outra forma, de uma outra dimensão. E quando eu entrei, eu não tinha essa dimensão assim, foram desejos sendo construídos conforme o tempo foi passando, conforme as coisas foram ocorrendo. Mas eu acho que assim nesse sentido, assim, criaram-se muitos desejos. Pra mim surgiram muitos desejos, principalmente o desejo de me voltar pro outro. De manter relações, de construir relações, de apurar minha audição. Não sei, eu criei uma linha de partilha mesmo. De entender o que é uma rede, de necessitar disso. Passou assim do plano teórico, foi pra um plano prático. E é uma coisa que eu sinto mesmo necessidade hoje, não consigo me ver como me via há dez anos, de uma forma individual, fazendo minhas coisas e pronto. Então eu acho que isso é algo que me motiva muito, meu desejo.... Acho que eu tô falando de modo mais geral,

sem especificidades, mas pra mim, a própria ocupação foi um processo extremamente novo, nunca tinha participado quando estava em Letras de uma ocupação, as trocas dos próprios coletivos em si, entender o que tá por trás disso tudo e como isso afeta as pessoas, e isso, pra mim assim, tenho pensado muito em como a gente é privilegiado, e que ainda resistem...

Anna revela uma surpreendente zona de contato experimentada nas relações de ocupação e nas aproximações com o Movimento Negro. Branca e ciente de seus privilégios, ela passa a narrar o que a sensibilizou, passando a demonstrar a necessidade de criar um coração para sentir tais experiências no micro das relações.

Hoje, em contrário do que era antigamente, até me anulo, pois não sei se isso pode ser considerado um anulamento, mas... é uma preocupação muito social que eu tenho, muito política, não sei também se é devido a minha relação com a Mands [membra do Coletivo, com quem Anna divide a casa] e estar mais perto desse Coletivo Negro, mas pra mim é isso, no momento... Essa questão do desejo não tá muito bem definido, o que fazer, como fazer, não existe uma fórmula, acho que a gente tem de ir no micro, trabalhando com tudo aquilo que nos cerca, e enfim, podendo expandir isso posteriormente. Mas meus desejos são muitos.

Na descrição sobre a multiplicidade de desejos por ela experimentada, Anna, ao se aproximar cada vez mais da ocupação política - o que resultou em uma ~~da~~ ruptura do mundo de dominação e servidão -, distanciou-se de processos que inibiram sua formação ampliada de desejo.

Eu acho que inibe bastante meu desejo (o projeto de Universidade), todas as medidas que foram tomadas ou que não foram tomadas, tem muita coisa que precisaria ter um olhar mais atento, até mesmo essa questão do apoio institucional, da geração de coletivos, é a gente pela gente mesmo, não existe um apoio, aliás isso tem se restringido muito, é ofício, ofício... perdeu-se aquele contato íntimo, aquele contato de troca. Então fica uma hierarquia muito posta e muito patente. Fica uma impressão tipo "esse espaço é meu", por conta da diretoria, então aqui serão as minhas regras. Que é um reflexo do que tem acontecido no macro. Me sinto bem podada e às vezes até desesperada. Tem dia que eu acordo e eu não tenho motivação, dá vontade de falar "tá tudo dominado

mesmo..." e ocupar outros espaços. Mas eu concordo que é um espaço que não pode morrer.

Sentimos, com este apelo, uma potente imagem da cidadania exercida na ocupação de espaços de conexão que ‘não pode morrer’ e, assim, ela desabafa:

Mas como enfrentar isso... como articular de novo.... É algo que foge um pouco de mim. E nem sei também qual a minha porcentagem de contribuição nisso - por que eu não mobilizar alguma coisa? Por que esperar o próximo mobilizar pra eu me ver envolvida? Então é assim. Eu acho que esse espaço está cada vez mais restrito, mais autoritário.

Em algumas narrativas, o seu relato já foi sinalizado como uma política do medo que impede o acesso às memórias do sensível e do desejo político. Para Anna, porém, outros afetos a circundam:

Eu não sei se o medo me atingiu. Acho que pode ter atingido outras pessoas, realmente atravessadas por isso, mas a palavra medo não me define. É uma desmotivação não saber mais por onde retomar, qual estratégia, e é tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, no mundo e lá dentro, e a gente não consegue nem se articular pra trocar uma ideia sobre isso, são coisas que estão no mundo, mas nos atingem diretamente... Em geral aconteceu sim um esvaziamento, tanto pelas práticas institucionais, de coerção, imposição, autoritarismo, mas também não sei até que ponto simplesmente dar as costas pra isso e falar, “ok”... não sei até que ponto isso seria uma solução. Até que ponto isso... levaria ao efetivo. Entendo essa questão de ocupar outros espaços, que é algo que já deveria ser concomitante... é algo complementar... é algo necessário para que as práticas sejam efetivas.

A falta de conexão com a comunidade, as normativas institucionais que impedem a circulação e que, durante a ocupação foi energia e potência para atividades e práticas coletivas, estão a todo momento se reinventando para não serem exterminadas.

A gente tem um outro tipo de contexto que muitas vezes a comunidade não é abrangida. Acho que pra mim as práticas deveriam ocorrer então dentro do espaço, pois senão acabamos também perdendo base, perdendo pessoas, pois não existe um espaço de discussão... vemos que tem entrado cada vez mais alunos, principalmente no curso de História, alunos que são engajados. E não existe mais espaço pra isso. Então eu acho que é uma perda, assim. Então eu acho que a ocupação de outros espaços é bem importante... mas me deixa um pouco chateada assim. Não ter mais esse enfrentamento. Me dá uma certa angústia, aflição, não sei. Da lei, assim. Saber que ela tem um papel que ela pode te criminalizar, por algo, e você se sente totalmente coagido por isso. Às vezes me dá vontade de quebrar tudo mesmo. Mas sei que estou na posição de uma mina branca, classe média, caso eu faça isso talvez vá presa e logo solta... Eu não consigo mais me ver muito no diálogo perante essas situações. Não consigo mais imaginar que possa ser construído um diálogo participativo com a direção, com essa direção.... A questão do sarau, da transcendência, dos espaços de conversa, dos prédios... Enfim, eu acho que é algo muito complexo. Uma rede. Não sei por onde começar, assim.... eu vejo o todo mas eu não consigo ver o reinício assim, agora... dentro do que a gente já faz, que é trocar uma ideia entre pessoas que são engajadas politicamente, que querem algum tipo de transformação... Mas ainda tá muito no discurso. Fica muito no discurso, e pouca ação. Que faz parte desse processo, desse sistema, pois praticamente só temos teoria... Então pra gente é muito fácil discursar, teorizar, e levar isso como uma verdade. Mas enquanto tá ali, entre a gente, eu acho que... nada mais certo pro nosso crescimento. Isso não isenta de desenvolvimento... mas eu acho que bem mais individual que coletivo.

Para Anna, as discussões e atividades, que se conectam com a realidade social e com a comunidade local, devem priorizar os processos de transformação na universidade. No entanto, uma ampliação do campo social e político do desejo precisariam continuar em jogo. Anna narra a diferença e a transformação de sua ocupação política do desejo de cidadania *ciborgue*, quando nos conta como foi se aproximar do curso de Psicologia.

Já senti uma super diferença de um ano pro outro. Cheguei aqui em 2014, quando comecei a frequentar de novo, com minha irmã... E aí só fui entrar no mestrado, efetivamente, em agosto de 2015. Fiquei quase um ano frequentando esse espaço sem ter um vínculo com ele. E eu já percebo uma diferença gritante, em pouquíssimo tempo.

Eu acho que isso contribui muito pra questões da subjetividade assim. Pra como o indivíduo se vê, pra como ele pode se ver, porque eu acho que a universidade pública, mais a UNESP, especificamente, ela tem entrado nessa lógica de massificação. Eu vejo uma rede fordista quando eu olho a fila do RU, todos enfileirados e no seu celular, produção em série. Vejo isso. As pessoas que eu vejo que ainda procuram habitar outros espaços, banquinhos, malabares, são sempre as mesmas e mais da antiga. São poucas as pessoas novas que estão ali, se envolvendo. Eu acho que é uma coisa muito... dialética... assim.... Porque a ideia da escola regular é essa. As fileiras, não que mude muito na universidade, o uniforme, não pode chegar 5 min atrasado... existe um esquema de docilização mesmo, de controle. Então eu acho que assim, eu não sei, fico pensando na minha experiência de sair do ensino médio e ir pra universidade. No momento, é um impacto muito grande. Por mais que a gente esteja numa decadência fudida, e depois a gente descobre que é tudo uma ilusão, mas é porque a gente tá no meio do turbilhão, mas o desenvolvimento que isso gera assim, eu me lembro muito bem dessa aproximação com a Psicologia, o impacto com outros saberes, outras pessoas, diversas narrativas que você nem imaginava existir, pois ficamos moldadinhos no ensino médio... e como também exigir que as pessoas venham com o senso crítico e não, de forma alguma, não acolhê-las nesse senso crítico, então assim... uma solução? Não acho que haja uma solução, mas é.... ir, e fazer, e tentar, porque eu não vejo onde eles poderiam ver de outra forma se a gente não oferece isso pra eles.

E como você sente essa docilização dos corpos?

É uma coisa mais... sinestésica, do sentido do movimento. Eu acho que fiquei muito presa pela questão da fila do R.U., pois fiquei presa naquele espaço quando estava pensando... [carteirinha pra comer no R.U.] é uma série mesmo... entre todos que estavam na fila, o que poderia acontecer era apenas esperar para apresentar sua carteirinha e nada além de nucas enfileiradas para se relacionar.

E como você entende que deveria ser a relação com o que é público?

O que eu entendo por público... o espaço não tem nada de público, ou um público muito selecionando. Enquanto entra um casal branco, classe médio, dito bem vestido, para fazer um cooper, e não é abordado... e um preto entra, é abordado. Foi o que aconteceu esses dias... um casal de um lado entrava para fazer cooper e de outro lado, três negros são parados. "Espaço público de uso restrito". Restrito para o projeto do estado, elitista, que perpetua e não suporta ver a diferença dentro da universidade. Atribui um nível de periculosidade. Esse espaço público tem se deteriorado, a faculdade era pra ter mais negros, mais pobre...

E isso deve estar relacionado à quais engrenagens?

Eu acho que é muito visível ainda a colonização do saber, que é a colonização do saber-poder, pois o saber ainda está extremamente atrelado a essa questão do poder, dominar o outro e se beneficiar disso. O que eu vejo, também como aluna do mestrado, é que existem novas possibilidades de produção, que não me foram apresentadas, como se houvesse uma só ponte pra aquilo, como se fosse o único modo de desenvolver algo; principalmente por isso, por essa questão, é mais que urgente, é algo que eu quero fazer daqui pra frente, é trazer novas formas de saber. E não só no âmbito acadêmico, mestrado, mas buscando outras alternativas, outras formas de comunicação. Essa questão, essa delimitação etnocêntrica, e branca, europeia, eu não sei, assim, sabe, me deixa um pouco intrigada, assim. Não que eu seja das que concordam que a gente tem de descartar tudo, pois todas elas tem algo de importante (...), mas não existe abertura pra outras formas de saber (...) Ter de provar que aquilo também é um saber, também é importante, que faz parte de uma cultura... isso me incomoda. Claro, também o antropocentrismo, o homem no centro do universo, medidas, o homem vitruviano... ainda existem muito esses discursos. Existem alunos com maior senso crítico chegando, mas não são todos. O que queremos circular, como podemos nos conectar, às vezes vem a partir da ruptura, do não-aguentar-mais, da rejeição e quando isso acontece, outros modos mais simples atravessam nossa experiência. Já fiz muita comida ali dentro (D.A.) ... o momento da ocupação foi bem importante pra mim, eu tava naquela ânsia de querer aquilo, transformar... muitas pessoas, muitas relações casuais e espontâneas, você tá

sentado ali no sofá e alguém chega também e começamos a conversar, eu acho que as minhas redes se conectam assim, elas são muito diversas, justamente por estar no mestrado e graduação ao mesmo tempo.

As histórias de Anna finalizam o terceiro capítulo convocando-nos a participar da conexão à cidadania do tipo *ciborgue*, que ao ocupar o desejo, prolifera mundos vivos e ressensibilizantes, capazes de produzir outros contextos e cenários para análises e leituras de posições afirmativas no contemporâneo. Estamos *ciborgues* pós-ocupados, incubados na barriga do monstro e estamos juntos com Kapil:

Agora estou aqui, no futuro da cor. Desculpe não ter mais nada a dizer sobre o período de submersão que procedeu minha chegada. Não me interessa por ele. Não me lembro dele. Eu... vim até aqui para concluir algo que comecei em outro lugar (KAPIL, 2011, p.43)

Das memórias, narrativas, ficções que apreendemos pelas vias de resistência múltiplas em transformações contemporâneas, fazemos desta escrita algo que começamos em outro lugar, na micropolítica do nosso modo de produzir uma universidade mais próxima aos mundos que já habitamos e nos habitam. Estando aqui entre passados presentes futuros, fazemos acontecer em nós o futuro da cor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Re-ocupando a floresta: Faculdade de Ciências e Letras de Assis (1958-2018), 60 anos, qual desejo é possível afirmar?

Em comemoração ao cinquentenário da Faculdade de Ciência e Letras de Assis, planejada pela Comissão Organizadora e ocorrida no ano de 2008, o livro "A trajetória da Faculdade de Ciência e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro", fruto dessa ocasião, questionava logo em sua apresentação, entre textos e imagens, o porquê de comemorarmos.

Fundamentados nessa obra, que reúne diversas narrativas e discursos locais, analisamos uma universidade que reconhecia, há cinquenta anos, carregar um processo de transmissão incorporado desde a sua formação dos Institutos Isolados, os quais tinham o propósito de formar profissionais dotados de habilidade criativa, bem-informados, atualizados com capacidade crítica e preparados para uma ação inovadora e criativa (CORREA, 2006, pp.28-29 apud FERREIRA, 2012, p.34).

Ainda refletindo sobre o que comemoramos em 2008, o Prof. Antônio Celso Ferreira afirma, como ex-diretor e, à época, com cargo direto na reitoria da UNESP, que um Câmpus objeto de nossa pesquisa, criado segundo o modelo clássico da repartição dos saberes entre as Humanidades, Letras e Ciências, necessita se repensar institucionalmente, considerando-se as transformações no universo dos conhecimentos e as mudanças sociais e culturais aceleradas do tempo atual (FERREIRA, 2012, p.40).

Uma das grandes preocupações desta Academia pode ser traduzida pela seguinte pergunta: Como romper com o elitismo sem incorrer no rebaixamento intelectual? No artigo de Antônio Celso (2012), ampliar a visão sobre a universidade na qual atuamos era necessário para o *Plano Decenal de Desenvolvimento*, com a expectativa de que o nosso Câmpus não perdesse a oportunidade de se repensar e se atualizar continuamente. (FERREIRA, 2012, p. 42).

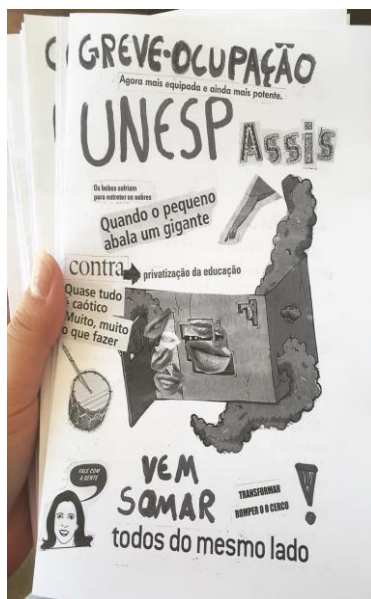


Figura 36- Fanzine



Figura 37- Refeição coletiva durante a ocupação

Situando-me dentro da barriga do monstro, passados dez anos, quando defendemos, em 2018, este trabalho acadêmico, estamos prestes a presenciar uma década que se finaliza para este Câmpus e, antes mesmo de nos perguntarmos o que temos para comemorar, necessitamos saber o que realmente mudou nestes últimos, o que se danificou, destruiu, minou, encerrando possíveis conexões com o desejo que havia em favorecer um modo de nos atualizarmos continuamente. Tendo em vista os movimentos de ocupação em 2013 e o golpe político que se instaurou no país no ano de 2016, temos que considerar que é de dentro deste operador, desta própria Academia e colegiado, que devemos questionar qual desejo foi possível afirmar durante a trajetória de 60 anos desta Universidade pública.

Em seus 60 anos, na UNESP Assis-SP, não buscamos fazer referência à Instituição como o monstro, mas, sim, à monstruosidade com que se tem danificado nosso desejo afirmativo de atualizar e repensar os caminhos da própria universidade pública. A produção de narrativas sobre modos de ocupação política do contemporâneo ressalta a importância de práticas coletivas afirmativas que correspondem a uma especulação de mundos e histórias vividas e germinadas no cotidiano. A possibilidade de potencializar pensamentos sobre mundos imaginados e sentidos nas estratégias reais de sobrevivência dá oferece à Psicologia uma ampliação clínica e política da produção social de subjetividades e singularidades moleculares em conexão, como vimos nas aproximações entre o mundo de monstruosidades dos povos originários e o mundo de monstruosidades no processo de formação.

O Prof. José Justo (2012) analisa que, nos 50 anos da FCL UNESP Assis-SP, dos anos 90 em diante, foi possível detectar sinais de mudanças acentuadas, já no movimento do desejo político do Câmpus. Acompanhando a tendência geral da universidade e, quiçá da era pós-

guerra fria, o ambiente universitário se tornou menos virulento, menos afeito ao debate, à polêmica, à crítica radical e ao ativismo político e cultural (JUSTO, 2012, p. 103).

Justo (2012) menciona que, há uma década, em 2008, o curso de Psicologia de Assis, de reforma em reforma, já aumentava sua carga horária acrescentando afazeres a alunos e professores, aprofundando a formação técnico-profissional. O xerox, à época, se impunha como ferramenta pedagógica como observamos ganhar adeptos, neste momento, os arquivos em PDFs. Os recursos de informática assumiram o lugar das cópias xerocopiadas. Também uma mentalidade produtivista se instalou, tendo o mercado de trabalho como referência maior (p.103).

Desde este processo, alunos e professores têm procurado aliados entre funcionários e a comunidade local para encontrar caminhos para resistir. Destacamos o trabalho que tivemos no ano de 2017, quando comemoramos os 40 anos de formação política no curso de Psicologia em nossa Universidade. Reconhecer nossas máquinas de guerra fez-nos potentes para uma semana de discussão; "Crise e (Re)Existência" incorporava a temática central do evento que abordou os 40 anos do curso em Assis-SP, afirmando circuitos possíveis de sensibilização para que nossos desejos, ou novos desejos, viessem a incorporar o modo de ser unespiano, em Assis-SP.

Essa dissertação trouxe algumas narrativas sobre a ocupação política do desejo materializada na ocupação política da UNESP, campus Assis, no ano de 2016. Abordamos práticas coletivas, cenários danificados pelo golpe político, é apenas uma das transmissões possíveis na cama de gato contemporânea, que ativa modos e expressões de uma cidadania inflamada e contaminada pelo rompimento de barreiras e pela re-sensibilização de mundos danificados. Foi escrita por um pesquisador que participou dos movimentos de ocupação, mesclando linhas autobiográficas, entrevistas e imagens de modo a compor um texto que não visou a ser um diagnóstico, mas uma narrativa possível desde uma determinada localização social.

Entre as narrativas que compõe estas histórias, encontramos também, aos poucos, um pouco de sonho digerido. Mas, o sonho do qual falamos aqui está mais próximo do sonho que nos transmitem as ontologias indígenas, do que o sonho das análises oníricas psicanalíticas. São narrativas que preservam, em seus modos de contar, imaginações, anseios, angústias e muito desejo, já apresentado como a vontade de “inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores” (GUATTARI, 1996, p.215).

Na relação que se estabelece entre as ontologias indígenas e a cosmologia onírica, articulamos a linguagem e o desejo, como uma possibilidade de encaixar nas narrativas os sonhos uma vida vivível.

EPÍLOGO: Incorporações e transformações no corpo do pesquisador.

É preciso antes de mais nada, acabar com a vida privada: é o começo e o fim da alienação social. Um grupo analítico, uma unidade de subversão desejante não tem mais vida privada: ele está ao mesmo tempo voltado para dentro e para fora, para sua contingência e sua finitude e para seus objetivos de luta. (GUATTARI, 1981, p.17).

Baseando-me em um processo no qual eu vivi, pela oportunidade de ingressar ao sistema universitário e público de ensino do Estado de São Paulo, encontrando nele uma formação política e crítica, reconheci uma riqueza em tornar-me psicólogo pesquisador no ano de 2016. Neste mesmo ano, investi no objeto das práticas coletivas e a força micropolítica local. Eu, que não havia tido a oportunidade de aprender as tecnologias das iniciações científicas, ligado a uma formação mais prática do que técnica, encaminhei um projeto, a princípio, sobre educação menor e processos coletivos na universidade. Com a possibilidade do mestrado acadêmico, uma riqueza, até então não conhecida e comentada, invadiu-me o corpo, por meio do grupo de pesquisa e das orientações coletivas que recebíamos. Assim, aos poucos, a linguagem e o circuito foram dando a frequência necessária para incorporar, em minha carne, o que havia de cidadania *ciborgue*. Quando digo *incorporar* é dizer, ao mesmo tempo, que não só em minha vida privada: em meu quarto na frente do computador, escrevendo estas últimas considerações a respeito da ocupação política do desejo e da cidadania que Haraway afirmou estar manifestado no *ciborgue*, mas também em meu cotidiano, em minhas relações, olhares, escutas e falas. Quando possível, sou a incorporação dessas tecnologias de sobrevivência nesta ‘densa época do agora’.

Finalizar este trabalho com a intenção de, após ter declarado meu interesse *ciborgue* pela pesquisa e ter percorrido modos de ocupação deste desejo no contemporâneo, requer ainda contar como pesquisador o quanto se incorpora o interesse *ciborgue* em minha clínica ampliada, em minhas relações políticas, em minha prática coletiva, em minha linguagem contra-hegemônica, em minhas veias abertas que circulam e pulsam uma subversão ao sistema colonizador e branco em minha região, que vem danificando as vias de entrada e saída de formação pública em nível superior no Estado de São Paulo. Se estiver incorporado alguma borrasca entre fronteiras, isto se deve a esta pesquisa e às narrativas que nelas hibridizei.

Pesquisar movimentos de circuitos *ciborgues*, no desejo de jovens universitários da rede pública do Estado de São Paulo, enriqueceu diálogos a respeito de tantos desdobramentos. Isso aconteceu de modo molecular e contagioso, mais do que por reprodução ou apego a uma teoria em particular.

Com o *ciborgue*, inflamei meu corpo, meus poros entraram literalmente em erupção. Jorrei o que tinha de inflamado na pele, aquilo que doía e contaminava. Desenhos surgiram. Figuras e imagens contaminavam-se de estranhas linguagens para tatear a política. Doía ter graus de inteligibilidade que se manifestava no corpo: viver todo este processo de contar o que havia sido danificado; as transmissões que estavam sendo restritas; os encontros que, constantemente, vêm sendo criminalizados; o desconforto dos colegas em assembleias cujas pautas precisavam ser analisadas; e o golpe político que danificou toda uma economia de desejo que ousamos ocupar em 2016. Onde, além do que é privado ao meu corpo, poderia encontrar formas saudáveis de contar e narrar estes processos de desejo que são potentes acima de tudo?

Encontrar-me com aliados para as transmissões prosseguirem, sejam elas: orientações, entrevistas, rodas de conversas, comissões - uma camada densa de desejo que provoca o movimento *ciborgue* em velocidades múltiplas, em direções trans, em linhas de linguagens táteis-, fortaleceram o que visualizei de circuito e rede *ciborgue*, que me acompanha na luta independente de estarmos ou não dentro do monstro, uma vez que o posicionamento continua sendo o mesmo, isto é, 'contra' o sistema colonizador e deformador das políticas de desmonte no Brasil, para as minorias que, no presente, lutam por resistir.

Com este recorte, diferi-me dos militantes que incorporam mais identidades. Visualizei-me como pesquisador ativista, que no âmago da análise, se coloca como próprio dispositivo de luta, sendo esta uma dedicada ação do pesquisador de interesse *ciborgue*.

Que recursos podem ser renováveis, que terras podem ser reflorestadas, que retratação histórica esperamos da parte dos que dominam os sistemas? Se não há mais intenções de comemorar, o que os 60 anos da Universidade poderiam afirmar de planos futuros? Finalizo a dissertação contando sobre o desejo de subverter e também de me atualizar, quando, talvez, estivermos trancados em nossos gabinetes e ousarmos escutar os gritos desesperados de algum corpo em surto, não importando qual seja. Minha cidadania do tipo *ciborgue* também ousará se incomodar em por em xeque o sistema binário dos eventos qualificativos da vida em pesquisa. Nada é neutro, estou contaminado e sensibilizado para um mundo danificado que deseja ocupar o presente com transmissões urgentes, gritantes ou silenciosas, mas que lutam por permanecer com este problema.



Figura 38- Uma restrição sobre a restrição

ANEXO A- O conto do devorador de cabeças

Era uma vez, num lugar não muito longe daqui, uma floresta encantada com árvores de ciência, de sapiência, de sabedoria e de conhecimento. Seu nome era Floresta dos Saberes. Dizia-se que nessa floresta “qualquer” humano que comesse um fruto das respectivas árvores passaria do estado de humano para o de demasiado-humano. Houve um tempo em que a floresta começou a produzir muitas árvores excedendo quanto ao número de frutos que os demasiados-humanos conseguiram comer. Foi então que esses já senhores de si (os demasiado-humanos) trataram de pensar na hipótese de trazer novos humanos para o local, para que a produção não se perdesse. Acontece que com medo de dividir o fruto e ver seus status dividido no demasiado-humanos resolveram que não seriam mais ‘qualquer’ humano que ingressaria na floresta. O critério foi achar humanos sem cabeça, para que no lugar delas fosse colocada a dos próprios demasiado-humanos pois com novos corpos eles poderiam comer mais frutos fazendo assim um monopólio dos saberes... Ao sair para os lugares a procura de humanos sem cabeça, aparentemente nenhum foi encontrado. Decidiu-se então por comer cabeça daqueles humanos que haviam sido encontrados primeiramente. O que não esperavam era que dentro dessas cabeças haviam todo tipo de coisas: Pensamentos, sentimentos, relacionamentos, anseios e outros tipos de excrementos mais Decepcionados com isso, porém agora com fome de cabeças e não mais de saberes, esses seres tornaram-se viciados, famigerados comedores de cabeça, formando assim uma aristocracia de verdade (encontradas nos- com frutos). Eles também não esperavam que de cabeça pra cabeça os conhecimentos iam diminuindo, minguando, pois não deram chance dos humanos comerem diretamente os frutos das ditas árvores, enquanto o vício de comer cabeça passava de geração pra geração até chegar ao ponto de comprometer a própria existência da humanidade. Para evitar isto, seria necessário estender esse aviso em forma de conto aos quatro cantos do planeta na contra-mão das investidas dos demasiado-humanos. Para além disso, temos que cada vez mais tentar pensar com nossas próprias cabeças e em conjunto-coletivo, não deixando que nossas cabeças corram o risco de se perder, sendo roubadas, comidas, deixadas de lado, ou simplesmente trocadas-transvestidas por outras... Como a floresta é para todos, não desmate-a e como o perigo é constante, cuidado para não pisar em cabeças por aí-aqui.

Sobre o autor: Márcio José Balduino, integrante da ocupação em 2016, membro de coletivos anarquistas e de agroecologia, aluno com sua formação concluída em História pela FCL UNESP Assis-SP e aguarda a colação de grau para 2019.

Referências bibliográficas

- ADRIÃO, K. G. **Perspectivas feministas na interface com o processo de pesquisa-Intervenção-pesquisa com grupos no campo Psi**. Revista de estudos feministas/ Julho-dez 2014- Disponível em <<http://www.labrys.net.br/labrys26/psy/KARLA.htm>> Acesso em 20 de Nov. de 2016.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGUIAR, K. F. **Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise**. Psicol. cienc. prof. vol.27 no.4 Brasília Dec. 2007. Disponível em [<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932007000400007>] acesso em 15 de Novembro de 2016.
- ANZALDÚA, G. **La consciencia de la mestiza / rumo a uma nova**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.13, n.3, pp. 704-719, Dec. 2005.
- ARENDE, R.; MORAES, M.; TSALLIS, A. **Por uma psicologia não moderna: o PesquisarCOM como prática meso-política**. In: Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol.15. 2015
- BONI, V. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 n 1 (3), Janeiro-julho/ 2005, p. 68-80.
- BONORANDI, G. **A criatividade da multidão: redes, revoltas e afetos**. Revista Lugar Comum, n. 43. pp. 73-84. Universidade Nômade. 2015. Disponível em [http://uninomade.net/wp-content/files_mf/1426309775Acriatividadedamultid%C3%A3oredesrevoltaseafetosGiulianoDjahjahBonorandi.pdf] acessado em 20 de julho de 2016.
- CAMARGO, A. C. **Félix Guattari: O capitalismo mundial integrado**. Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar (2011) Disponível em [<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/andrecamargo.pdf>] Acesso em 20 de Setembro de 2016.
- CANO, D. M. G. **Cidade Inovadora: Uma criatura em movimento**. Instituto Federal de Mato Grosso - Instituto de Linguagens. Programa de pós-graduação em estudos de cultura contemporânea. Cuiabá-MT, 2016.
- CARLOTTI, T. **O desmonte das políticas sociais, emancipatórias e culturais**. [20 de junho, 2016]. Carta Maior [online]. Disponível em <<https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FO-desmonte-das-politicas-sociais-emancipatorias-e-culturais%2F4%2F36307>> Acesso em 10 de agosto de 2018.
- CFP, **Nota do CFP sobre o atual momento da conjuntura política e social brasileira**. Conselho Federal de Psicologia. Nota do dia 19/03/2016. Disponível em [<http://site.cfp.org.br/nota-do-cfp-sobre-o-atual-momento-da-conjuntura-politica-e-social-brasileira/>] acesso em 10/10/2016.
- CHAUÍ, M. **A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo**. In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). Por que gritamos golpe? : para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- COHEN, J. J. **A cultura dos monstros: sete teses**. In: SILVA, T. T. da (org.). Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COMITÊ INVISÍVEL: **Aos nossos amigos. Crise e insurreição**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- Conheça 10 dos 14 condutores da Tocha Olímpica em Assis**. Assis City, Assis, 08 mai. 2016. Notícias, Esporte. Disponível em <<https://www.assiscity.com/?b=57656>>, acessado em 07 de março de 2018.

- CORREA, Anna Maria M. **UNESP, 30 anos- memória e perspectivas**. Editora UNESP. 2006. Disponível em <http://www.cedem.unesp.br/#!/publicacoes/unesp-30-anos/> acesso em 10 de novembro de 2016.
- DAL RI, N. M. **Sindicato, Autonomia e Gestão Democrática na Universidade**. 1997. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2014
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 176p
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010. 560p
- DELIGNY, F. **Permitir, trazer, ver**. Barcelona: MACBA, 2009.
- DESPRET, V. **Leitura etnopsicológica do segredo**. Fractal: Revista de Psicologia, v.23, n.1, 2011. pp.5-28
- DESPRET, V. **Os dispositivos experimentais**. Fractal: Revista de Psicologia, v.23, n.1, 2011. pp.43-58
- DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DOS SANTOS, C. J. F. **Nem tudo era italiano**. São Paulo e pobreza (1890-1915). 3ª ed. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 2008. 196p
- FERIGATO, S. H.; CARVALHO, S. R. **Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões**. *Interface (Botucatu)* [online]. vol.15, n.38, pp. 663-676. 2011, Epub Sep 23, 2011. ISSN 1414-3283. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832011005000037> acesso em 15/09/15.
- FERNANDES, F. **Universidade Brasileira: reforma ou revolução?** Ed. Alfa-Omega, S. Paulo, 1975.
- FERRARO, K. P. **Movimento Estudantil, Gestão Democrática e Autonomia**. Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.
- FERREIRA, A. C. **Os desafios educacionais do ensino superior e a FCL: entre o passado e o futuro**. In: SILVA, Z. L. da; FERREIRA, S. A. (orgs.). *A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro*. Assis: UNESP-Campus de Assis, 2012. pp. 29-42
- FOUCAULT, M. **O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista**. *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*, v.1, n.1, 1993. pp.197-200
- GALINDO, D. **Ciborgues como figuras de borda**. *Athenea digital: revista de pensamiento y investigación social*, Espana, v. 4, p. 1-17, 2003.
- GALINDO, D.; MILIOLI, D. **Para esquecer futuros salvíficos, e permanecer com o problema**. In: RASERA, E. F.; P, M. de S.; GALINDO, D. *Democracia participativa, estado e laicidade: Psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção*. Porto Alegre: 2017. pp. 243-262
- GALINDO, D.; SOUSA, L. L. **Amores de folhetim, contribuições construcionistas**. *Quaderns de Psicologia*, v. 19, p. 21-34, 2017.
- GORDILLO, G. **A revolução como um evento ressonante: a materialidade generativa das insurreições**. *Revista Esferas* Ano 4, n &, Julho-Dezembro de 2015. Disponível em < <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/issue/view/417> > Acesso em 25 de Abril de 2016.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo** Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- GUATTARI, F. **Caosmose. Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

- GUATTARI, F. **Revolução molecular. Pulsações políticas do desejo.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, F. **Líneas de fuga: por otro mundo de posibles.** - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2013.
- GUMIERO, G. B. **Nas entranhas da máquina capitalista: entre sujeição social e servidão maquínica.** 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas
- GUIMARAES, R. S. de. **Por uma Psicologia decolonial: (des) localizando conceitos.** In E. F. Rasera, & M. de S. Pereira, & D. Galindo (Orgs.), Democracia participativa, estado e laicidade: Psicologia Social e enfrentamentos em tempos de exceção. Porto Alegre: Abrapso Editora. (2016).
- HARAWAY, D. J.; **A game of cat's cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies.** Configuration Vol.2, Number 1, Winter 1994. pp. 59-71.SLSA- (Tradução realizada pelo Labtecc para finalidade didática. Mimeo).
- HARAWAY, D. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes.** In: ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3, n. 5. 2016. pp. 139-146
- HARAWAY, D. **Cama de Gato: Estudos de ciências, teoria feminista, estudos culturais.** Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Configuration Vol.2, Number 1, Winter 1994. pp. 59-71.SLSA- (Tradução realizada pelo Labtecc para finalidade didática. Mimeo).
- HARAWAY, D. **Entrevista.** [21 de agosto, 2014]. Entrevista concedida a Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski. Exibida no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra, 18 de setembro, 2014.
- HARAWAY, D. **Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.** In: TADEU, T. (org.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu (5), 1995. pp. 07-41
- HARAWAY, D. **SF.** Registro em vídeo, acessado em 05 de março de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=K1atjLfbNxE>>
- HARAWAY, D. **SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far.** Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology, No.3, 2013.
- HARAWAY, D. **Staying with the Trouble. Making Kin in the Chthulucene.** Durham and London: Duke University Press, 2016
- HARAWAY, D. **The companion species manifesto. Dogs, people and significant otherness.** Trad. Sandra Michelli da Costa Gomes. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HANCOCK, G. **Sobrenatural: encontros com os antigos mestres da humanidade.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2011.
- JINKINGS, I. **O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe.** In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). Por que gritamos golpe? : para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2016.
- JOB, N. **Confluências entre magia, filosofia, ciência e arte: a ontologia onírica.** Rio de Janeiro: Cassará, 2013
- JUSTO, J. S. **50 anos do Câmpus - 42 anos do curso de Psicologia.** In: SILVA, Z. L. da; FERREIRA, S. A. (orgs.). A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro. Assis: UNESP-Campus de Assis, 2012. pp. 85-110

- KAPIL, B. **Incubação: um espaço para monstros**. A Bolha Editora: Rio de Janeiro. 2011. 104p
- KING, K. **Pastpresents: playing catscradle with Donna Haraway**. *Women's Studies* 2011, University of Maryland, College Park Essay written for *Thinking with Donna Haraway*, Webfestschrift online disponível em [<http://playingcatscradle.blogspot.com.br/>] acesso em 28 de abril de 2017.
- LAZZARATO, M. **Sígnos, máquinas, subjetividades**. São Paulo; Helsinque: n-1 Edições; Edições Sesc São Paulo, 2014.
- MAYERHOFFER, M. **A ocupação da política e o objeto a**. 2017. Disponível em <http://uninomade.net/tenda/a-ocupacao-da-politica-e-o-objeto-a/>
- MENDES, A. F. **Ocupações estudantis: novas assembleias constituintes diante da crise?** 2015. Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/ocupacoes-estudantis-novas-assembleias-constituientes-diante-da-crise-2/>>
- MIGUEL, L. F. **A democracia na encruzilhada**. In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MILIOLI, D.; GALINDO, D. **Ecologia na barriga do monstro: pistas a partir de Donna Haraway, Lynn Randolph e Glória Anzaldúa**. In: GUIMARÃES, L. B.; KRELLING, A. G.; PEREIRA, J. C.; DAL PONT, K. R. (Orgs.). *Ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens*. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- MORAES, M. **PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual**. In: Moraes, M. e Kastrup, V. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- NARVAZ, M.G. KOLLER, S. H. **A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea**. *Revista Psico*, Porto Alegre, v.38, pp 216-223, set/dez, UFRGS, 2007.
- NEVES, S. NOGUEIRA, C. **Metodologias feministas na psicologia social crítica: a ciência ao serviço da mudança social**. *ex aequo* n.11. Portugal, 2004. pp. 123-138
- NÔMADE, Universidade. **Quando a trama da terra treme**. *Revista Lugar Comum* n.º 48 – 2016.2 14. Disponível em <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/147096478800Quando%20a%20trama%20da%20terra%20treme%20-%20Universidade%20N%C3%B4made.pdf> Acesso em 20 de Julho de 2016.
- NOMADE, Universidade. **Manifesto para uma universidade Nômade**.2003. Disponível em <<http://uninomade.net/quem-somos/>> acesso em 10 de Abril de 2016.
- ONETO, P. D. **A Nomadologia de Deleuze-Guattari**. In: *Lugar comum* n° 23-24, jan 2006-abr 2008
- ORTELLADO, P.; SOLANO; E.; MORETTO, M. **Uma sociedade polarizada?** In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- OS 23 perseguidos falam juntos pela primeira vez após condenação**. [19 de julho, 2018]. *Carta Capital* [online]. Disponível em <<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/07/19/os-23-perseguidos-falam-juntos-pela-primeira-vez-apos-condenacao/>> Acesso em 10 de agosto de 2018.
- PASSOS, E. **Quando o grupo é a afirmação de um paradoxo**. In: BARROS, R.B. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2007, p. 11-19.
- PAULON, Simone M. **Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos**. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. v. 10, n.1 (2010). Disponível em

[<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9019/7455>] acesso em 15 de novembro de 2016. .

PELBART, P. P. **Carta aberta aos secundaristas**. In: Série Pandemia. São Paulo: n-1, 2016

PELBART, P. P. **Estamos em guerra**.

RIBEIRO, D. **Avalanche de retrocessos: uma perspectiva feminista negra sobre o impeachment**. In: JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

RIBEIRO, D. **O lugar da fala e outros lugares: entrevista**. [18 de maio, 2017]. Entrevista concedida a Aray Nabuco, Lu Sudré e Nina Fideles. Disponível em <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/9930-djamila-ribeiro-o-lugar-da-fala-e-outros-lugares>>, acessado em 18 de maio, 2018.

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica**. In: Série Pandemia. São Paulo: n-1, 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina Ed. da UFRGS, 2006. .

ROLNIK, S. **Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer....** In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). Imagens de Foucault e de Deleuze. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.309-323.

ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. v.1, n.1, 1993.

SAAVEDRA, L, NOGUEIRA, C. **Memória sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras**. Memorandum, 11, 113-127. Univerdidade do Minho Portugal, 2006.

SANDOVAL, C. **Nuevas ciencias. Feminismo cyborg y metodología de los oprimidos**. In: RONCO, R. M.; SANCHO, H. R. F.; RUFO, A. S.; GIMENEZ, M. S. (trad.). Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras. Traficantes de Sueños: Madrid, 2004.

SANTOS, R. M. dos. **Meios de comunicação e política nas crônicas de Rachel de Queiroz**. In: ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História, 2009, Fortaleza.

SILVA, M. R. da. **Refigurando monstros: a perspectiva parcial de Donna Haraway como crítica da ciência**. 2009. 116f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SIQUEIRA, H. **Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico**. Revista Configurações n.08. Universidade do Minho, Portugal. Out. de 2012.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133p

STENGERS, I; DESPRET, V. **Gostasas da vez**. Entrevista com Isabelle Stengers e Vinciane Despret. Revista DR, n.1, 2011. pp.10-19

VICENTE, L.M. D. **Histórias insurgentes: Feministas vadias e tecnologias digitais**. Revista Esferas Ano 4, n &, Julho-Dezembro de 2015. Disponível em <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/issue/view/417>> Acesso em 25 de Abril de 2016.

VANDER VELDEN, F. F. **Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapinguari no sudoeste amazônico**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 1, p. 209-224, jan.-abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222016000100011>.

VEGINI, V.; VEGINI, R.; FERREIRA NETTO, W. **O monstruoso Mapinguari pan-amazônico: uma sucessão de adaptações aloíndigenas**. Porto Velho: Temática, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **O nativo relativo**. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, abr. 2002.

ZOURABICHVILI, F. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: 2004. IFCH-UNICAMP. Digitalização e disponibilização da versão eletrônica por Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação.